




Coleção
Documentos

63

A PRESENÇA DA CANHONEIRA *PANTHER* E A QUERELA DIPLOMÁTICA BRASILEIRO-ALEMÃ NA PERSPECTIVA DAS EMPRESAS DE O MALHO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS

CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**A PRESENÇA DA CANHONEIRA
PANTHER E A QUERELA
DIPLOMÁTICA BRASILEIRO-ALEMÃ
NA PERSPECTIVA DAS EMPRESAS
DE *O MALHO***





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves

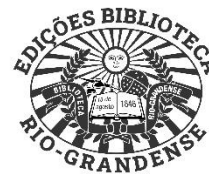
**A PRESENÇA DA CANHONEIRA *PANTHER* E
A QUERELA DIPLOMÁTICA BRASILEIRO-
ALEMÃ NA PERSPECTIVA DAS EMPRESAS
DE *O MALHO***



- 63 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2022

Ficha Técnica

Título: A presença da canhoneira *Panther* e a querela diplomática brasileiro-alemã na perspectiva das empresas de *O Malho*

Autores: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 63

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO, 16 dez. 1905 e 23 dez. 1905

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2022

ISBN – 978-65-89557-50-0

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

APRESENTAÇÃO

O contexto histórico da virada do século XIX ao XX trazia consigo “a situação de concorrência internacional exacerbada que produziu a vaga imperialista”, a qual “lançou as bases para os conflitos político-militares que rebentaram na I Guerra Mundial”¹. Diante da conjuntura imperialista mundial, “o Brasil desfrutava de pouca autonomia” e, “no terreno das suas relações econômico-financeiras com a Europa, atingiu um nível de extrema fragilidade”, de modo que “a autonomia nacional poderia ser exercitada apenas no contexto sub-regional”². Desde a proclamação da República, a política externa brasileira passaria por uma etapa de modificações em sua orientação, uma vez que os novos detentores do poder, em oposição à forma de governo decaída, intentavam um certo desprendimento da hegemonia europeia, em busca da sustentação de um ideal pan-americano, o qual acabaria ficando reduzido a uma aproximação com os Estados Unidos.

Entre 1902 e 1912, a diplomacia brasileira teve a sua frente o chanceler Barão do Rio Branco, cujo prestígio permitiu sua continuidade no poder, mesmo com a alternância dos ocupantes da cadeira presidencial. À frente do Ministério das Relações Exteriores, Rio Branco chegou a imprimir um modelo para a política exterior nacional, cujas “grandes linhas foram a busca de uma supremacia compartilhada na área sul-americana”, a “restauração do prestígio internacional do país”, a “intangibilidade de sua soberania”, a “defesa da

¹ KRIPPENDORFF, Ekkehart. *História das relações internacionais*. Lisboa: Edições Antídoto, 1979. p. 131.

² CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *A política externa brasileira (1822-1985)*. São Paulo: Ática, 1986. p. 53-54.

agroexportação” e “a solução de problemas lindeiros”. Nessa época ocorreu “o estreitamento das relações com os Estados Unidos”, a qual “atendia aos interesses das oligarquias dominantes do sistema político brasileiro”, uma vez que o Brasil, estando “na periferia do sistema capitalista e exportador de produtos tropicais, de acordo com a divisão internacional do trabalho estabelecida em fins do século XIX, tinha naquele país seu mais importante mercado consumidor”³. Assim, tal aproximação com os Estados Unidos teve por característica um pragmatismo, uma vez que o Ministro que chefiava os assuntos estrangeiros do país “compreendeu cabalmente a relação entre o comércio e a diplomacia”, vindo a classificar “Washington, imediatamente, como a capital mais importante para a diplomacia brasileira”⁴.

Com relação ao imperialismo, “em termos gerais, Rio Branco receava, como seus contemporâneos, o perigo exterior, embora não tenha explicitado contra qual potência extracontinental dever-se-ia precaver”, em um contexto pelo qual “o temor do expansionismo europeu era um sentimento bem vivo à época”⁵. As cuidadosas negociações diplomáticas que visavam à consolidação das fronteiras brasileiras envolviam também questões com potências europeias,

³ CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p. 177-178.

⁴ BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História geral da civilização brasileira – O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. 2.ed. Rio de Janeiro; São Paulo: DIFEL, 1978. p. 379.

⁵ BUENO, Clodoaldo. As noções de prestígio e soberania na política externa de Rio Branco (1902-12). In: CERVO, Amado Luiz & DÖPCKE, Wolfgang (orgs.). *Relações internacionais dos países americanos: vertentes da história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. p. 48.

como foi o caso da Inglaterra e da França nas regiões lindeiras à Guiana Inglesa e a Francesa, e mesmo com a presença de capital internacional oriundo do velho continente, nas tratativas em torno da solução do território do Acre com a Bolívia. Além disso houvera a presença britânica na Ilha da Trindade, a qual gerara atrito nas relações entre as duas nações, resolvida perante o arbitramento internacional. Nesse sentido, o chanceler brasileiro era cauteloso ao tratar de temáticas que envolvessem os interesses imperialistas europeus.

Nessa conjuntura, ao final de 1905, um evento ocorrido em um porto de pequena localidade sul-brasileira, o qual parecia de pequenas proporções, viria a gerar um estremecimento nas relações diplomáticas brasileiro-alemãs. Durante a visita da canhoneira germânica *Panther* à Itajaí, em Santa Catarina, militares da belonave, desceram à terra, sem autorização das autoridades locais, supostamente, em busca de apreender um desertor, vindo a promover atos violentos e uma prisão ilegal. O comando do navio de guerra alemão já tinha antecedentes quanto a atitudes semelhantes em outras oportunidades nos territórios de países da América Central e do Sul e, em pouco tempo, o incidente ocorrido em Itajaí viria a ganhar proporções, mormente a partir da imprensa, gerando uma verdadeira cruzada contra a intervenção germânica, considerada como contrária aos ditames do direito internacional e atentatória à soberania brasileira.

Passaram a ocorrer diversas tratativas para a solução da querela diplomática, havendo forte pressão da opinião pública para tomada de atitudes de parte do governo brasileiro diante do desacato alemão. Além da Alemanha

constituir uma das nações europeias em plena expansão imperialista, havia também a sua prática em torno da cidadania e incorporação nas forças militares de populações de origem germânica que migraram para outros territórios. A presença da canhoneira no sul do Brasil, região com grande intensidade de colônias alemãs, gerava mal-estar, uma vez que “nas relações entre as nações, o ponto de partida é a desconfiança”, a qual traz consigo uma série de dúvidas quanto ao “desejo de negociar”, aos “objetivos reais” e ao “desejo de solução definitiva”⁶. Após idas e vindas, o Caso *Panther* acabaria por ser solucionado, com a diplomacia brasileira considerando aceitáveis as decisões do governo alemão. Para o Brasil, ficavam “salvas as aparências”, uma vez que o mesmo ainda não dispunha, “na hierarquia internacional, de influência suficiente para merecer um desagravo ou obter uma reparação política à altura da ofensa sofrida”, bem como não possuía “crédito bastante para provocar uma categórica intervenção dos Estados Unidos junto ao governo alemão”⁷. Este livro aborda as reações da imprensa brasileira, representada por dois periódicos pertencentes à mesma empresa, *O Malho* e a *Leitura para todos*, diante da querela diplomática em pauta.

⁶ DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo o império perecerá: teoria das relações internacionais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 303-304 e 306.

⁷ JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 110.

ÍNDICE

<i>O Malho</i>	17
<i>Leitura para todos</i>	127

O MALHO

O Malho, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1954⁸, foi uma das mais importantes revistas ilustradas impressas no Brasil, trazendo uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentando significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. O instrumento que dá título à publicação equivale a um martelo de grandes dimensões utilizado pelo ferreiro, devendo ser manejado com ambas as mãos, ao passo que a bigorna consiste em um objeto de ferro no qual são malhados e amoldados metais. A denominação do periódico também vinha ao encontro da expressão “malhar” que, além de bater com malho, significa também, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação.

Simbolicamente, o malho ou o martelo constituem um “instrumento próprio do ferreiro e dotado de um místico poder de criação”⁹, e sua figura traz consigo uma relação com a “atividade celeste” e a “fabricação do raio”. Nesse sentido, “o martelo representa a atividade formadora ou demiúrgica”, podendo também constituir “o método, a vontade espiritual acionando a faculdade de conhecer, que recorta em ideias e conceitos e estimula o conhecimento distintivo”. Ainda sob a perspectiva simbólica, uma outra interpretação para o malho está vinculada ao “símbolo da inteligência que age e persevera”, a qual “dirige o pensamento e anima a meditação daquele que, no silêncio de sua

⁸ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

⁹ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 374.

consciência, procura a verdade”¹⁰. A imagem normalmente associada ao malho, inclusive nas gravuras da revista ilustrada carioca, a da bigorna, apresenta em si o “símbolo da terra e da matéria”, correspondendo “ao princípio passivo e feminino, por contraposição ao martelo, de caráter fecundador”¹¹. Assim, “a bigorna aparenta-se à feminidade” e à passividade, da “qual sairão as obras do ferreiro, princípio masculino”, revelando-se “como um princípio passivo a ser fecundado, em que “o ferreiro, tal como o raio, seria o princípio ativo e fecundante”¹².

A circulação de *O Malho* iniciou a 20 de setembro de 1902, fundado por Luís Bartolomeu, trazendo um conteúdo humorístico, que se tornou também político, a partir de 1904. A revista contou com a colaboração de nomes como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Menezes e Bastos Tigres. No que tange ao desenho, atuaram na sua edição iconográfica Raul, Calixto, J. Carlos, Crispim do Amaral, J. Ramos Lobão, Leônidas Freire, Gil, Alfredo Storni, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Seth, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, Luís Peixoto, Nassara, Théo, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres Guevara, ou seja, “ao longo de toda a sua existência”, contou “com os maiores caricaturistas da época”. A folha envolveu-se em várias questões políticas, como no caso da Campanha Civilista, combatendo a candidatura de Rui Barbosa. A direção do periódico, desde 1918, coube a Álvaro Moreyra e J.

¹⁰ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 577-578.

¹¹ CIRLOT, p. 118.

¹² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 132.

Carlos e, durante a República Velha, “*O Malho* foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica”¹³.

Como folha ilustrada, *O Malho* fez parte do conjunto de revistas que “entretinham com informações leves e, sobretudo, apuro gráfico”. Em tais periódicos, “os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que o texto”¹⁴. A afirmação da revista ilustrada carioca deu-se em uma conjuntura marcada pelo “crescimento e diversificação do mercado editorial”, que se “assentaram no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor”¹⁵. Nessa época, “os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se auto-referenciam”, em um quadro pelo qual, “passam a ser cada vez mais ícones de modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo”¹⁶.

A partir da instauração da forma de governo republicana, a “representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões” e, além disso, houve um “significativo incremento da imprensa, mediante o

¹³ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

¹⁴ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 91.

¹⁵ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104.

¹⁶ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22.

aperfeiçoamento tecnológico das oficinas gráficas”, o qual “praticamente acompanha a intensificação do crescimento urbano do país”. Assim, “a tradição da representação humorística ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas”¹⁷. Nesse contexto, *O Malho* “vingou e prosperou” e, “para isso, teve de fazer-se profundamente popular”, aproximando seu norte editorial de segmentos sociais vinculados ao mundo do trabalho e aproximando-se de sociedades artísticas e recreativas, lançando mão do recurso da fotografia, além da própria caricatura¹⁸. Tal “feição popular, pela qual se tornaria imensamente difundido em todo o Brasil, já se firmara desde 1905”, levando “o homem da rua” a gozar do “espetáculo daqueles figurões, proclamando alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional”¹⁹.

Ao refletir caricaturalmente a vida na capital federal, *O Malho* trazia uma perspectiva do Brasil como um todo, de modo que a “transgressão mantida pelo humor visual” mostrava um Rio de Janeiro que, “como outros núcleos administrativos, comerciais e industriais, possuía um dinamismo demográfico singular”, ao assumir “o papel de ‘cartão postal’ do país” e “apresentando-se

¹⁷ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

¹⁸ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

¹⁹ LIMA, v. 1, p. 146.

como maior exemplo da modernidade nacional, síntese do país em dia com o mundo”, ou seja, “apresentável para estrangeiros e digno objeto para a contemplação (e submissão) de seus habitantes”²⁰. Como caixa de ressonância do Brasil, o Rio de Janeiro, por meio de suas revistas ilustradas e humorísticas, mostrava que se a República fora “o paradigma da modernidade para os opositores da Monarquia”, os anos iniciais da nova forma de governo traziam consigo “o paraíso e o inferno desta utopia”, notadamente com a continuidade “do poder político de caráter oligárquico controlado por latifundiários”²¹.

Nessa conjuntura, no século XX, *O Malho* foi, “politicamente, de uma importância comparável à da *Revista Ilustrada*”, mais importante publicação de seu gênero na centúria anterior, de modo que, já “a partir de 1904, constituiu a maior força política de combate, mercê de suas famosas charges assinadas por todos os grandes nomes da caricatura nacional”. Nesse sentido, nada poupava “aos adversários, como no caso da Campanha Civilista, combatendo Rui Barbosa, e na Revolução de 1930, ridicularizando os candidatos da Aliança Liberal”. Desde 1918, adquiriu “feição mais literária e mundana, embora sem perder nada do antigo interesse político, pela continuação das sátiras”, ao manter “o velho tom polêmico”. Suas “críticas tiveram uma tremenda repercussão em todo país” e “*O Malho* teria uma parte muito importante na política, nos pródromos da Revolução de 1930, não porque se batesse por ela,

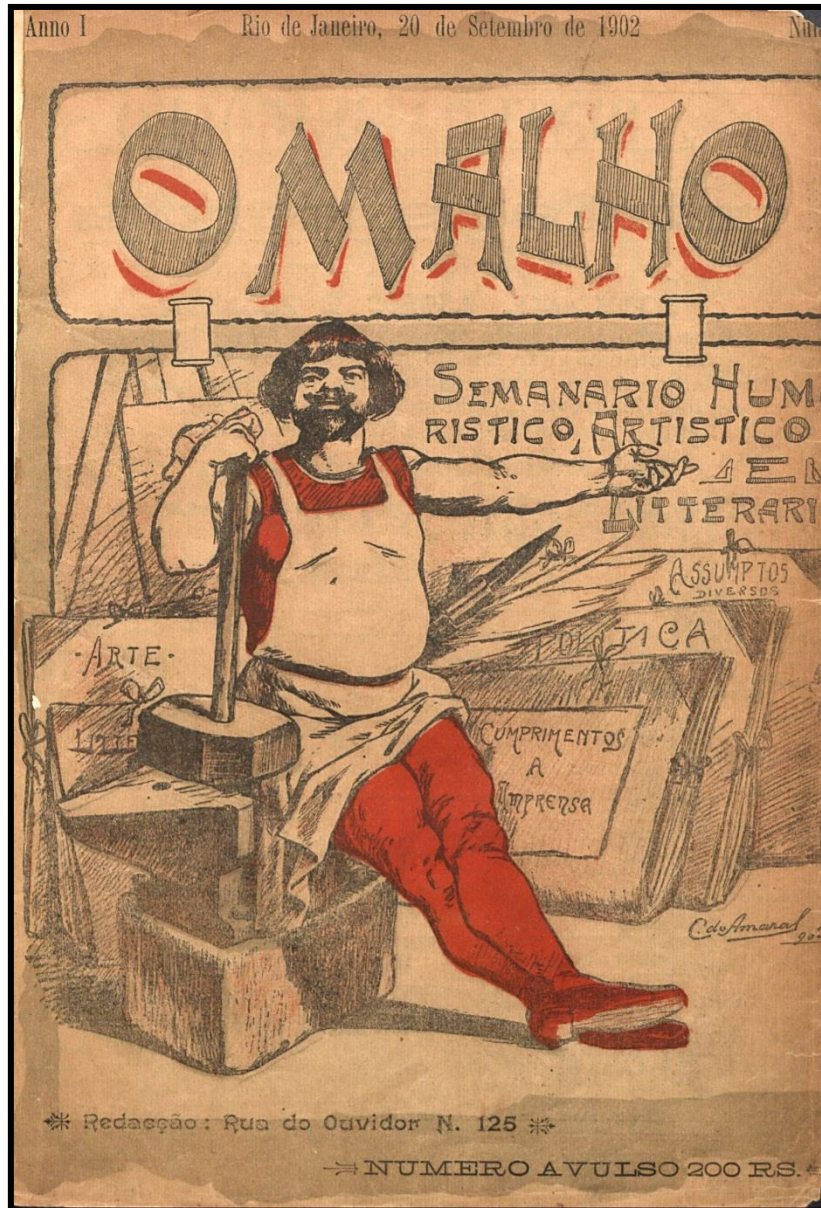
²⁰ SILVA, Marcos A. da. *Caricatura República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

²¹ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 31.

mas, justamente ao contrário, porque defendia o governo Washington Luís". Nessa época, suas "sátiras terríveis" ridicularizavam as principais lideranças da Aliança Liberal, muitas das quais se transformariam em comandantes do movimento revolucionário vitorioso. Tal postura custaria caro à empresa jornalística, pois esteve entre os vários empreendimentos jornalísticos que foram empastelados e incendiados, vindo a sua circulação a ficar interrompida, desde os meses finais de 1930 até os iniciais do ano seguinte. Após retomar as suas edições, o periódico, tendo em vista a situação política nacional, desde os anos 1930 "ao fim do Estado Novo, tornou-se quase que exclusivamente literário e de atualidade, para no final de sua existência enveredar novamente pela política"²².

A primeira capa de *O Malho* destacava os fulcros editoriais da publicação, anunciada como "semanário humorístico, artístico e literário", propondo-se também a tratar de política e assuntos diversos. De avental, o responsável pela folha tinha a postos a pena e o crayon, designando respectivamente as ações dos escritores e dos caricaturistas, além de trazer à mão o martelo, apoiado em uma bigorna, em alusão ao título da revista.

²² LIMA, v. 1, p. 144-149.



Em sua apresentação, a revista dizia ser “praxe que um jornal” trouxesse o seu programa, no qual desfiava “boquiaberto um rosário de promessas”, mas, em oposição e como um “iconoclasta de nascença”, pretendendo “atacar e destruir a praxe”, afirmava que não iria expressar seu conteúdo programático. Nesse sentido, conforme “o seu nome bem o indica”, se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, destacando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Pretendia ainda contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas²³.

Ao completar seu primeiro aniversário, a redação do periódico declarava que se tratava de uma “existência decorrida por entre estos de verdadeira alegria, na serenidade que dá o bom humor e que a boa alma faz”. Dizia também que, em suas “páginas despreziosas e ligeiras”, seria encontrada “entre o riso e a sátira, entre a ironia e a gargalhada, toda a vida de um ano do Rio de Janeiro, vista nos seus diferentes e variados aspectos – político, artístico, social, literário, científico”, toda ela “encarada sob o prisma do bom humor” e “apreciada à luz da mais serena imparcialidade”. Garantia que suas edições guardavam “a verdade” como o “culto mais rigoroso” e defendiam “a causa dos pequenos e dos oprimidos contra os mandões e os opressores”, bem como davam “guarida aos

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902, a. 1, n. 1, p. 3.

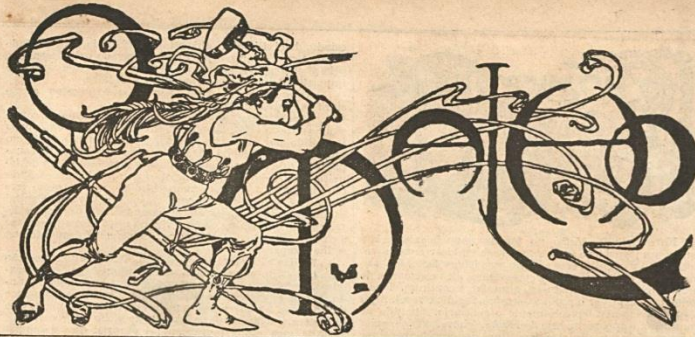
talentos que desabrocham”, propondo-se a rever “com íntima satisfação o caminho percorrido” e “com serena confiança o trecho por galgar”²⁴.

Por ocasião de chegar ao seu terceiro ano, o periódico mostrava na capa a figura que escolhera para representá-lo, uma espécie de bobo da corte, com o malho embaixo do braço e o crayon a tiracolo, sendo homenageado pelo próprio Presidente da República, de quem recebia um buquê de flores. O bobo da corte constituiu uma tradicional representação do caricaturista, uma vez que tal figura é aquela que “diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as terríveis”²⁵. A autoridade presidencial, ao homenagear a publicação, pedia que a mesma não risse muito do seu governo, ao que o “Malho” agradecia, mas não garantia evitar o tom jocoso. A gravura era adornada por estrelas, as quais eram identificadas com os fulcros editoriais da folha, como arte, atualidade, espírito e pilhérias. O mesmo personagem aparecia também à página inicial, portando o martelo, o crayon e a pena, contando com a admiração do público e agradecendo as manifestações elogiosas “e... descomposturas”, além de afirmar que “a vida é luta e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas – tudo é viver!”²⁶.

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1903, a. 2, n. 53, p. 3.

²⁵ CIRLOT, p. 120.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904, a. 3, n. 105, p. 3.



Redacção e escriptorio
RUA NOVA DO OUVIDOR 7 e 9

N. 105

Redacção e escriptorio
RUA NOVA DO OUVIDOR 7 e 9

O NOSSO ANNIVERSARIO



O Malho :— GRACIAS ! MUCHISSISSIMAS, GRACIAS ! pelas vossas manifestações de elogio e... descompostura. A vida é a lucta, e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas — tudo é viver ! Agradeço á direita e á canhota, e saberei pagar a todos... na mesma especie. Viva !

Na crônica que marcava o terceiro aniversário, *O Malho* ressaltava que, ao aparecer, recebera “prognósticos pessimistas”, pois “seria uma loucura tentar obter que uma população de tristes sustentasse um jornal alegre”, ou seja, teria constituído “uma tentativa previamente condenada a de querer implantar num meio retraído, fechado, convencional, um jornal indiscreto” e “graciosamente irreverente”. Apesar de tal pessimismo, como uma “conquista do público”, a redação explicava que “o *Malho* é hoje o jornal de sua predileção, o jornal popular por excelência, o que ele mais quer, mais estima e mais procura”. Nesse sentido, discordava que o brasileiro fosse um “povo fúnebre e desolado”, e isto sim, sabia “ser alegre”, carregando como “nota característica de seu espírito a ironia”, preferindo, ao invés da “gargalhada, o sorriso franco, irônico, amargo, sarcástico”. Considerava ainda que “a crítica leve, rápida, mordaz e alegre, o exagero dos sentimentos, das atividades, dos pensamentos e das palavras”, os quais valeriam “pela caricatura, o comentário simples, singelo, artificialmente inocente” é que dariam origem às “páginas que naturalmente agradam ao povo brasileiro”²⁷.

Mantendo a linha de pensamento, a folha argumentava que era do agrado dos brasileiros “a independência das opiniões, a liberdade da crítica, a manifestação continuada e sincera de que não se está de joelhos”, de modo que teriam sido tais características que deram “ao *Malho* a simpatia do público”. Comentava que “o jornal e o público ligaram-se, confabularam intimamente, trocaram ideias, fundiram-se em sentimento”, uma vez que este encontrou nas

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904, a. 3, n. 105, p. 4.

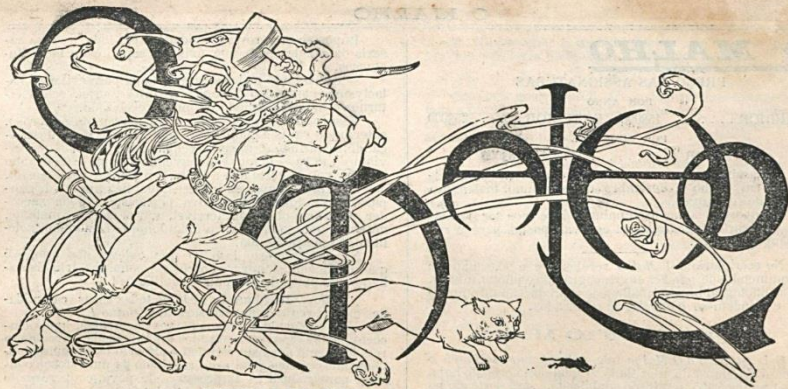
páginas do periódico “o que pensa, o que sente, o que quer, o que aspira, o que aplaude e o que condena”. Afiançava também que “nenhum outro jornal penetrou como ele na vida íntima do povo”, ao divulgar as mais amplas manifestações e trazer “a impressão nítida do que é o Brasil desta época”, e “não só a capital, mas todos os Estados” estando representados em seus segmentos textuais e iconográficos. Para além do local e do nacional, destacava que sua cobertura chegava ao nível internacional, uma vez que transpusera “os limites da capital” e “a linha dos Estados”, para tornar-se uma “revista universal e original”, que não se limitava a transcrever informações, mas sim analisá-las²⁸.

No momento em que completava “mais um ano”, a capa do periódico trazia o personagem que o representava sendo homenageado pelo povo, ao receber um buquê, no qual as flores eram substituídas pelas faces dos homens públicos que ocupavam o governo. O público que participava da homenagem carregava cartazes apresentando as temáticas que compunham a pauta editorial da folha, como modas, esportes, fotografias, charadas, reclames, caricaturas, teatro, músicas e crônicas. O mesmo personagem aparecia cobrindo o noticiário internacional e, na crônica editorial deste número, a redação saudava a ampla circulação do jornal que ocorreria “por todo o Brasil e até pelo estrangeiro”, trazendo em suas páginas “um esforço contínuo para traduzir as impressões do povo”, uma vez que “*O Malho* não tem partido, a não ser o da voz pública”, aplaudindo “a virtude” e castigando “o vício”²⁹.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904, a. 3, n. 105, p. 4.

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 set. 1905, a. 4, n. 157, p. 2 e 3.





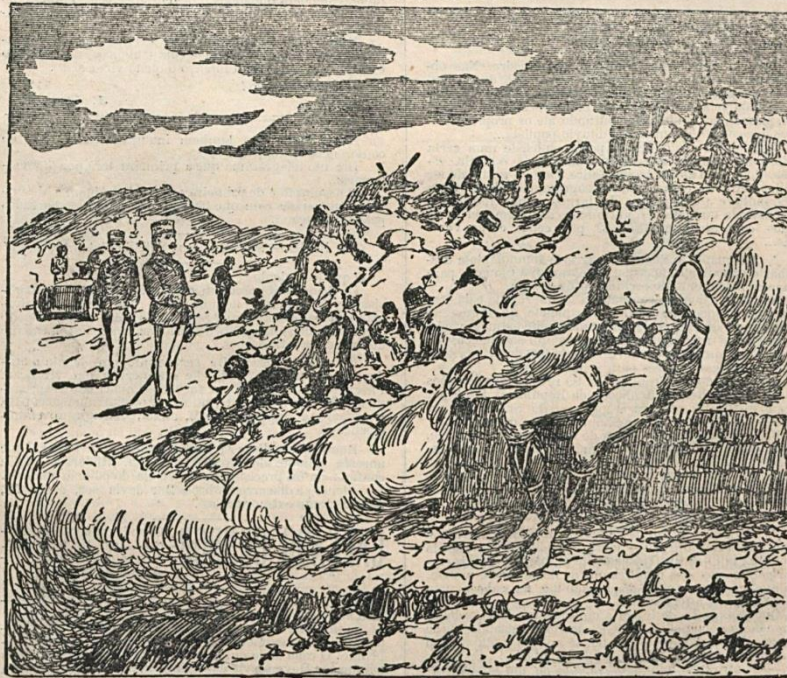
IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IV

TIRAGEM. . . . 35.000 EXEMPLARES
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR 132 — RIO DE JANEIRO

N. 157

PELA ITALIA



A proximidade com o público que o jornal gostava de enfatizar retornava a ser temática na capa que demarcava que a folha estava “fazendo anos”, de maneira que a figura que representava o periódico encontrava-se no bolso do indivíduo que designava o povo. Na cena, *O Malho* dizia que o “Zé Povo exige a minha presença em sua casa”, pois “apesar de muito escovado pelo fisco e embromado pelos políticos deseja oferecer-me o seu modesto jantar”. Já na crônica da edição de aniversário, havia a saudação por terem passado “anos firmes, batidos, de fio a pavio, num labutar incessante, para todos os lados, numa porfia consecutiva, numa caçada a todos os ridículos da política e da sociedade”, não deixando “de fazer justiça ao que é realmente bom, digno e patriótico”. A redação afirmava que “*O Malho* não tem a missão única de fazer rir, embora o *ridendo castigat mores*, constitua um vasto programa”, de forma que procurava “interpretar o sentir do povo, perante todos os fatos da vida nacional”, vindo a assumir “todas as atitudes, todos os gestos, todas as expressões desse sentir”. Para comprovar o seu alcance, o periódico destacava a “sua vasta circulação jamais aqui atingida por folha do mesmo gênero” e a “força vitoriosa que tem dado a inúmeras campanhas” a “intimidade de relações com o grande público, expressa numa correspondência colossal”, na qual “palpita a alma popular, desde o velho patriota que se interessa pelos altos destinos da nação, até o moço poeta que timidamente ensaia os seus primeiros voos”. Em síntese, o semanário destacava que pretendia atender ao “bom senso popular”³⁰.

³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1906, a. 5, n. 210, p. 3. Versão resumida do histórico acerca de *O Malho* traçado no número 58 desta Coleção.

ANNO V

RIO DE JANEIRO, 22 DE SETEMBRO DE 1906

N. 210

O MALHO
 Escriptorio e Redação
 RUA DO OUVIDOR, 132
 Num. avulso 300 rs.
FAZENDO ANOS

O Malho — Perdoa-me, leitor, si não te posso attender por longo tempo. Faço annos hoje, como tu sabes, e Zé Povo exige a minha presença em sua casa. Apesar de muito escovado pelo fisco e embromado pelos politicos deseja offerer-me o seu modesto jantar, reforçado, aliás, por pasteis, croquettes, maravilhas e uma profusão de doces que adquiriu em uma confeitaria. Entretanto, amigo leitor, para que não fiques descontente com a ausencia de qualquer politico evidente na minha pagina de honra, aconselho-te uma visita ao BAHU DOS IMMORTAES, onde por alguns minutos recolhi todas as caras conhecidas. Si acaso alguma te agradar, retira-a e diverte-te!... E até sabbado.
 Vamos embora, Zé Povo!

O incidente ocorrido a partir da ação dos militares da canhoneira *Panther* em Itajaí, que viria a gerar uma querela diplomática entre Brasil e Alemanha, teve intensa repercussão em meio a imprensa periódica brasileira. De sul a norte do país, os jornais se manifestaram com maior ou menor veemência contra o ato dos germânicos, por estarem a ferir o direito internacional e a soberania nacional da jovem República sul-americana. A política internacional e as ações imperialistas passaram a constituir pauta do periodismo brasileiro, desenvolvendo-se um olhar crítico para com a atitude dos alemães. Através de editoriais, matérias, artigos, notas e transcrições, os periódicos buscaram levar ao público leitor informações e opiniões acerca do ocorrido. A arte caricatural também serviu para representar, com base no humor e na ironia, os acontecimentos em torno da questão *Panther*, como foi o caso das imagens acompanhadas de textos apresentadas na revista ilustrada e humorística carioca *O Malho*.

A utilização da imagem constituiu um fator atrativo para o jornalismo, servindo para a ampliação do quadro de leitores. Na qualidade de uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos, a imagem pode ser considerada como uma linguagem, ou seja, como um instrumento de expressão e de comunicação³¹. Na imprensa periódica, houve uma articulação entre o textual e o imagético, de modo que ambos cumprem funções complementares,

³¹ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 55.

integrando-se mutuamente³². No caso da caricatura, a imagem avulta em relevância, pela contribuição com o debate político, ao desmistificar o poder e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos temas de Estado³³. O caricaturista adivinha, por debaixo das harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria, pondo a claro desproporções e disformidades que poderiam ter existido na natureza em estado de veleidade, mas que não puderam concretizar-se, recalcadas por uma força melhor³⁴.

Trazendo consigo o riso, a caricatura pode associar-se a uma ou a várias imagens significativas, ou seja, a representação de um qualquer objeto pode ser aclarada pela luminosidade do riso, possuindo este uma tão potente capilaridade que se imiscui em quase todos os domínios³⁵. A narrativa contida nas caricaturas tem a marca do individual e a do coletivo, no conteúdo, na forma e na exposição, em um quadro pelo qual a subjetividade do observador e as determinações sociais são as suas fronteiras³⁶. Impiedosos ou amenos, cruéis ou generosos, os caricaturistas, com três ou quatro riscos em uma folha em branco, são capazes de retratar toda uma época e reconstruir todo um passado

³² GONZÁLES, José Antonio Moreira & ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 121.

³³ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

³⁴ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31.

³⁵ HOMEM, Amadeu Carvalho. Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política. In: *Revista de História das ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. v. 28, p. 742.

³⁶ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 5.

de interrogações³⁷. O caricaturista olha para a realidade com a sua lente específica, com o fim de caracterizar aquilo que objetiva no momento, seja um fato ou uma personalidade³⁸. As construções iconográficas caricaturais/textuais de *O Malho* revelaram algumas das interpretações que se estabeleceram a partir da atitude dos militares germânicos, perante a presença da *Panther* no sul do Brasil.

A primeira presença da questão diplomática em *O Malho* foi inserida na capa da edição de 16 de dezembro de 1905. Sob o título “O caso da Pantera” , o periódico mostrava a canhoneira ao fundo, e, pouco à frente, na praia, marinheiros alemães fazendo algazarra, enquanto, em um platô, coberto por nuvens negras, aparecia a imagem do grande felino metamorfoseado, corpo de animal e face humana, utilizando inclusive o tradicional capacete dos militares germânicos e com feições que lembravam o Imperador alemão Guilherme II, demonstrando ferocidade e em postura de ataque. Mais abaixo, confrontando a pantera, surgia a figura do índio, tradicional representação do povo brasileiro ou do próprio país, junto do qual estavam Rodrigues Alves, o Presidente da República, e o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, que trazia um papel à mão, representando o direito internacional³⁹ [Figura 1].

³⁷ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976. p. 6.

³⁸ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 28.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, capa.

Na legenda da ilustração, a figura indígena, dizia: “Para trás, pantera! Ou tu me dás uma satisfação daquele ataque brutal que a tua gente fez à minha soberania, ou te abaixo a grimpa dos bigodes, ainda que seja preciso lutar até a morte!”. O chanceler, Rio Branco, afirmava: “O meu protesto diplomático ressalva a dignidade nacional. Calma! Firmeza! Energia! Não tarda o dia da reparação da afronta! Ai deles, se os nossos protestos não forem atendidos”. Enquanto isso, a autoridade máxima do Brasil declarava: “Ai, caboclo turuna! Ai, Barão *cuera!* É assim que eu vos quero ver contra quaisquer feras do imperialismo insolente!”⁴⁰ Nesse sentido, a revista tentava demonstrar certo crédito na reação brasileira diante da desafronta estrangeira.

Em caricatura, denominada “Conferência supimpa”, *O Malho* apresentava a reunião ministerial que debatia o ato dos militares germânicos no litoral brasileiro. O chanceler, Rio Branco, com a mão sobre grossos volumes bibliográficos, valorizava o papel de sua pasta: “Senhores! O caso da *Panther* veio provar que a diplomacia é um meio enérgico quando está com a verdade e com a razão. A estas horas o governo de Berlim deve estar convencido do nosso direito ao protesto e à mais ampla satisfação”. O Ministro da Marinha, por sua vez, afirmava: “Acredito, piamente, mas cada vez me convenço mais de que precisamos ser muito fortes no mar, para facilitar a missão diplomática”. A representação da população brasileira, o “Zé Povo”, também se manifestava: “No mar e em terra! Precisamos de esquadra e de um bom porrete para ensinar os malcriados e desordeiros, que vêm para aqui fazer estrepolias, pensando que isto

⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, capa.

é o negócio da *Mãe Joana*, onde cada qual faz o que quer!". E reagia: "Mas estão muito enganados! Hão de levar para o seu tabaco, sempre que embriagados ou não, promoverem desordens e atentarem contra a nossa soberania!". Já o conjunto do Ministério declarava: "As frases não são diplomáticas, mas o patriotismo manda aprovar o espírito dos conceitos de Zé Povo!"⁴¹ [Figura 2].

⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 2.



- Figura 1 -



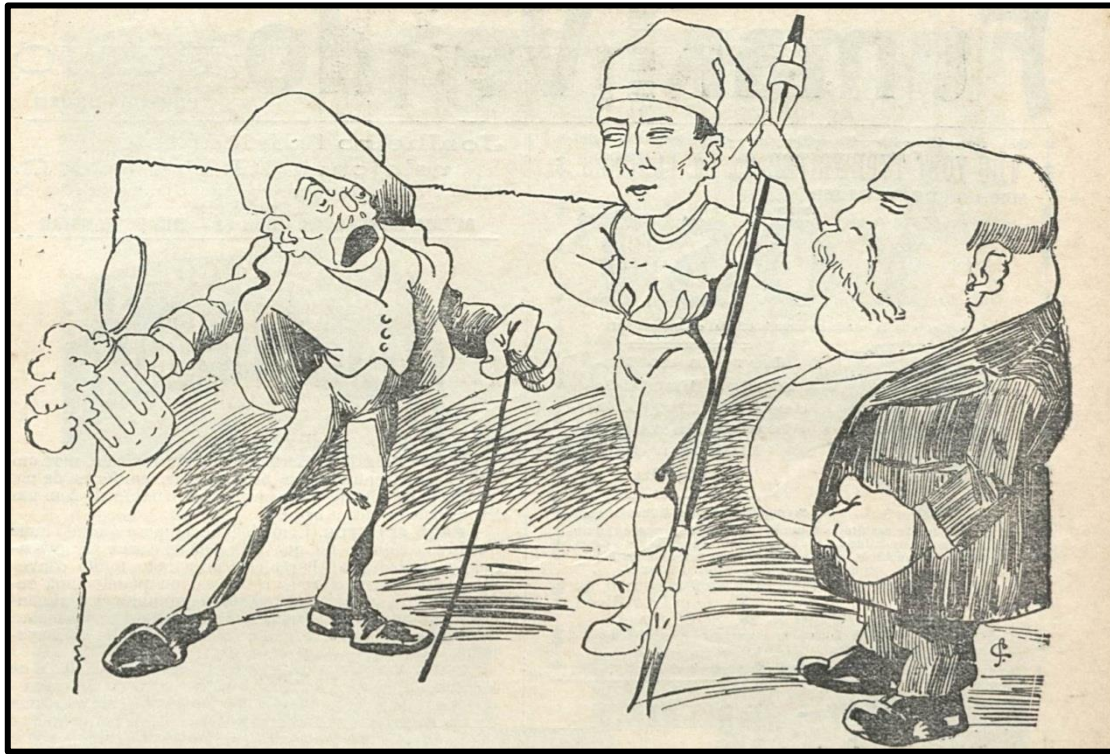
- Figura 2 -

Em sua crônica, o periódico ressaltava que “o caso da *Panther* dominou e domina os fatos”, passando a narrar “sucintamente a origem” do acontecimento. Após a descrição, *O Malho* comentava com otimismo as atitudes governamentais, explicando que “o fato estalou como uma bofetada que à falsa fé nos tivessem vibrado” e, “não fora a ação do governo que se levantou pronta, decidida à mais completa reação, e a indignação popular teria explodido em justa represália”. O crédito se manifestava também em relação ao Ministério das Relações Exteriores, com a constatação de que “os trâmites diplomáticos são complicados e delicadíssimos, mas o Barão do Rio Branco é um homem de cujo patriotismo não há duvida”. Referindo-se ao imperialismo, a revista considerava que “não resta dúvida de que o caso da *Panther* foi uma ‘tentativa de aplicação dos chamados *princípios africanos*’”, mas acreditava que “devidamente repelida, a Alemanha dará a mais completa e ampla satisfação, procurando apagar a nódoa de um ato de brutal covardia”⁴².

Em outra caricatura, com o título “O primeiro movimento”, o periódico apresentava uma conversa entre o chanceler brasileiro, a figura que representava o jornal e a outra que simbolizava o povo brasileiro. Nesse quadro, o Barão do Rio Branco dizia que “desejava ouvir a opinião popular sobre o caso da *Panther*...”. Como uma espécie de mediador, o *Malho* afirmava: “É fácil, Barão! – Zé tens a palavra...”. Diante disso, incorrendo na insinuação de serem os alemães uns beberrões, o Zé Povo, de caneca à mão, exigia reparações e declarava: “Poucas palavras, Sr. Barão! O meu primeiro ímpeto seria atirar com

⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 3.

este chope à cara de quem andou a atentar tão estúpida e brutalmente contra a nossa soberania"⁴³ [Figura 3].

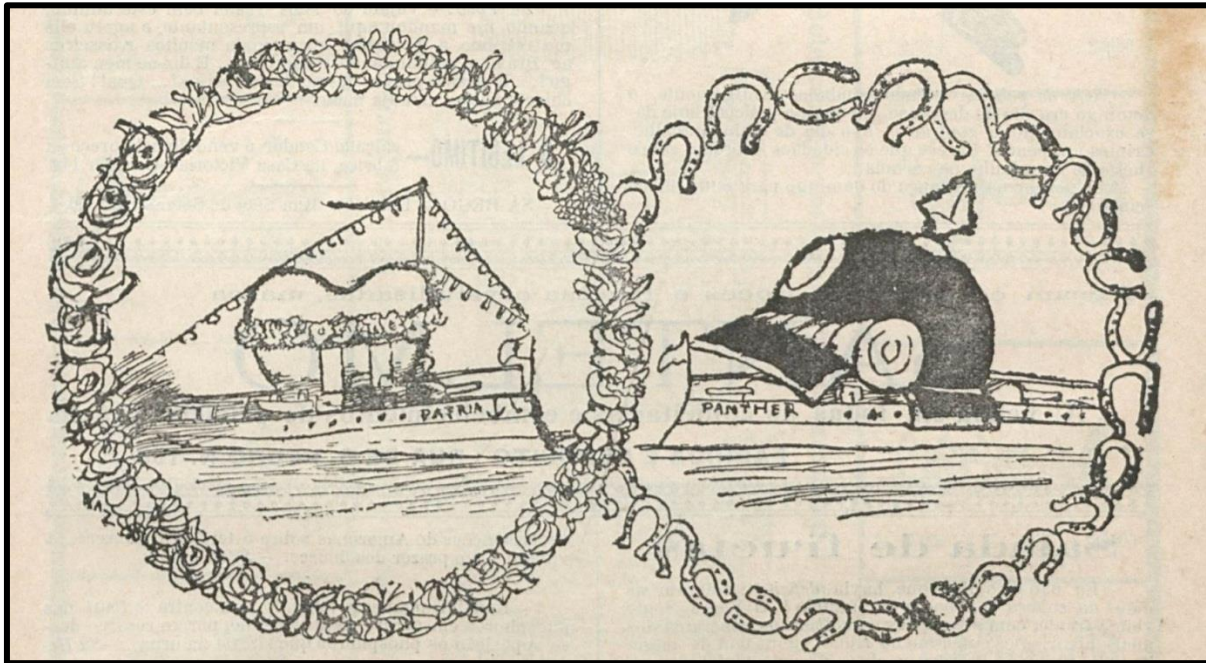


- Figura 3 -

No desenho denominado "As duas canhoneiras", a coincidência da visita ao Brasil da belonave lusitana *Pátria*, com o atentado cometido pela tripulação

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 14.

da *Panther*, foi abordada pela revista ilustrada carioca. Nesse quadro, o periódico, com admiração, desenhava a embarcação portuguesa rodeada por uma coroa de flores, tendo igual conteúdo em seu interior, ao passo que a *Panther*, em demonstração de indignação, era cercada por um círculo de ferraduras, em analogia ao ato considerado pouco inteligente cometido pelos germânicos, bem como era denunciada a ação imperialista, demonstrada pelo capacete utilizado pelos militares alemães na cobertura do navio⁴⁴ [Figura 4].



- Figura 4-

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 22.

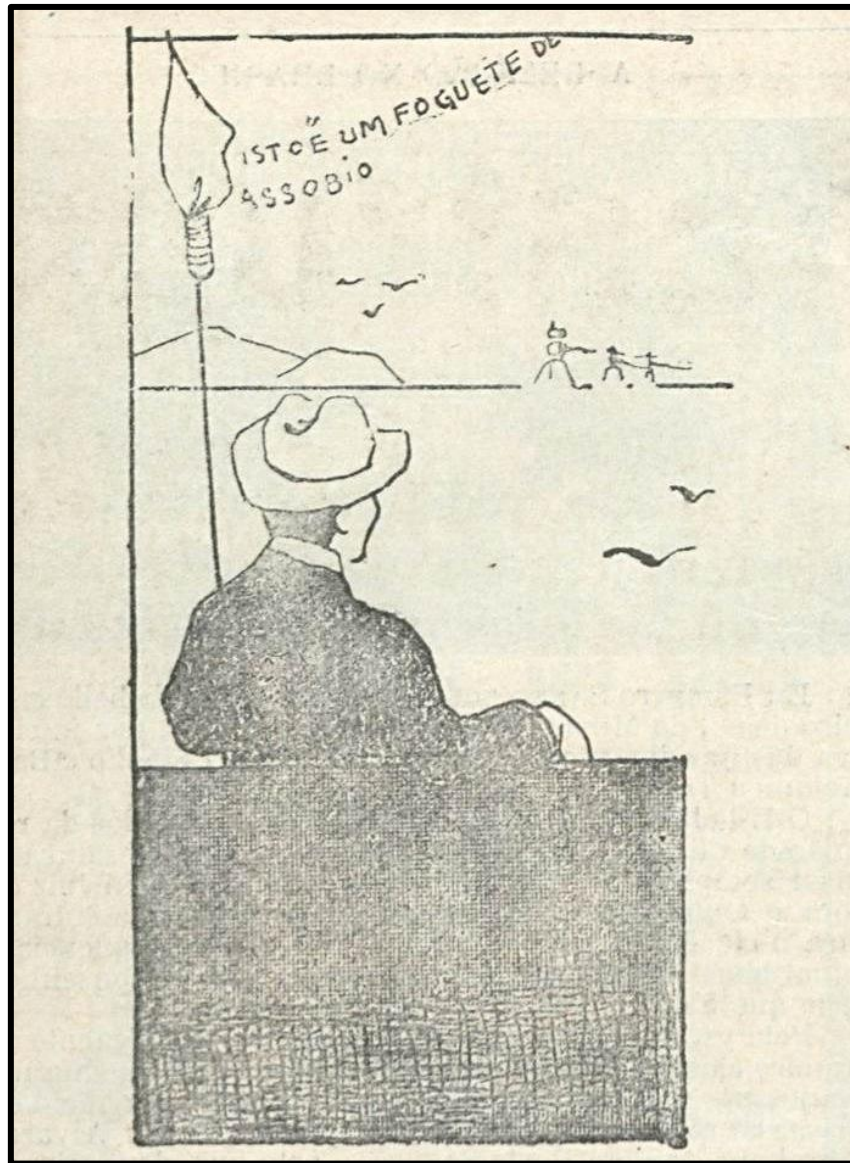
A figura do Zé Povo, na ilustração intitulada “Prevenção”, era apresentada olhando para o mar, em direção ao horizonte, observando a silhueta de uma embarcação. Neste cenário, a representação do povo dizia: “Depois desta ofensa da *Panther*, é assim que eu devo receber certos navios que só nos visitam para nos causarem desgostos...”. A referência era ao lançamento de um “foguetete de assobio”, trazendo a sugestão da diminuição de entusiasmo de parte da população no que tange à recepção de embarcações estrangeiras⁴⁵ [Figura 5].

Na seção “Caixa do *Malho*”, o periódico apresentava trechos de correspondências recebidas de parte dos leitores. Um deles se referia ao ato como uma agressão, fazendo menção ao consumo de bebida alcóolica pelos alemães, e aplaudia a reação governamental, comentando: “Para nós é fora de dúvida que o caso da *Panther* foi um caso de brutalidade nativa, fermentado com muita cerveja”; e complementava: “A ensinadela do nosso Ministro do Exterior talvez evite que outras nações sejam *distinguidas* com tais *amabilidades*...”⁴⁶. Já no comentário da seção “Na bigorna”, a revista utilizava o caso diplomático para realizar uma analogia entre a política externa e a interna. Nesse sentido, era afirmado que “não é só a Alemanha com a sua *Panther*, que nos quer fazer de tolos”, ou seja, “é também a filáucia de uma *maionese* cosmopolita, atirando-nos o bote à bolsa, fiada no caipirismo de certos líderes do protecionismo à custa da miséria pública”⁴⁷.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 31.

⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 38.

⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1905, a. 4, n. 170, p. 47.



- Figura 5 -

À capa da edição de 23 de dezembro de 1905, sob o título “Ora, aí está”, aparecia caricatura na qual o povo brasileiro partia para cima do governante alemão, com o porrete do “patriotismo” à mão. O monarca germânico dava a impressão de estar embriagado, carregando a caneca de cerveja, identificada com a *Panther*, enquanto sua espada era demarcada com a palavra “prosápia”, em referência ao ato dos militares alemães como uma prática de jactância. O Barão do Rio Branco, com um livro do direito internacional sob o braço, e o Ministro da Marinha, de braços cruzados, observavam a cena com certo espanto. Ao fundo surgia a bandeira do Império Alemão, na qual até mesmo a águia do emblema também bebia. Enquanto os dois ministros diziam: “Chi!!... Má catadura traz o povo!...”, o Zé Povo cobrava: “Ó meus amigos! Que diabos disto e aquilo? Então é assim que a Alemanha dá satisfações ao Brasil, negando a ofensa e atirando-nos à cara com o relatório do homem da *Pantera?!*”. Em resposta, o soberano germânico declarava: “Olha, Zé! Se é contra uma bebedeira de oficiais alemães que tu reclamas, não tenho que dar satisfações, porque eles procederam *oficialmente*...”⁴⁸ [Figura 6].

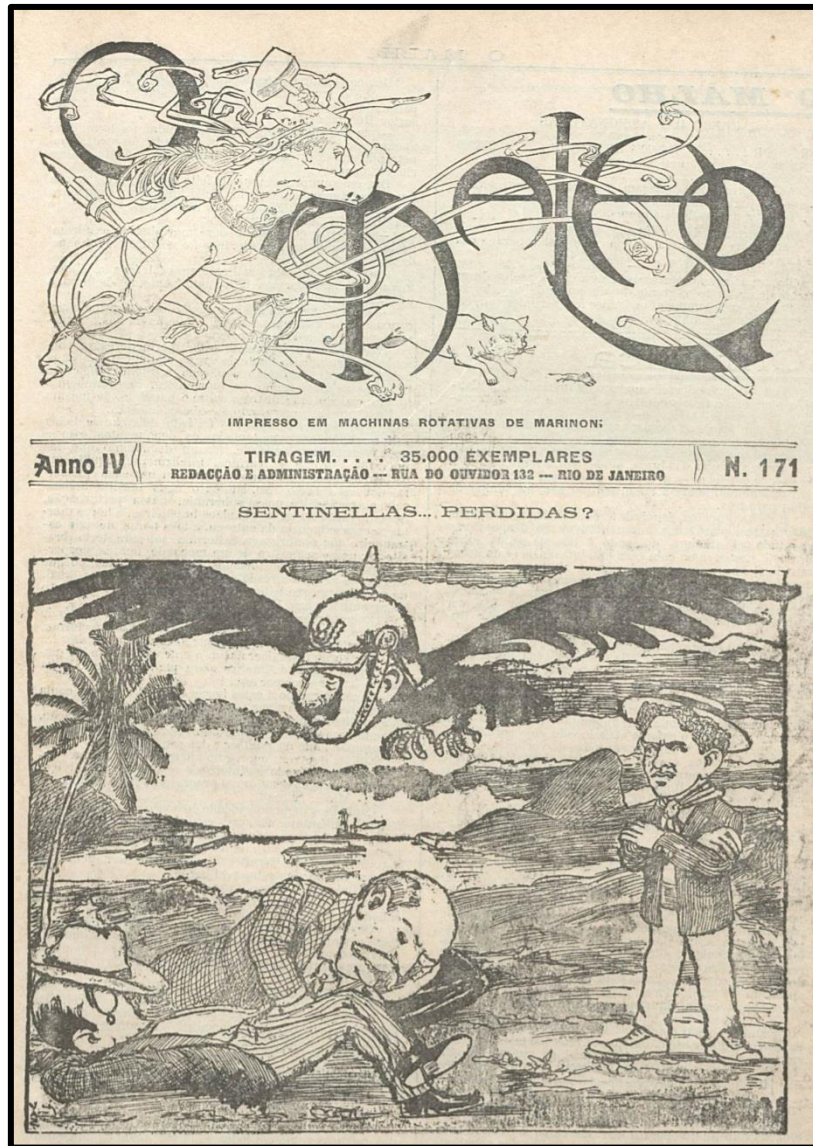
⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, capa.



- Figura 6 -

A impaciência do periódico para com os governantes brasileiros diante da questão com os germânicos ficava evidenciada em caricatura intitulada “Sentinelas... perdidas”. Nela, enquanto o Imperador alemão, metamorfoseado com a águia da bandeira de seu país, adejava pelos céus do Rio de Janeiro, o Presidente da República e o Ministro das Relações Exteriores dormiam tranquilamente. Perante a cena, o Zé Povo aparecia indignado e constatava: “Estou bem arranjado com os guardas da minha terra! Como eles dormem!... Nem o grito do urubu os desperta!...”; sem deixar de explicar: “No entanto, este urubu é uma *águia* que descobriu o mel de pau em Santa Catarina, e lá meteu garras e bico, arrebatando pelo menos um pedaço da minha soberania!... Qual! é o que eu digo: *quem quer vai, quem não quer manda...*”; para finalmente concluir: “Se eu tivesse tomado a palavra e o pau, ou estava morto ou estava vivo, mas tudo com honra!... O que vale é que ainda é tempo de espantar este urubu, se as sentinelas continuarem a dormir...”⁴⁹ [Figura 7].

⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 2.



- Figura 7 -

Em mais uma crônica, o periódico ilustrado descrevia a situação do momento quanto à querela diplomática, sem deixar de expressar sua opinião sobre os acontecimentos⁵⁰:

A Alemanha desceu das suas formidáveis tamancas e mandou pespegar em toda a América e Europa o extrato do relatório do comandante da *Panther*, sobre o caso de Itajaí. (...)

Por ele se verifica, infelizmente, aquilo que os jornais mais insuspeitos aventaram nas suas primeiras notícias sobre o caso, isto é: o mais insólito menoscabo e agressão à nossa soberania, nessa perturbação, nessa invasão do lar de cidadãos brasileiros, a horas mortas; nessa exigência da entrega, a tais horas, de um estrangeiro que se abrigava e dormia sob um teto brasileiro; nesse sequestro de um moço de família, despertado por sua mãe e seus irmãos, todos assustados, porque “a casa se achava cercada pela gente da *Panther*, a qual, da maneira porque batia na porta, parecia ter intenção de arrombar a casa!”

Desembarcar numa cidade estrangeira um grupo de militares, que, uma vez em terra, procederam dessa forma, não é praticar *nada absolutamente de contrário aos usos!*...

O governo do Kaiser assim o entendeu e mandou publicar pela Europa e América, para que todo mundo saiba de que força somos por aqui!

De maneira que a estas horas o Brasil é tido na conta de um mentiroso vulgar, que, para justificar uma reclamação diplomática, o simples pedido de uma satisfação, inventa uma história comprometedora dos bons créditos do comandante da *Panther* e dos seus oficiais!

Não há que ver: o governo alemão só confia na verdade saída do fundo do tinteiro do réu, e não cobra alvissaras pela invenção deste novo processo de julgamento...

Mas... calma!

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 3.

Confiemos na perspicuidade do nosso chanceler. A defesa da soberania nacional está-lhe confiada ao pulso firme. Não nos assustemos se, em vez da remessa dos passaportes ao ministro da nação ofensora, vemos o estimável Sr. Barão de Treutler a passear de carruagem com o nosso não menos estimável Barão...

A diplomacia é assim mesmo.

O nosso chanceler já recusou, ao que disseram, uma satisfação expressa em simples nota diplomática.

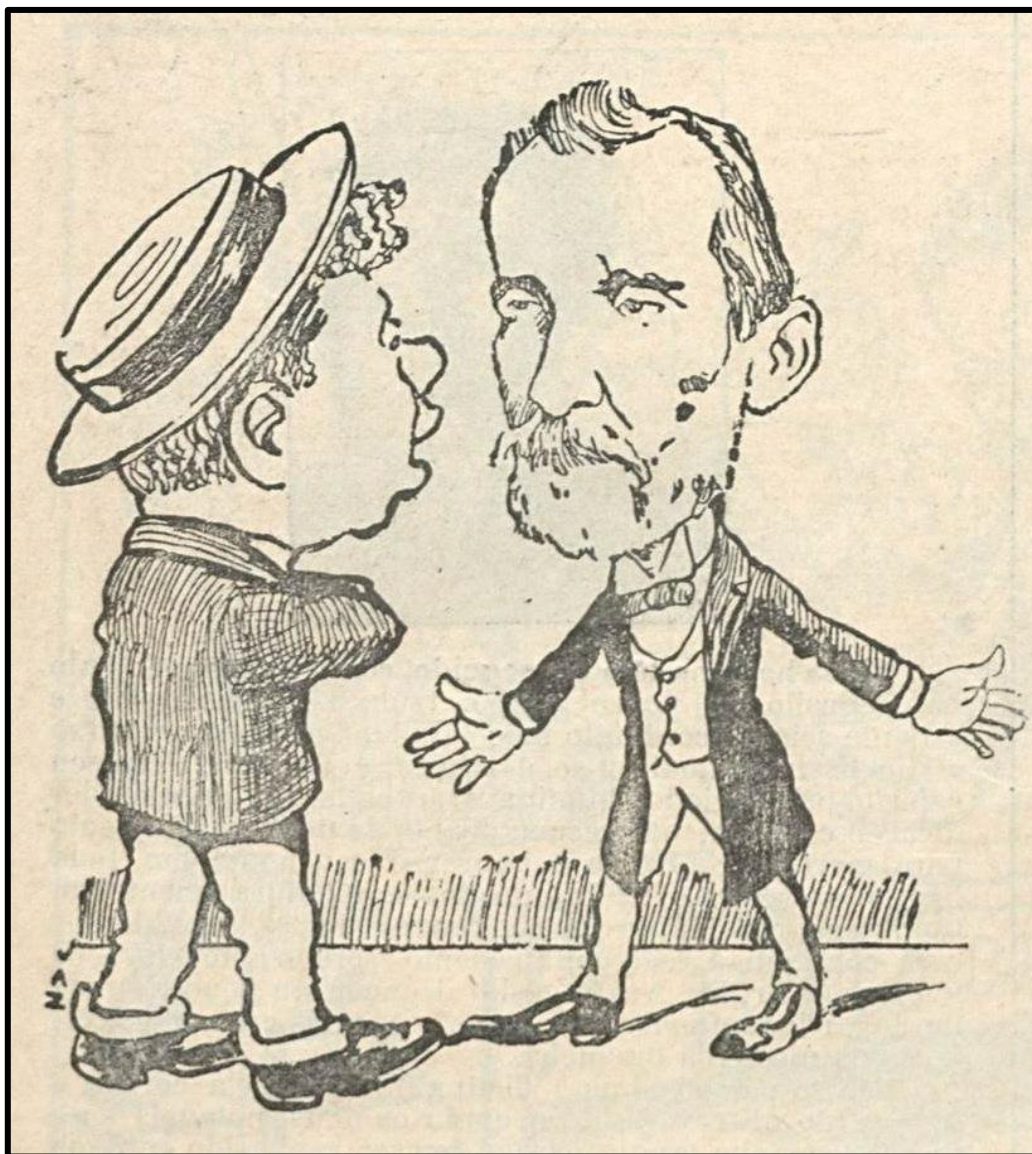
Quer-se coisa mais equivalente à ofensa feita; e se fosse permitido ouvir a laboriosa colônia alemã que aqui convive conosco, ela indicaria ao seu Kaiser o caminho a seguir – caminho reto, pronto e... único.

Calma!

Quis Deus que a nossa árvore de natal fosse este ano a canhoneira *Panther*, em que há *brinquedos* explosivos, e de cujas vergas pendem os *fantoches* da nossa soberania, envoltos – quem sabe? – na sombra do infeliz Steinhauff!...

O semanário ilustrado demonstrava que a questão em torno da *Panther* chegara às discussões travadas nas ruas, como ao apresentar o desenho “Desabafando”, trazendo o Ministro da Marinha sendo interpelado pelo povo, o qual questionava quanto à potencialidade militar do país. Nesse sentido, enquanto o Ministro Noronha afirmava: “Quando o Barão se refere à nossa esquadra chama-lhe *esquadra de patinhos*... De maneira que...”; o “Zé Povo” atalhava: “De maneira que nesta questão da *Panther* o marreco do Barão fez papel de patão. Pelo menos deu patada e eu é que pago o pato! É mesmo uma patifaria!”⁵¹ [Figura 8].

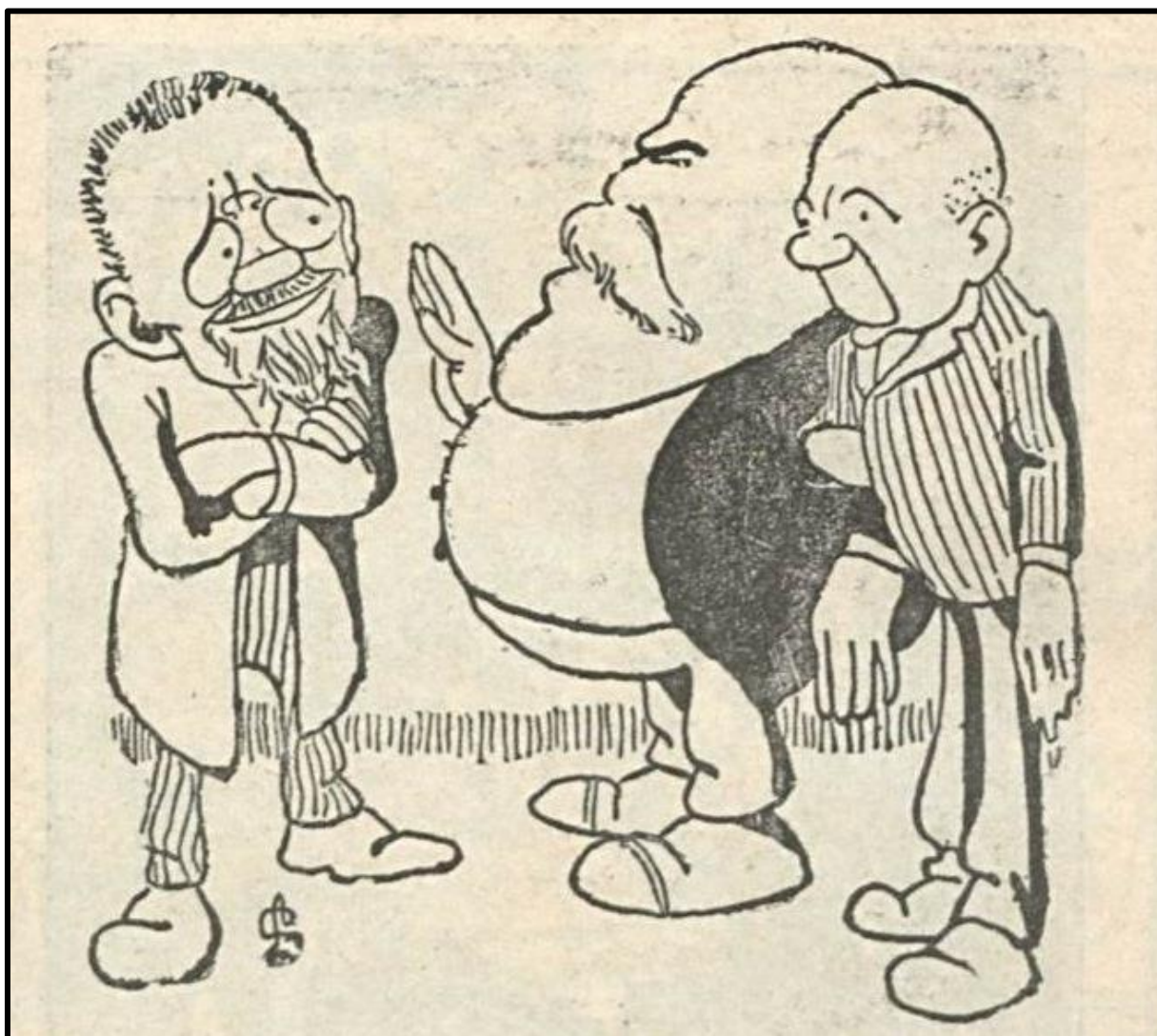
⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 7.



- Figura 8 -

Em outra caricatura, denominada “Coisas pretas”, enquanto o chanceler Rio Branco conversava com o Presidente da República, o povo interferia no diálogo, revelando sua insatisfação. Nesse quadro, Rodrigues Alves dizia: “Então, como é isto, Barão! A Alemanha dá ou não dá uma satisfação? Que demora! Parece que o Kaiser não liga...”; diante do que o Ministro alegava: “Sossegue, conselheiro! Teremos uma satisfação de encher as medidas. A minha diplomacia...”. A fala ministerial era interrompida pelo “Zé Povo”, que argumentava: “Qual seu Barão! A sua diplomacia *Art nouveau* dá com os burros na água! Nós e os nossos navios estamos fazendo uma *rata* de mil diabos!”; e completava: “E queira Deus que a coisa não fique pior ainda... Vejo tudo muito a cor da águia de duas cabeças e dos *herrerros*: muito preto!”⁵² [Figura 9].

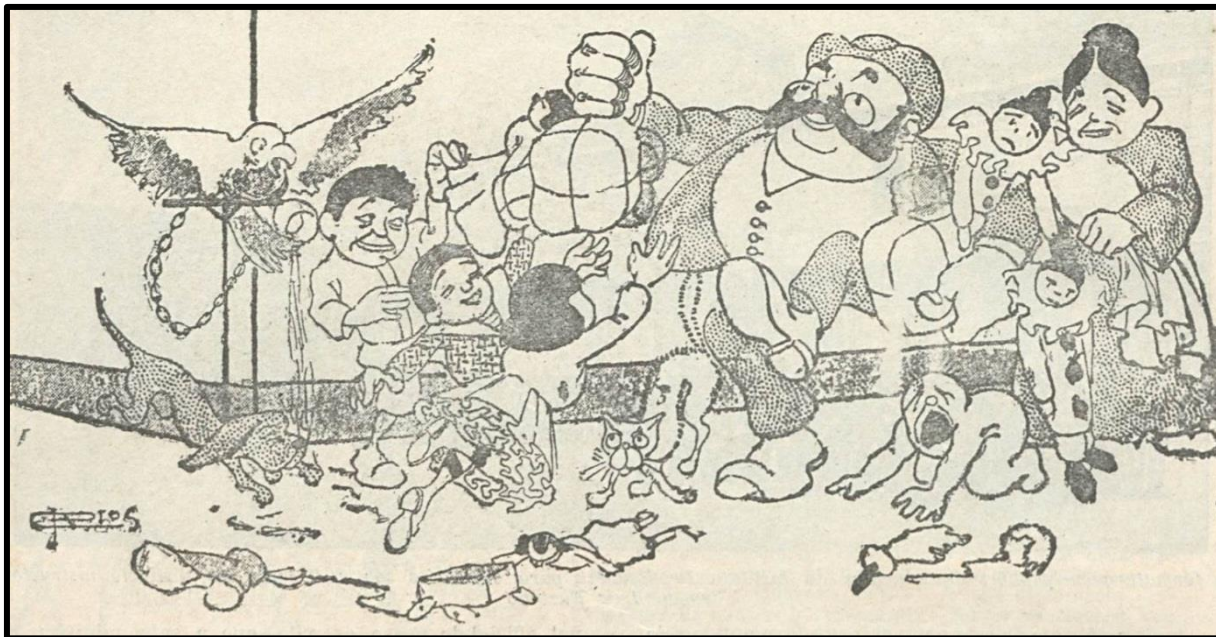
⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 7.



- Figura 9 -

Uma cena cotidiana familiar trazida em desenho por *O Malho* buscava revelar que a ação dos militares alemães no sul do Brasil trouxera repercussões em meio ao âmago da população brasileira. A gravura, denominada “Viva o Natal!”, trazia o encontro de uma grande família, com o pai sendo recepcionado pela esposa e pelos filhos, além da presença dos animais domésticos, com o patriarca negando-se peremptoriamente a seguir uma tradição por ele atribuída à Alemanha. No diálogo, enquanto “a esposa e as crianças” estranhavam: “Ué...! *Quê dê* a Árvore de Natal?”; “o chefe” esclarecia “Qual! Isso é uma invenção da Alemanha, e eu este ano não quero graças com essa senhora! Aqui estão os doces e os brinquedos, que são o essencial da festa! Avança, minha gente!”⁵³ [Figura 10].

⁵³ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 9.



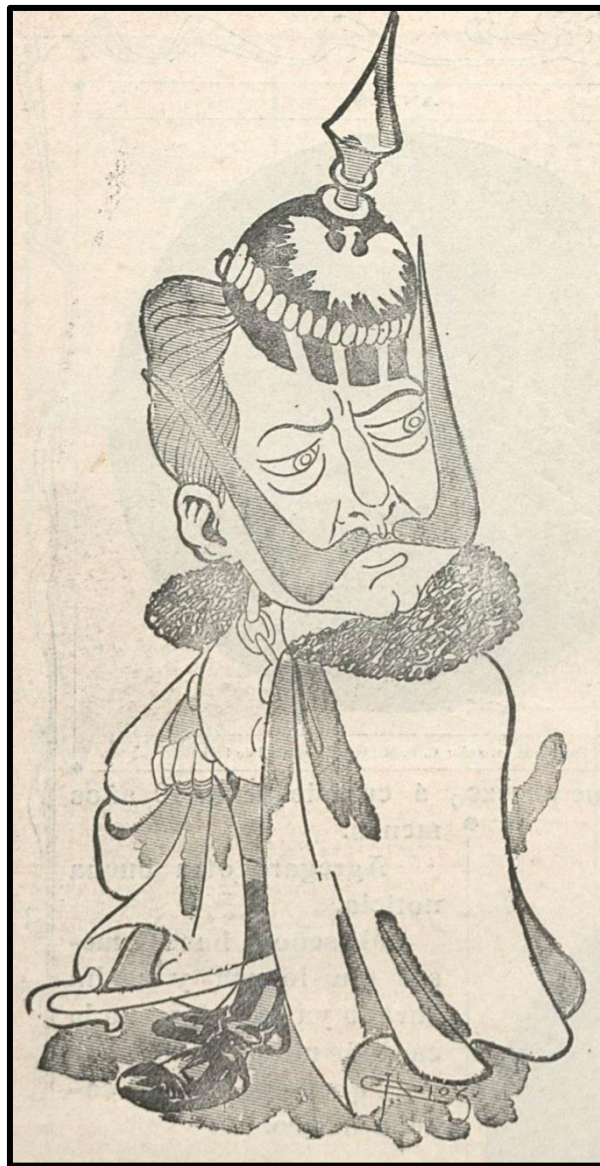
- Figura 10 -

Até mesmo para propagandear seus produtos, as edições de *O Malho* utilizava-se da atenção despertada pelo tema diplomático junto ao público leitor. Nesse sentido, apresentou a caricatura “Em Berlim”, na qual mostrava a figura do Kaiser alemão, negando-se a prestar satisfações ao Brasil, até que recebesse uma publicação editada pela empresa. Nesse sentido, Guilherme II, estaria a dizer: *“Zubberlenddachenn! whaningthgausserr! offsdeblendchisffskornisffspvxz”*, o que seria traduzido por: “Vocês, amigos brasileiros, deixem-se de maçadas! Enquanto não me mandarem o *Portugal contemporâneo*, esse grandioso livro que *O Malho* está acabando de imprimir,

eu não dou satisfações ao Brasil pelo caso da *Panther!*⁵⁴. Uma anedota sobre o cotidiano, intitulada “A *buenadicha*”, apresentava uma mulher conversando com uma cigana que se oferecia para “ler o seu futuro”. A primeira negava-se a pagar o preço estipulado pela outra, pois imaginava que, apesar dos tantos fatores negativos que cercavam o país, com falta de casas, inundações, escassez de água, carestia, carência de polícia, viria a “ser muito feliz”. Diante do estranhamento da adivinha, a fala de sua interlocutora trazia uma expressão que se articulava com a querela internacional: “... eu vou casar com um alemão e os alemães querem ser senhores do Brasil!!...”; vindo a completar com a perspectiva da incompetência governamental brasileira: “E como o nosso governo é um cacho de bananas... oh! serei muito feliz com o marido alemão”⁵⁵ [Figuras 11 e 12].

⁵⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 11.

⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 11.



- Figura 11 -

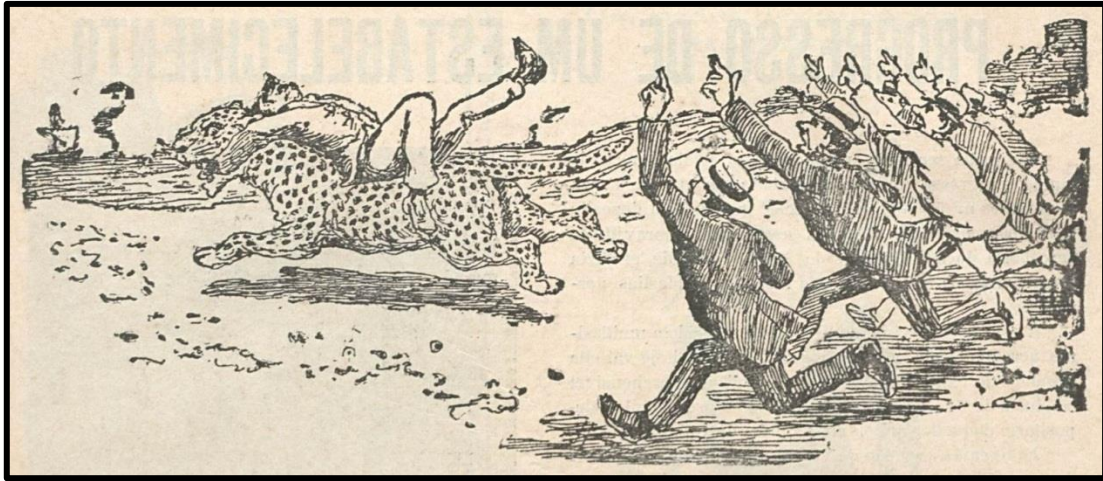


- Figura 12 -

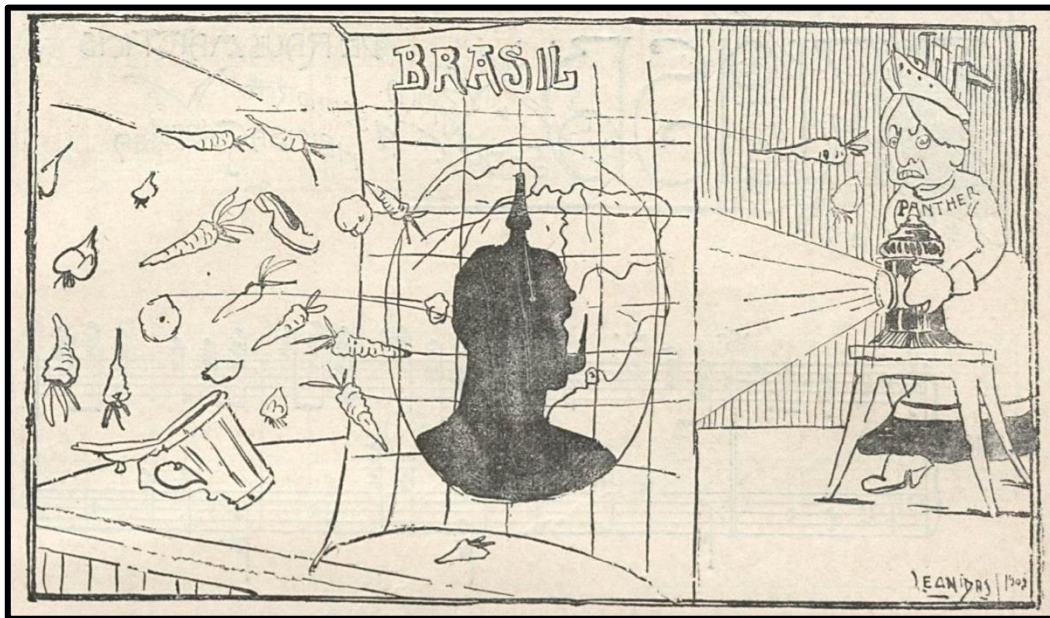
A *Panther* assumia a forma do feroz felino, carregando um homem pelo braço, entre seus dentes, enquanto era perseguida por populares brasileiros, no desenho “O Caso *Panther*”. Enquanto o “povo” bradava: “Não pode assaltar o nosso território! Abrir casas à força! Carregar com um indivíduo entregue à proteção das nossas leis! Não pode! Não pode! Larga o osso!”, a “*pantera*” dizia “Não largo! Kaiser manda, *pantera* faz!”. Diante da cena, a redação comentava: “Pelo jeito que a questão vai tomando, parece que a satisfação da Alemanha se limitará a não ordenar à *pantera* que nos estraçalhe... Não é isso, Sr. Barão?”⁵⁶. Na mesma linha, a caricatura “A *Panther* e a sua projeção sobre o Brasil”, mostrava uma figura feminina identificada com a canhoneira germânica, mostrando a silhueta do Imperador alemão, alocada sobre o mapa do Brasil e sob uma precipitação de cenouras, nabos e canecas de cerveja. A legenda da gravura dizia: “Escusado será acrescentar que não se fazem esperar as manifestações de *agrado* a esta e outras aparições, quaisquer que sejam, tendentes a reduzir o Brasil a feitoria africana...”⁵⁷ [Figuras 13 e 14].

⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 17.

⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 20.



- Figura 13 -

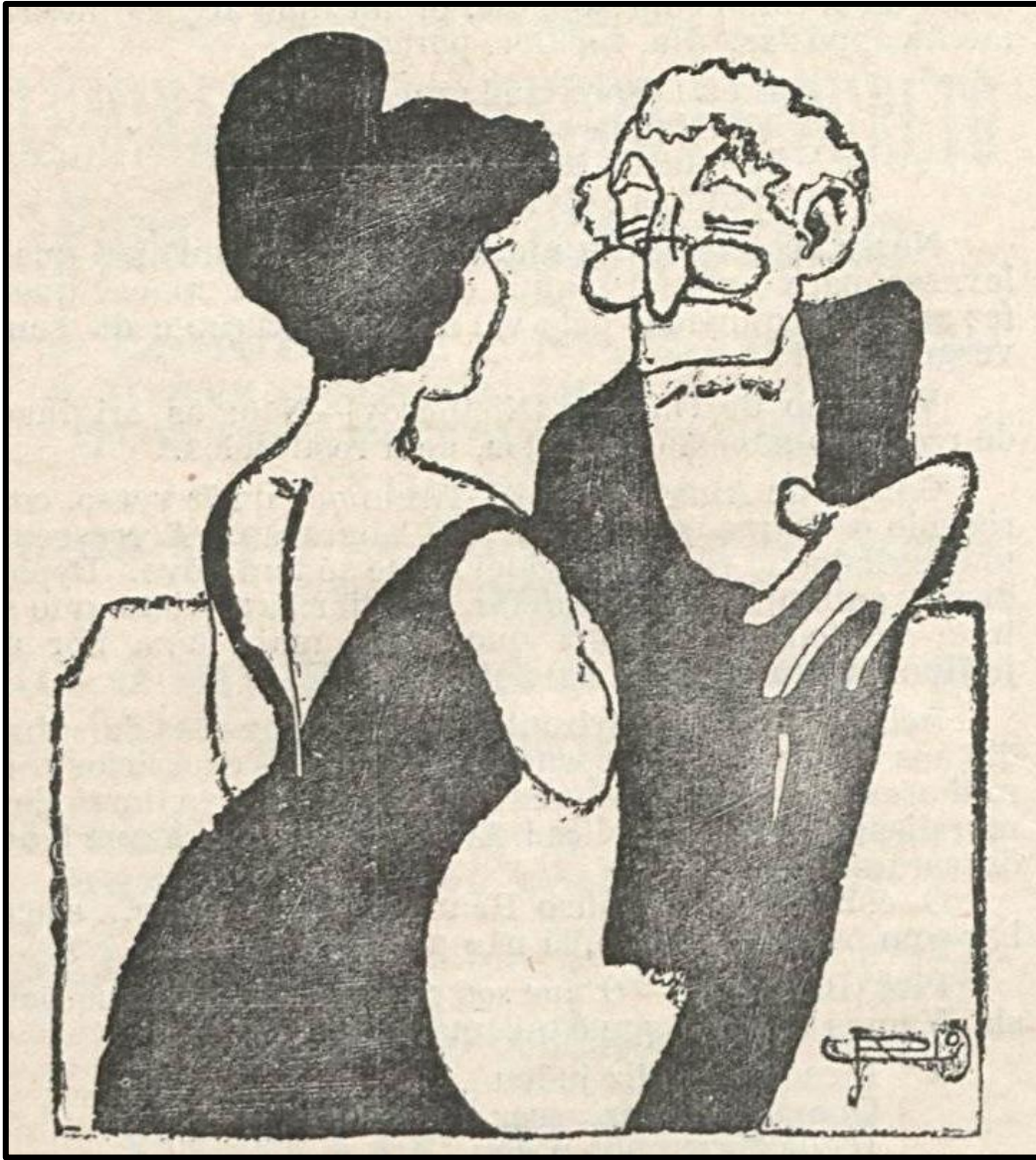


- Figura 14 -

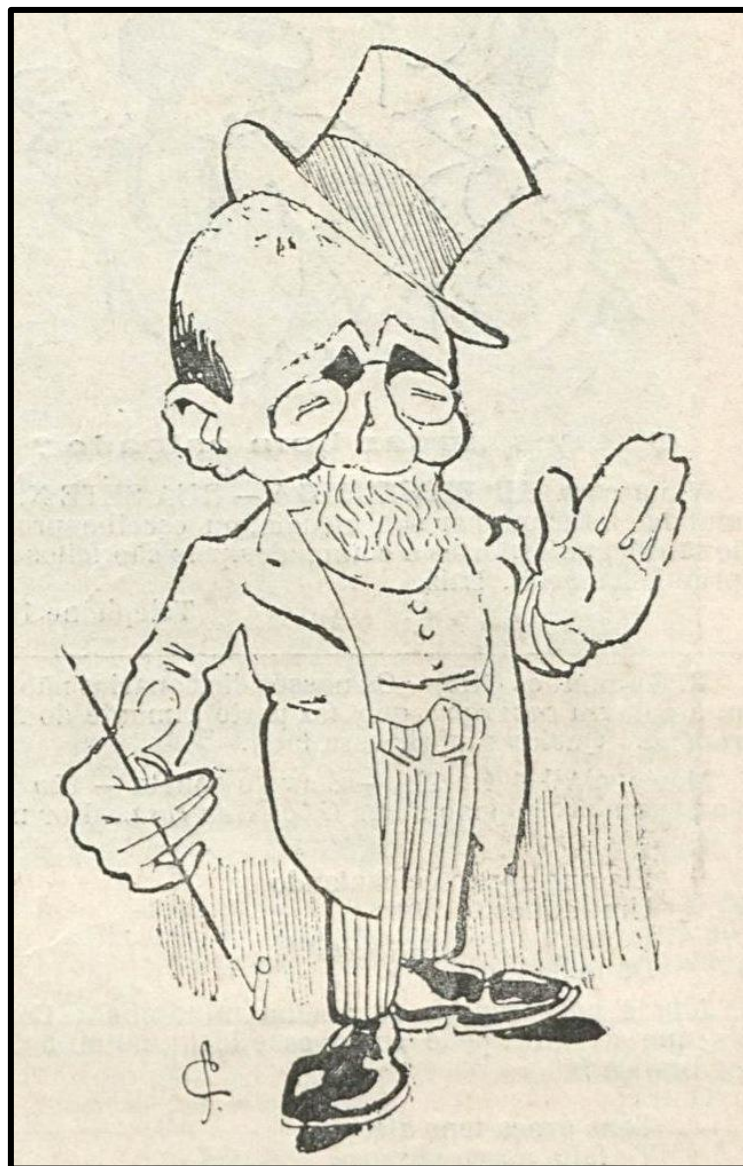
Em “A filosofia do caso”, *O Malho* trazia mais uma cena do cotidiano na qual uma mulher conversava com um ancião. Ela perguntava: “Então, Sr. comendador, V. Ex. não se indignou com o procedimento dos marinheiros da *Panther*?”; obtendo por resposta: “Qual, minha senhora, V. Ex. se admira do caso?”. Em tréplica, a figura feminina declarava: “Ora essa! Nem é para menos: irem buscar, em território nosso um homem à força!...”; diante do que o velho concluía: “É que V. Ex. não sabe que o álcool fornece força para muito mais!⁵⁸. Já a caricatura “Marca registrada” mostrava a figura do Presidente da República, que argumentava: “Que tolice! Andam por aí a falar do negócio da *Panther*, como se isso tivesse importância”; e prosseguia: “Historietas! É melhor fingir que não se liga... E, mesmo os alemães terão coragem de meter-se comigo, um valentão de marca... dormideira?”⁵⁹ [Figuras 15 e 16].

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 39.

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 40.



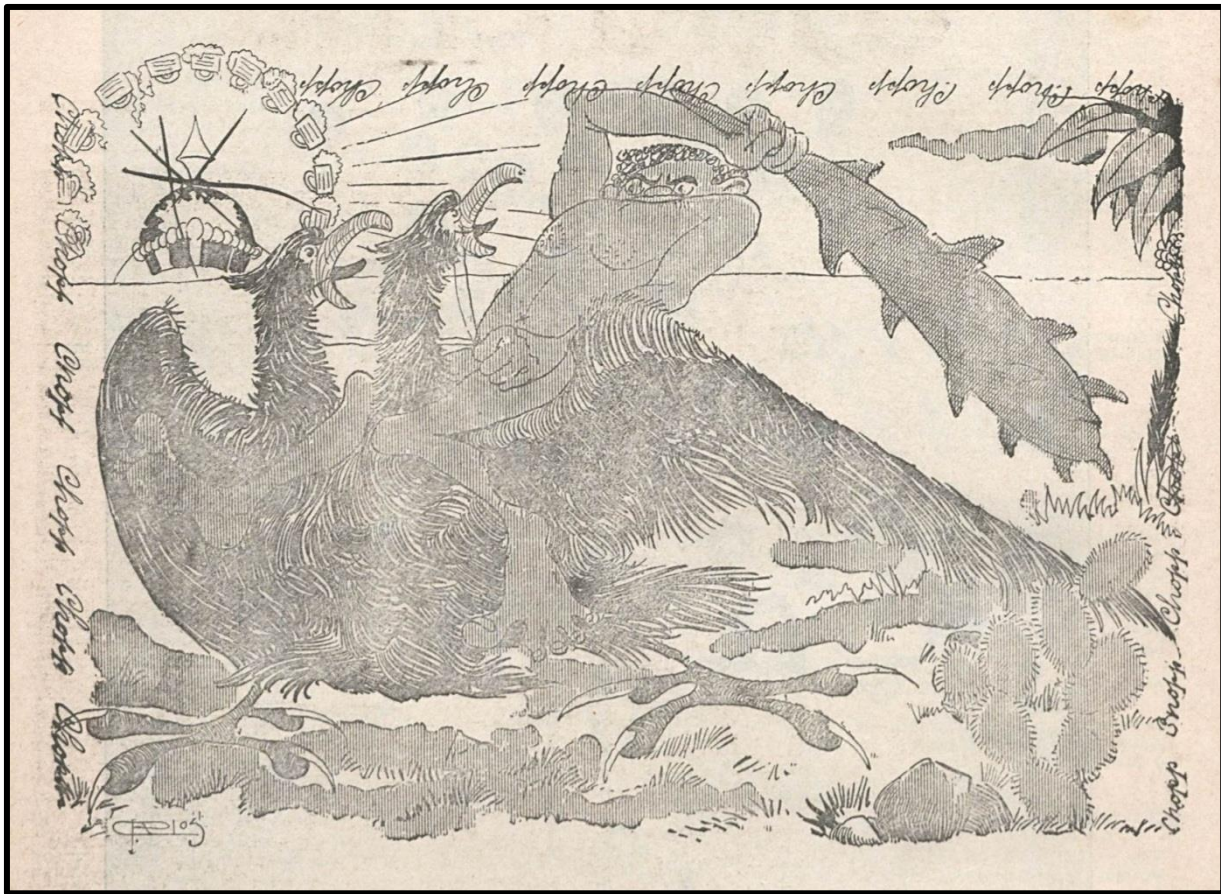
- Figura 15 -



- Figura 16 -

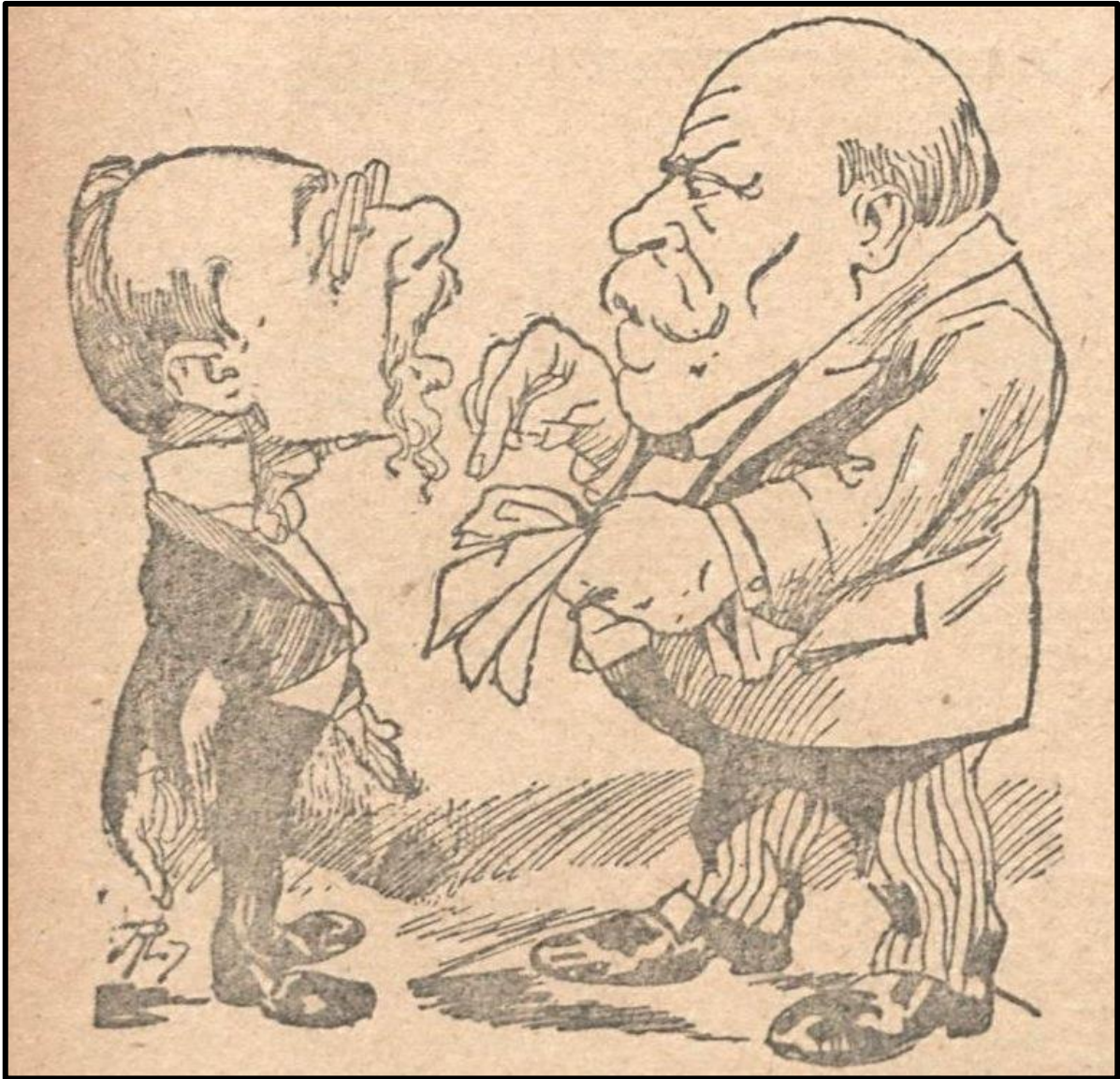
A atitude alemã foi também criticada por *O Malho*, através da caricatura “Conselho pelo telégrafo”, a qual tinha por moldura a palavra chope, mais uma vez em alusão ao estereótipo de beberrões para os alemães, insinuação também presente na imagem da coroa germânica, igualmente cercada por canecas de cerveja. Na imagem, um troglodita, de clava à mão, em postura ameaçadora, aparecia montado à ave que ilustrava a bandeira alemã. Na cena “o *herrero*” dizia: “Olhem lá, ó brasileiros! Quando a Alemanha se mete comigo, eu faço da águia bicéfala um bucéfalo e trato-a a vela de libra...”; tal fala era acompanhada do comentário da redação: “Quem não fizer assim; que tiver medo da *couraça* dos seus chopes, fica no mato sem cachorro!”⁶⁰ [Figura 17].

⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 dez. 1905, a. 4, n. 171, p. 47.



- Figura 17 -

A ilustração “Altas impaciências” trazia as imagens do Ministro das Relações Exteriores, Barão do Rio Branco, e do Presidente da República, Rodrigues Alves, que travavam o seguinte diálogo [Figura 18]:



- Figura 18 -

Barão: Mais dia, menos dia, esta questão da *Panther* fica resolvida por si mesma.

R. Alves: Como assim?!

Barão: Ora! o Kaiser respeita-me, e até me chama o Bismarck brasileiro... Por esse lado estou tranquilo. O que me dá tratos à bola é a pretensão do Amazonas, querendo surrupiar-me o Acre, e o projeto dos cearenses para transformar o Acre em Estado independente. São duas tremendíssimas espigas...

R. Alves: Sim? e depois?

Barão: Depois... nada! Homem, o senhor parece que está com a pedra no sapato!... Tanta pergunta.

Fique sabendo que estou estudando todas essas questões e que a minha diplomacia mais uma vez vai embasbacar o mundo!

R. Alves: Pronto! E fique eu embasbacado, a olhar para os seus feitos como boi para palácio! Assim, olhe!⁶¹

Em tom jocoso, sob o pseudônimo “Antichope”, eram apresentados “Pensamentos anti-germânicos”:

– Se a Alemanha fosse um chope eu a beberia de um só trago. – *Belizário*, o agosto.

– Chamam-me de alemãozinho... Se eu o fosse suicidava-me. – *Lauro*, o moleiro.

– Dizem que há juizes em Berlim. É história: os de lá são como os daqui. – *Enéas*, o Tarmerlão.

– *Hamburgische – Sudamericanisch Gesellschaft – Dampschiffarts*. Ora entenda-se lá uma língua destas! – *Said, Ali*, mosca!

– Eu não engrossaria um alemão, nem a troco da eleição do Campos Sales. – *Pifer*, o emenda-mor.

⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 30 dez. 1905, a. 4, n. 172, p. 7.

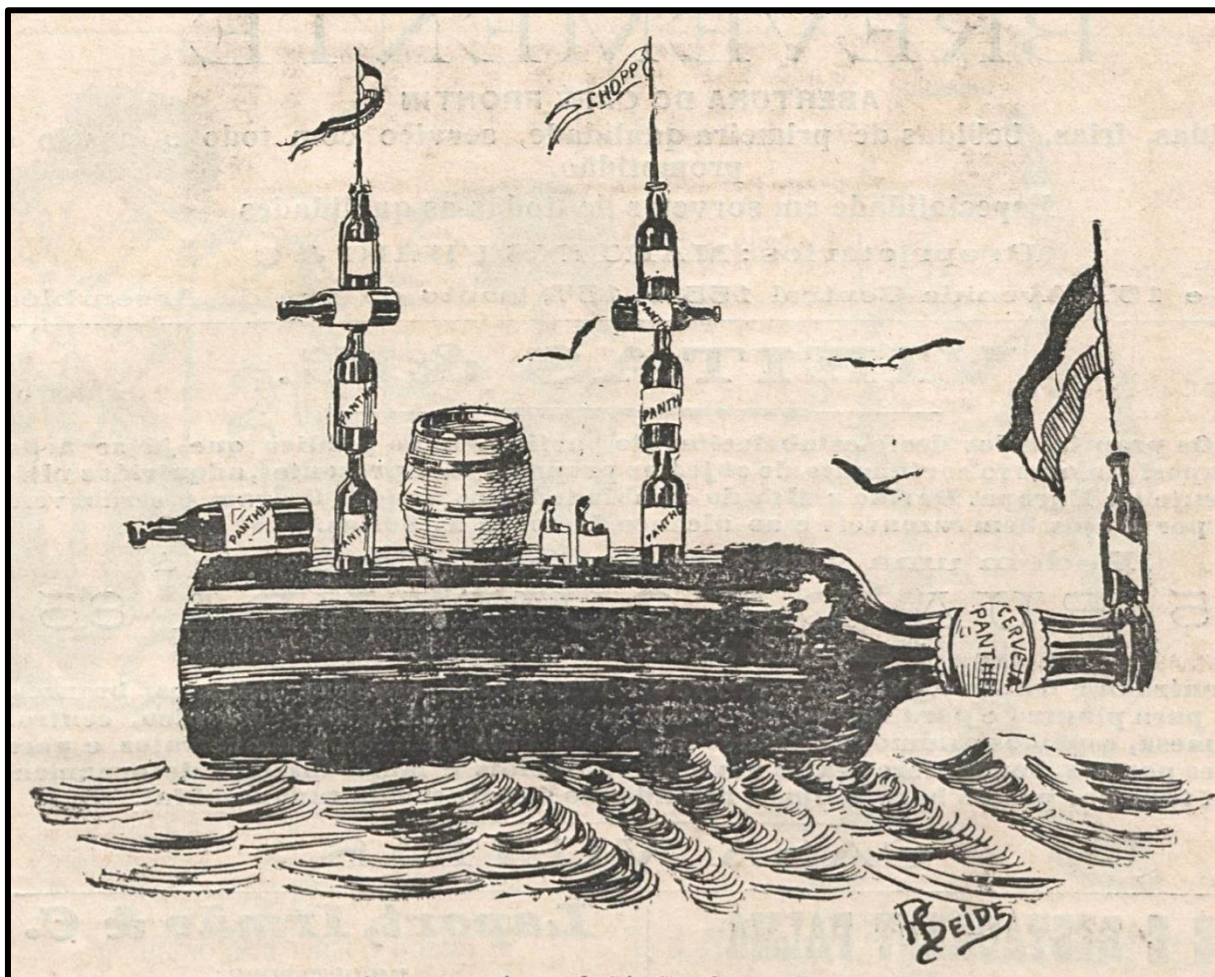
- Enquanto eu me lembrar do Pettersen, hei de sempre ter os alemães debaixo do olho. – *Mortinho*, o dos níqueis.
- Germano sim: germânico é que não! – *Hasslocher*.
- Com uma remessa do *Brasil Naval* liquido toda a esquadra alemã. – *Arthur*, Dias Santos.
- Esse negócio da *Panther* ainda há de chegar a mau fim. – *Bomfim*.
- Esta Alemanha é o diabo: está me encanizando os planos e eu é que fui exercer com ela. – *Rio, Roxo*, o atrapalhado.⁶²

A imputação da bebedeira aos alemães voltava à baila em “Um furo foto-diplomático”, que mostrava o arremedo de uma embarcação, toda formada a partir de garrafas, identificadas como “cerveja *Panther*”. A legenda era: “A canhoneira *Panther* em alto mar, na viagem do Rio Grande para Buenos Aires”, acompanhada da explicação de que se tratava de um “instantâneo de um dos nossos fotógrafos a bordo da divisão em exercícios... de ver navios, nos mares do sul”⁶³. Já na virada para o ano seguinte, em outro desenho, intitulado “Recordação histórica”, só aparecia a silhueta do Ministro das Relações Exteriores, Rio Branco, que dizia: “Agora que estou sozinho, e aqui para nós que ninguém nos ouve: este caso da *Panther* está me saindo um bota diplomática de mão cheia...”; e completava: “Ou me engano muito ou vou fazer de Napoleão em Waterloo... Ora, Cambrone!”⁶⁴ [Figuras 19 e 20].

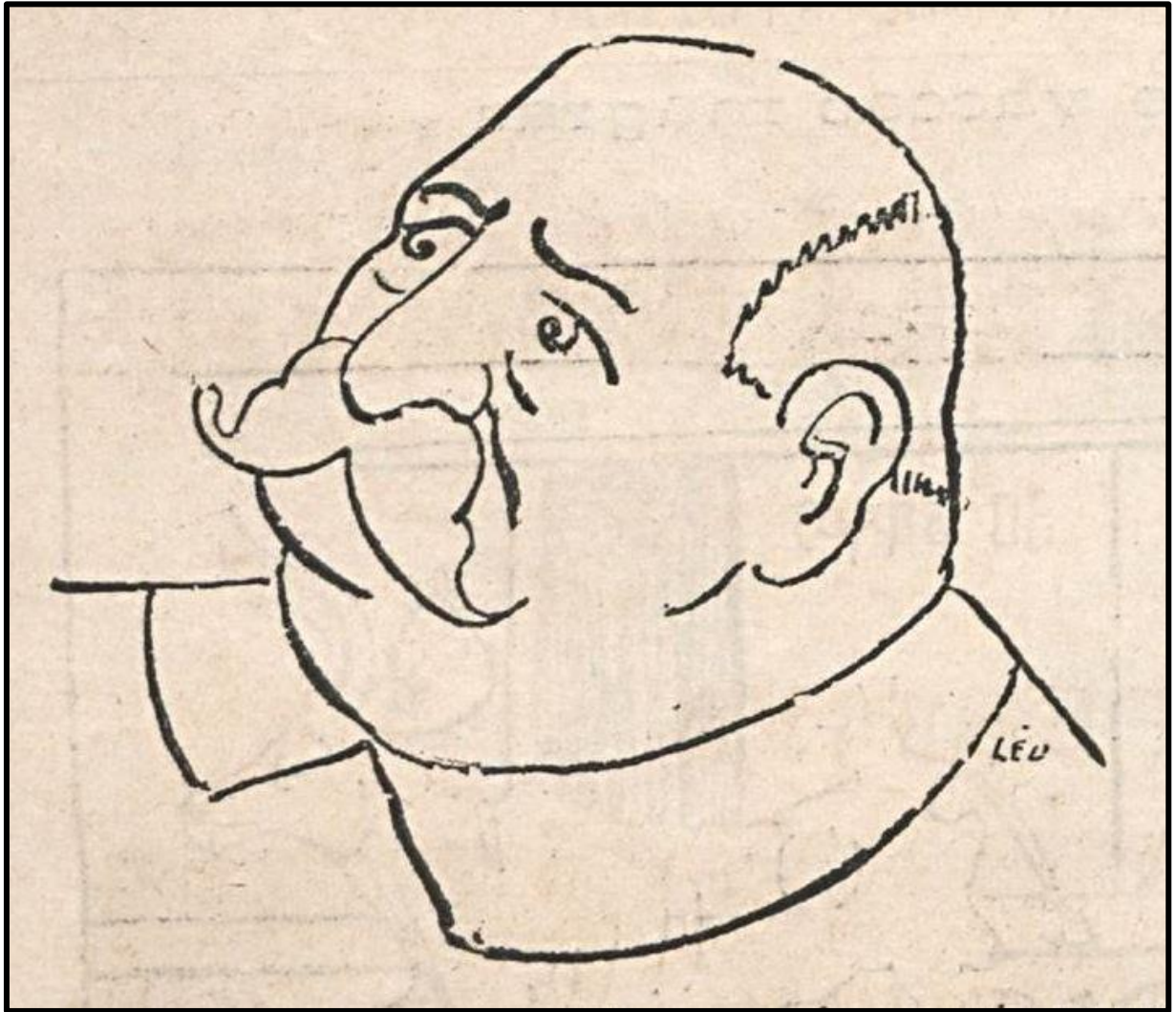
⁶² O MALHO. Rio de Janeiro, 30 dez. 1905, a. 4, n. 172, p. 19.

⁶³ O MALHO. Rio de Janeiro, 30 dez. 1905, a. 4, n. 172, p. 40.

⁶⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 jan. 1906, a. 5, n. 173, p. 7.



- Figura 19 -

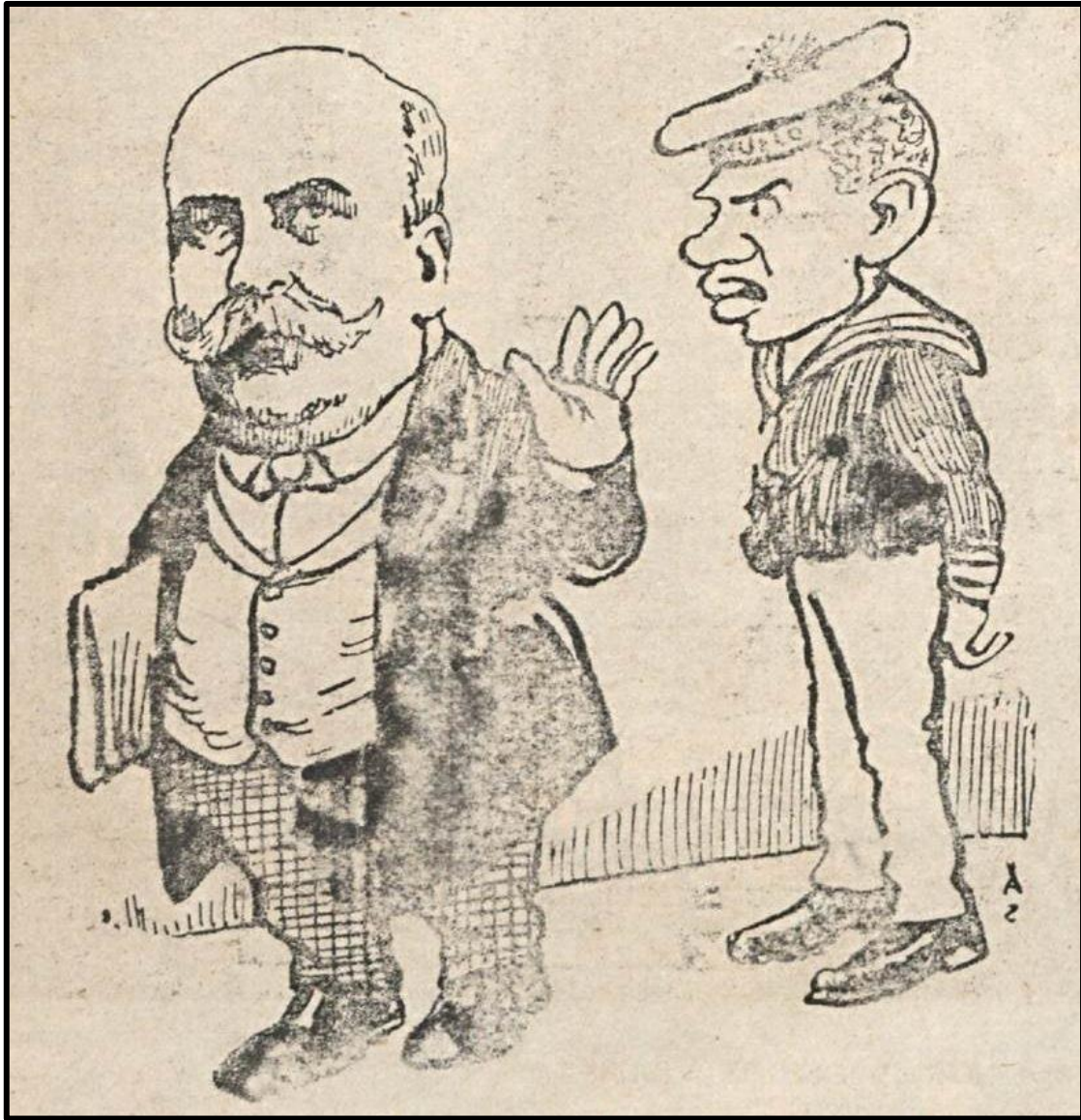


- Figura 20 -

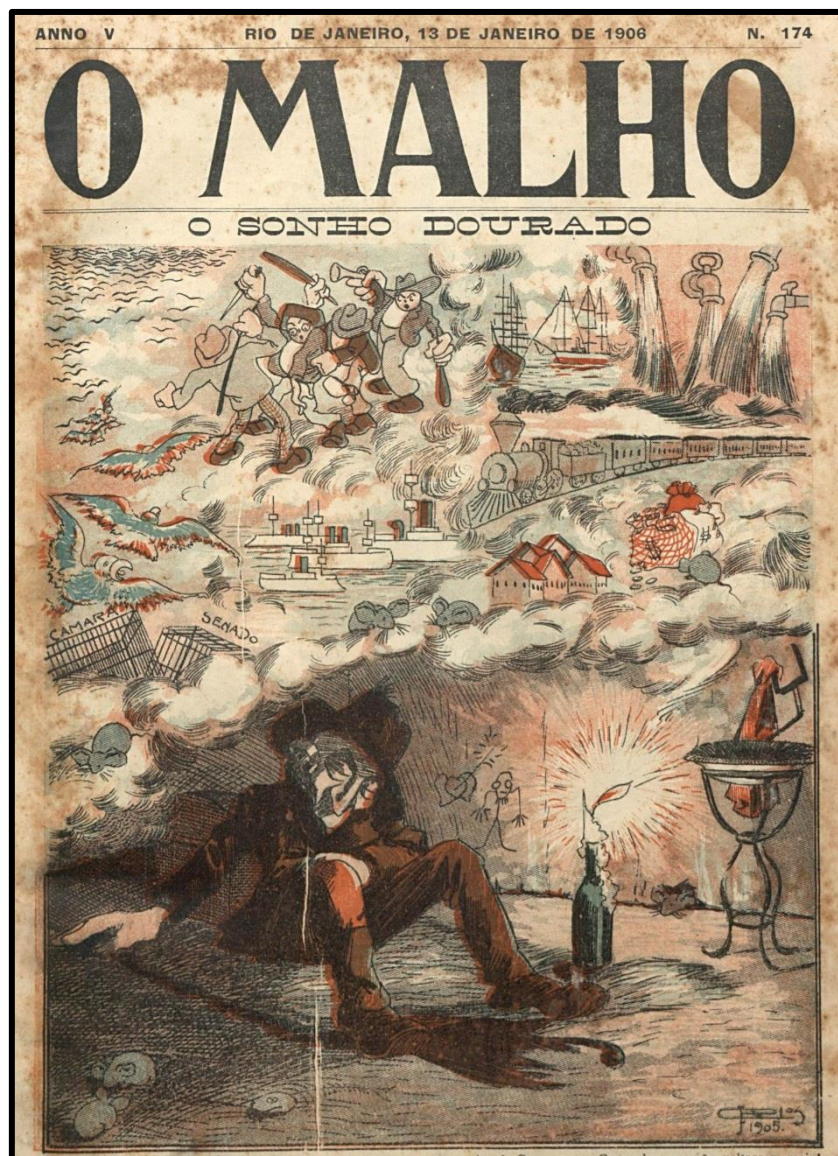
Rio Branco era mais uma vez o protagonista na caricatura “Esquadra em seco”, na qual o Ministro conversava com um marinheiro, que lhe cobrava: “Mas como é isso, *seu* Barão! Para que é que foram os nossos navios ao sul, se a *Pantera*, já se raspou para o Rio da Prata?”. Perante tal pergunta, Rio Branco argumentava: “Sossegue camarada! Sossegue. Você vai ver o figurão que os *patinhos* fizeram...”; ao que o interlocutor questionava: “Aonde?”; obtendo por resposta: “No meu relatório”⁶⁵. A capa de *O Malho* da edição seguinte apresentava “O sonho dourado”, gravura que representava os devaneios de um pobre na busca de soluções para problemas nacionais, como a corrupção política e administrativa e a falta de investimentos em infraestrutura e em assistência aos indigentes. A questão diplomática e a crítica às atitudes governamentais também se fizeram presentes, citando entre as pretensões do indivíduo: “Ah! se eu tivesse uma esquadra poderosa sacudia a albarda desta humilhação do caso da *Panther* e dava uma lição de mestre no Kaiser e no pateta do nosso Barão!...”⁶⁶ [Figuras 21 e 22].

⁶⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 jan. 1906, a. 5, n. 173, p. 17.

⁶⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, capa.



- Figura 21 -



- Figura 22 -

Uma reunião ministerial era abordada em caricatura denominada “A solução do caso da *Panther*”, na qual, com o *Diário Oficial* em mãos, Rio Branco tentava explicar a situação aos seus colegas de Ministério e ao Zé Povo, que também se fazia presente [Figura 23]:

Seabra, Muller, Bulhões, Argolo e Noronha: Somos todos orelhas para ouvir o resto da fritada diplomática!

Rio Branco: O resto é isto: como não pude obter mais do que a promessa de que a justiça militar alemã apurará o incidente, quando um dia a *Panther* regressar às águas do Império, acabei com o negócio, dei-me por satisfeito e na última nota apreciei “devidamente a retidão e presteza, com que o governo imperial procedeu no exame e decisão deste caso, dando mais uma prova dos seus elevados sentimentos de justiça”.

Os outros ministros: O que *seu* Barão! Pois a soberania do Brasil leva um pontapé dessa ordem e o senhor ainda agradece a *retidão* e os *elevados sentimentos de justiça* da Alemanha?!

Zé Povo: Ora, *seu* Rio Branco! Então o senhor pensa que o Brasil é a sua pessoa? Tire o seu cavalo da chuva! Fique sabendo que para mim o incidente não está terminado. E para a Alemanha também não está! O Kaiser não tarda a reclamar a entrega de Steinhoff que é um alemão desertor... e como ele *desapareceu* no nosso território, pedirá uma forte indenização... E o senhor, que para isso não é mole nem nada, dar-lhe-á o dobro! Protesto já contra tudo isso!⁶⁷

⁶⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 2.



- Figura 23 -

Na seção “Salada de frutas”, utilizando-se do recurso de inverter os nomes das autoridades governamentais, o periódico trazia algumas declarações chistosas dos homens de governo. Dentre elas, aparecia a fala de “Branco Rio”, que dizia: “Ora bolas! Procuo neste caso da *Panther* manter a linha diplomática das Missões e do Amapá, mas não há meio: os jornais amarelos molham-me o papelão e a minha figura desfaz-se em mingau”⁶⁸. A revista trazia também os “Ecos de Lisboa”, matéria ilustrada pela figura do rei português, D. Carlos, que tecia comentários. Em referência à diplomacia brasileira, era dito: “Sem falar no caso da *Panther*, que em matéria de solução diplomática é o maior contrabando que jamais se viu e com a particularidade interessante de ter sido homologado pela paspalhice da nossa chancelaria, talvez ainda arriscada a pagar... a multa!”; concluindo: “Benza-nos Deus e não nos lamba o gato com estes amigos ursos!..”⁶⁹ [Figura 24].

⁶⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 6.

⁶⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 8.

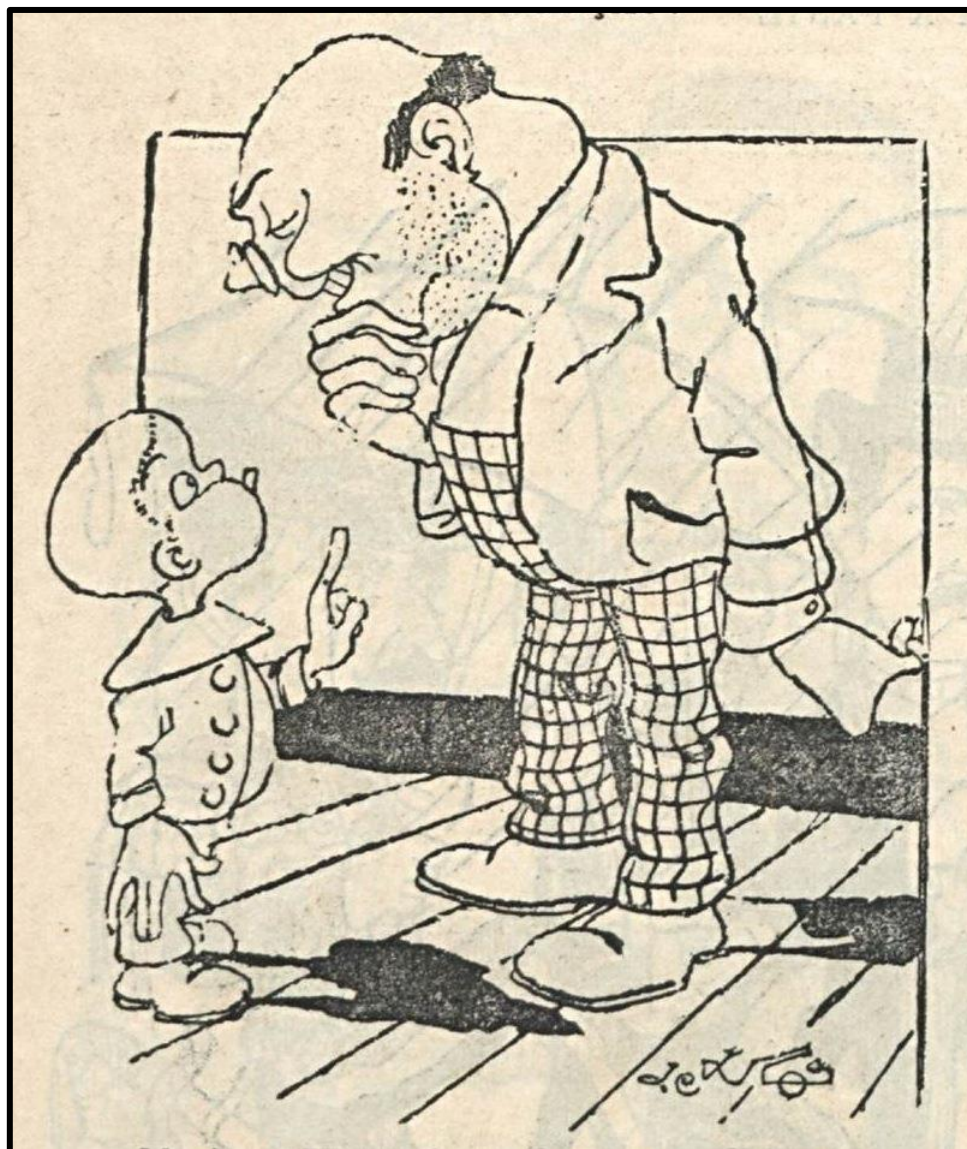


- Figura 24 -

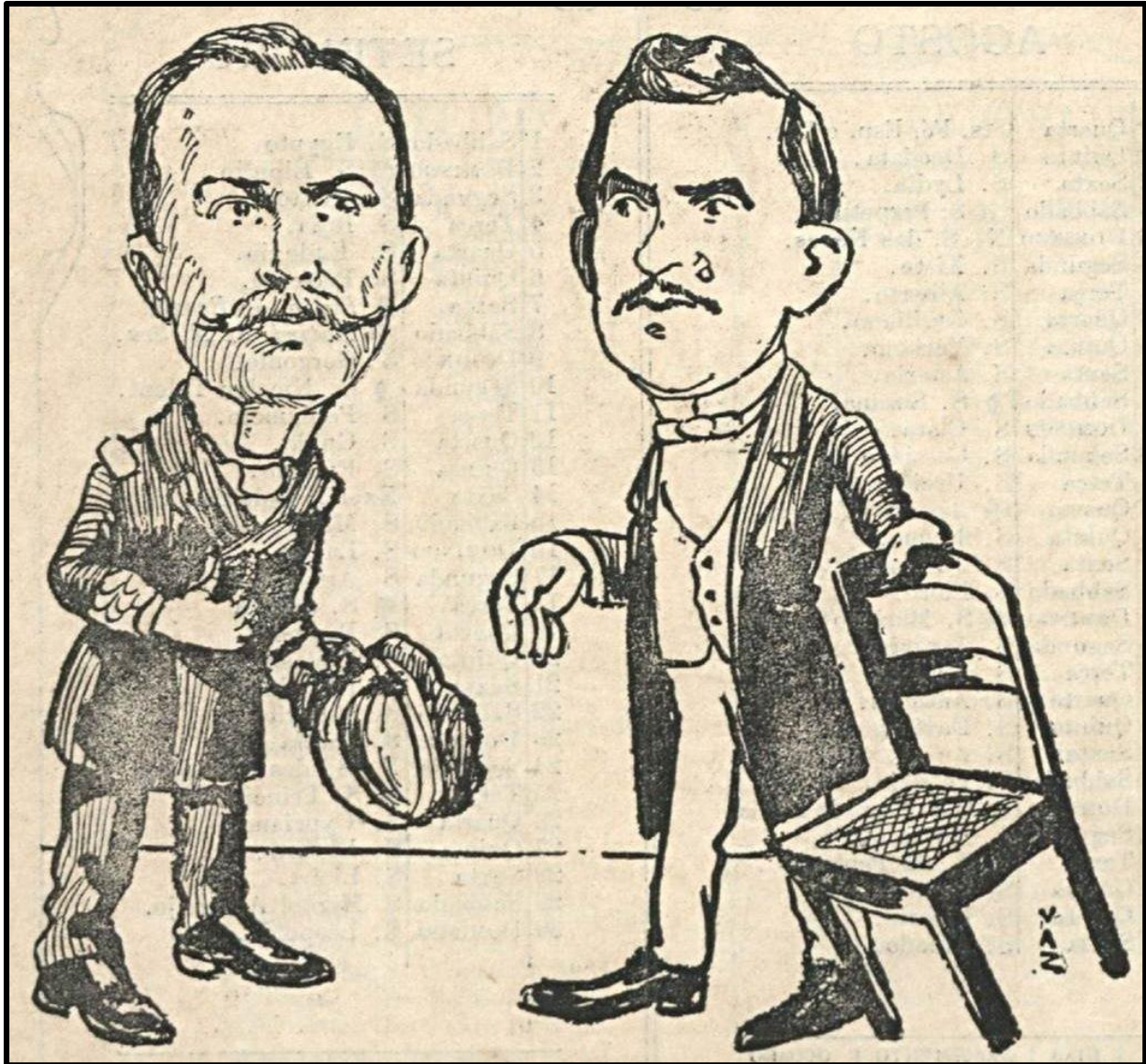
A presença da querela diplomática no cotidiano aparecia mais uma vez, na caricatura denominada “Estas crianças”, na qual se travava o diálogo entre uma criança e um homem. Na conversa, o menino dizia: “Você sabe qual é o animal mais feroz do mundo? É a pantera”; diante do que o interlocutor estranhava: “Ora, essa! Que tolice!...”. Como conclusão, o garoto sentenciava: “Tolice, não! Pois o senhor não vê como o Barão do Rio Branco tem medo da *Panther*? Nem quer que se fale nela...”⁷⁰. Na gravura denominada “Candidatura *Manqué*” dois militares e políticos, Constantino Nery e Alexandrino de Alencar, conversavam sobre a ocupação de uma cadeira senatorial, cujo destino estaria a mudar, tendo em vista as questões diplomáticas nas quais o Brasil se envolvia. No diálogo, Alencar se referia à querela com a Alemanha, fazendo, com chacota, alusão ao nome do comandante da canhoneira, ao prever a possibilidade de haver “outros casos como o da *Panther*”, diante do que, “não faltará sarna para me coçar”⁷¹ [Figuras 25 e 26].

⁷⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 11.

⁷¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 15.



- Figura 25 -



- Figura 26 -

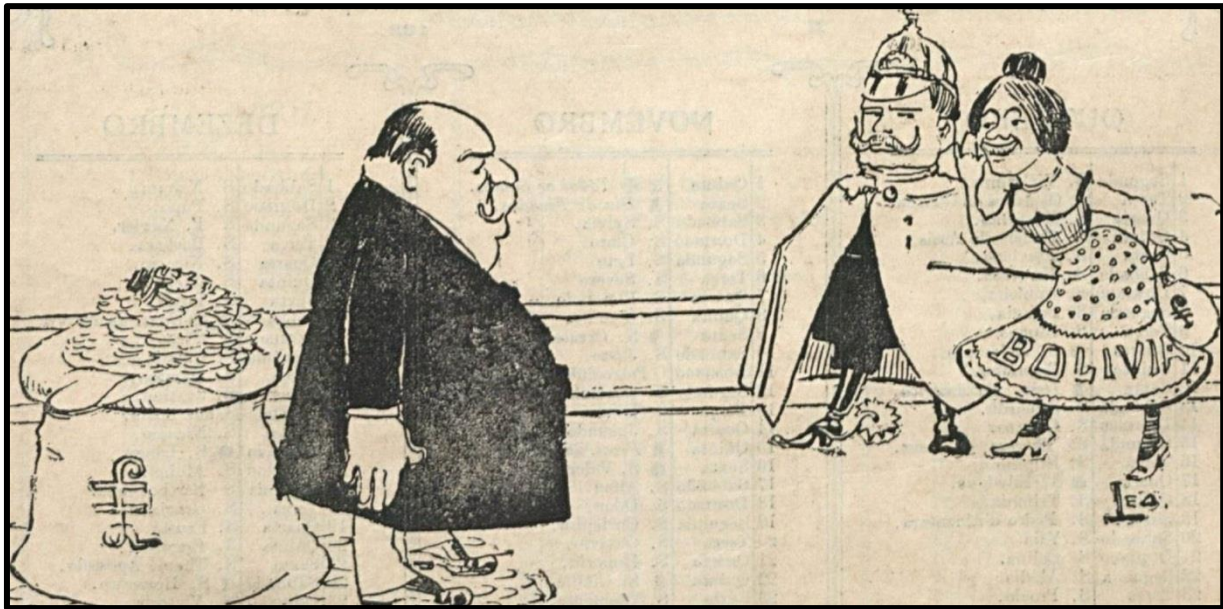
A figura de um ancião aparecia comentando a notícia pela qual o Brasil passaria a “ter navegação para o Japão”. A circunstância servia para tratar-se com ironia da diplomacia brasileira, a qual era comparada com a japonesa: “Nós um povo tão adiantado que até a *Panther* vem caçar conosco, tão civilizado, vamos dar confiança ao Japão, um povo tão atrasado que até venceu a Rússia e dá pancada em quem lá for meter o nariz no que é deles!...”⁷². Sob o título “A verdadeira diplomacia”, o periódico trazia uma caricatura na qual uma mulher, representando a Bolívia – país com o qual o Brasil negociara o território do Acre, através de indenização –, conversava com o Imperador alemão, estimulando-o a barganhar ganhos junto ao chanceler Rio Branco, o qual se colocava à frente de um saco de libras esterlinas. No diálogo, o “Barão” dizia: “Então, vossa majestade dá ou não dá uma satisfação direta ao Brasil?”; ao passo que “a Bolívia, ao ouvido do Kaiser”, sugeria: “Não caia em fazer isso de graça: o Brasil tem muito dinheiro para pagar boas satisfações”; diante do que o governante germânico concluía: “Contente-se com a que já dei... Mais, não posso”⁷³ [Figuras 27 e 28].

⁷² O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 15.

⁷³ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 15.



- Figura 27 -



- Figura 28 -

A insatisfação de *O Malho* ficaria evidenciada mais uma vez em matéria sem título na qual a folha demarcava seu descontentamento para com as atitudes governamentais, mas também sua decepção para com a falta de manifestações mais veementes de parte da população em geral:

O caso da *Panther* ainda não está resolvido.
Nem estará, descansem!

O nosso chanceler é o mesmo que, há pouco tempo tratando de assunto urgente, mandou passar para a Bolívia um telegrama com a nota de – *preterido!*...

Depois, trata-se da Alemanha que não é positivamente a República de Andorra.

Além disso, o Kaiser é brusco e voluntarioso... pode zangar-se e dar quatro pulos e três assovios e arrumar-nos mesmo com um chope no nariz...

Se o povo não fosse a lesma que é, teria começado por um *meeting* de indignação e outras manifestações de *carinho*... Já a coisa estaria resolvida de qualquer maneira!

Assim, não; esperaremos até que o Kaiser esteja de veneta... e nos mande tratar de outro ofício!

Enquanto se espera, carrega-se pedra.

Vamos ouvindo os desaforos do *Urwaldsbote* e dando mil desculpas à fria Alemanha por lhe termos posto a pedra no sapato com que ela esmaga os Marrocos de toda a parte...⁷⁴

Segundo o semanário, a situação diplomática estaria tão mal resolvida que apenas um capoeira poderia trazer a solução, como representou na caricatura “Só assim!”, na qual o personagem em questão dizia ter coragem suficiente – a qual teria faltado ao governo brasileiro – para enfrentar os germânicos. Nessa linha, a figura afirmava em um português pouco vernacular: “Palavra do Zeferino Brocoió Pampulha, que *si eu mi* metesse no *logá* de *seu* Barão, *prá liquidá* o caso da *Panther*, já tinha ido à *capitá* dos *alamões* *passa* cada *rastera* que Deus te livre!...”⁷⁵ [Figura 29].

⁷⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 16.

⁷⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 45.



- Figura 29 -

Em seção destinada ao público feminino, denominada “Postais femininos”, o hebdomadário trazia várias opiniões expressas de modo sucinto e assinadas por mulheres. Uma delas, identificada com Judite Vasques, dizia: “Perguntou-me ontem meu filho se eu sabia em que tinha dado o caso da *Panther*. Senti um calafrio e em seguida o rubor subir-me às faces e respondi: Não deu em nada!...”⁷⁶. Na data alusiva a São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, que foi martirizado como alvo de flechadas, *O Malho* trazia “O S. Sebastião do Dia”, caricatura em que a figura santificada era substituída pela imagem do indígena, representação do povo brasileiro, que se encontrava amarrado a uma árvore, identificada com o “poderio alemão” e “desfeita da *Panther*”. Na gravura, a personificação do algoz ficava ao encargo de Rio Branco, que, empunhando o arco, disparava flechas contra o índio, sob os olhares de vários representantes da imprensa carioca, cujos órgãos respectivos eram identificados pela inscrição em suas penas⁷⁷.

⁷⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 jan. 1906, a. 5, n. 174, p. 53.

⁷⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, capa.



- Figura 30 -

Na legenda do desenho referente ao “novo S. Sebastião”, o “mártir Brasil” dizia: “Ah, *seu* Barão, *seu* Barão! Estas suas flechadas diplomáticas sobre o caso da *Panther* é que me fazem sofrer a pior das dores: a dor da humilhação”. Diante da constatação, o Barão respondia: “Tem paciência, meu caboclo! Cristo sofreu mais e a culpa não foi minha... Esta diplomacia é que te há de civilizar... Aguenta mais uma!”. Enquanto isso, as folhas de oposição declaravam: “Isto é bárbaro! Isto é indecoroso! Fora o homem das flechas”; e, em contrapartida, as situacionistas, amenizavam: “Não faça caso, Barão! O seu ato merece as flores retóricas do costume”. Finalmente, o “Zé Povo” concluía: “Eu bem sei quanto me custam essas flores... Ah! que o mártir não estivesse amarrado...”⁷⁸.

Em “Justas preferências”, o chanceler Rio Branco conversava com o escritor e jornalista Filinto de Almeida, chamando atenção para os interesses estadunidenses em jogo. Enquanto o primeiro afirmava: “Oh! por aqui meu caro poeta: Já sei que está impressionado com as sovas pelo caso da *Panther* e vem por os seus préstimos à minha disposição...”; o outro respondia: “Adivinhou, Sr. Barão! Como funcionário de uma companhia de seguros americana, venho saber se V. Ex. precisa dos meus préstimos intermediários para segurar alguma coisa...”. Diante disso, o diplomata concluía: “Obrigado, Filinto, obrigado! Se a companhia fosse alemã...”⁷⁹. Ainda sobre a pasta das relações exteriores, sob o título “Internacional”, era apresentado o diálogo entre dois indivíduos, no qual um deles destacava: “Mas escuta! Ouvi dizer que o Barão, quando deixar a pasta

⁷⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, capa.

⁷⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, p. 7.

irá para a legação de Berlim”; ao que o outro respondia: “Qual! De Berlim deve ele vir para aqui como ministro alemão”. Ao final, o primeiro retomava a palavra: “*Iche!* Não vê que o Kaiser cai nessa! Lá na Alemanha tomam muito a sério as questões nacionais”⁸⁰ [Figuras 31 e 32].

⁸⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, p. 15.



- Figura 31 -



- Figura 32 -

Uma conferência entre o Presidente da República e o Ministro das Relações Exteriores, com a presença da representação do povo brasileiro tinha

por tema, mais uma vez a questão diplomática ocasionada a partir dos atos praticados pelos militares da *Panther*. Na caricatura denominada “O Barão, Sua Ex. e o Zé”, Rodrigues Alves abria as falas, comentando: “Ah! *seu* Barão! O senhor fez uma *rata* medonha no caso da *Panther*... Não há benzina diplomática que tire esta nódoa do meu último ano”. Após a declaração presidencial, Rio Branco retorquia: “Mais vale o tolo no seu, que o avisado no alheio. O *nosso* destampatório de mandar a esquadra para aprisionar a *Panther* no Rio Grande podia motivar uma declaração de guerra por parte do Kaiser...”; e complementava: “A minha habilidade conseguiu transformar esses *casus belli* numa desculpa da Alemanha. Foi ou não foi uma vitória?”. Acanhado, retirando o chapéu e pedindo a palavra, o “Zé Povo” reagia: “*Seu* Barão dá licença? No tempo do senhor seu pai, essa vitória se transformaria numa *lata*... que o Sr. Barão teria de aguentar sem olhar para trás!”; vindo a concluir: “Esta é que é a verdade, embora os defensores à minha custa digam o contrário pelas folhas...”⁸¹ [Figura 33].

⁸¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, p. 31.



- Figura 33 -

Uma figura feminina, representando a Bolívia, com uma locomotiva à mão, em referência às negociações brasileiro-bolivianas que levaram à indenização como solução para a questão do Acre, era a personagem da caricatura “Comer a isca...”, que, ao final, fazia referência ao caso germânico-brasileiro. A legenda correspondia a uma afirmação da “mulher-Bolívia”, trazendo o olhar crítico sobre a diplomacia do Brasil, ao afirmar: *“Pues señores. Es cosa heca. Tengo el bolsillo lleno com los millones del Brasil e hago ferrocarril para la Argentina. No más. Y si, por acaso vienen reclamaciones brasileiras, le ofresco al Baron de Rio Branco esse trensito de broma”*; e

complementava: "*Vaya! Si soy tonta. Del Brasil el dinero, não há más, para diplomacia La Plata y para gracia, yo! Despues le dáre satisfaciones al Sr. Rio Branco. Que le coja... una pantera!*". Em outra gravura, o protagonismo era do Imperador alemão, que, diante de uma mesa, erguia um brinde. A fala do Kaiser trazia consigo a ironia da folha ilustrada carioca: "Pela paz!... E agora, pela *força*, que permitirá a minha arrogância sobre os fracos!... Por falar em fraquezas... Grande homem é esse notável Barão do Rio Branco! É o único brasileiro que sabe avaliar a minha força e o meu topete..."⁸² [Figuras 34 e 35].

⁸² O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, p. 38.



- Figura 34 -

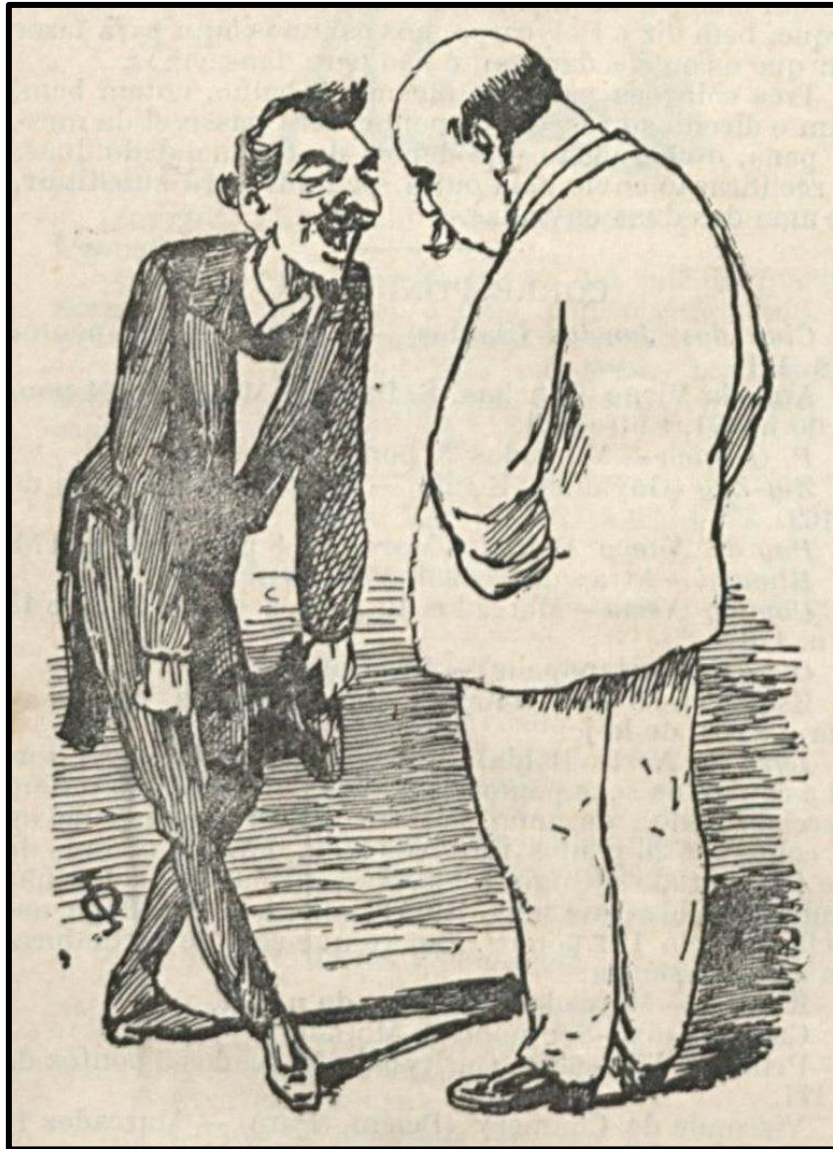


- Figura 35 -

Sob o título “Nova diplomacia”, *O Malho* trazia mais um diálogo, desta vez entre o Ministro das Relações Exteriores do Brasil e um indivíduo que pretendia obter reparações diante de uma agressão que sofrera, trazendo à baila mais críticas à política externa brasileira [Figura 36]:

Barão: O senhor é pretendente à carreira diplomática?
Cidadão: Não senhor! Apenas me sucedeu isto: levei uma bofetada. Queria que V. Ex. me ensinasse que desagravo devo tomar...
Barão: O sujeito que lhe deu é mais forte ou é mais fraco?
Cidadão: Mais forte! É um latagão danado!
Barão: Ah! bem...Então a desafronta é fácil...
Cidadão: Dou-lhe um tiro?...
Barão: Não... Qual! Apresente-lhe a outra face para levar outra bofetada...
E no fim, agradeça...⁸³

⁸³ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 jan. 1906, a. 5, n. 175, p. 43.



- Figura 36 -

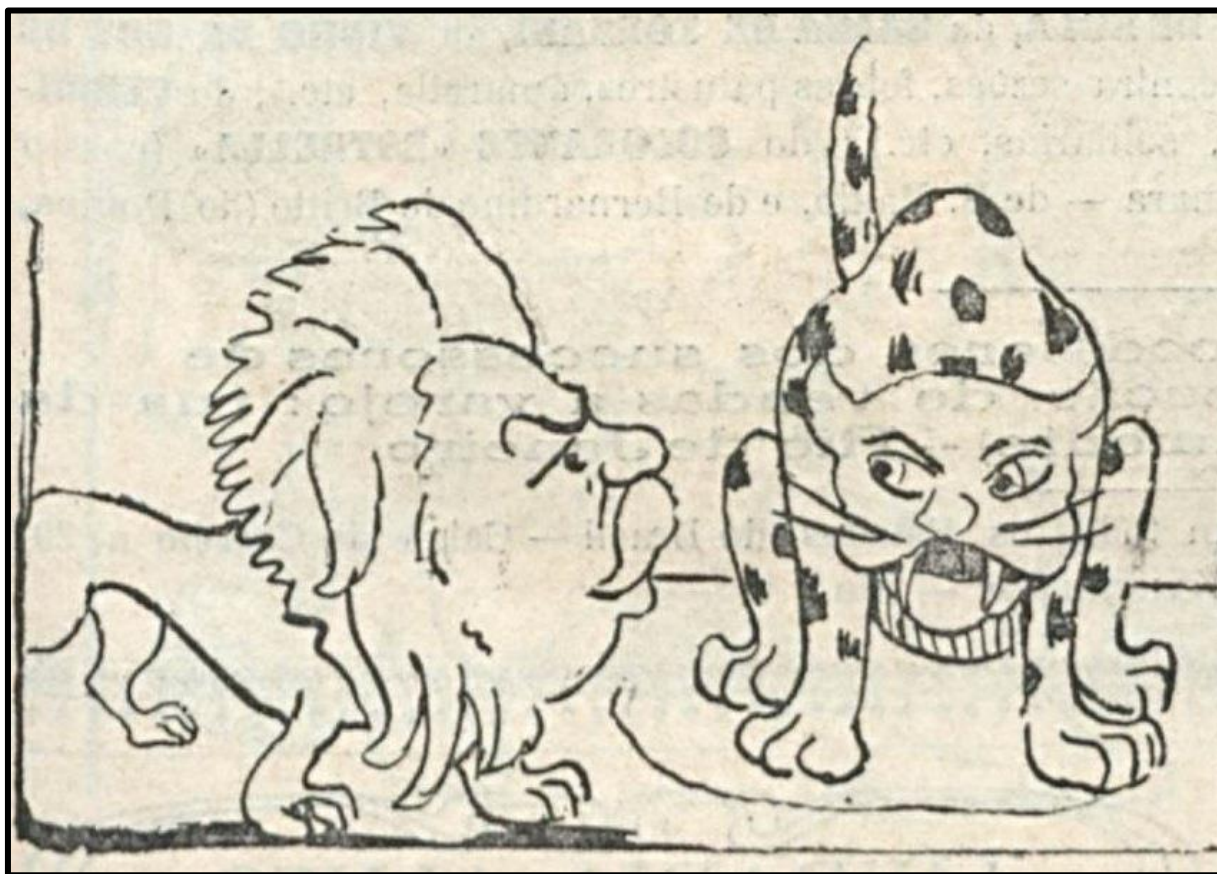
O sinistro de uma belonave brasileira foi o tema da capa da revista ilustrada-humorística e, tal ocasião serviu mais uma vez para que o periódico criticasse a diplomacia brasileira. Em caricatura, denominada “Bom troco”, o chanceler brasileiro conversava com a figura que constituía a tradicional representação dos Estados Unidos. Nesse quadro, Rio Branco perguntava: “Não achas, Tio Sam, que andei perfeitamente no caso da *Panther*?”, e, perante o questionamento, “Tio Sam” respondia sincera e diretamente: “Francamente, Barão! O senhor ainda tem coragem de falar nesse desastre, depois da catástrofe do *Aquidabã*? Tratem de reconstruir a marinha, se não quiserem ser engolidos pela Alemanha...”⁸⁴. Em um conjunto de desenhos, o semanário apresentava “A Pantera e o leão (fábula em três quadros”. Mostrava primeiramente Rio Branco, metamorfoseado, com cabeça humana e corpo de leão, mostrando-se disposto a enfrentar uma pantera. Em seguida, surgia um capacete, típico dos militares alemães, contendo um bigode, em alusão ao Kaiser e uma águia, em referência à bandeira germânica, representando o poderio bélico do país europeu, diante do qual o leão fugia espavorido, assumindo um outro formato animal, agora o de uma cavalgada. Ao final, o próprio Imperador alemão, Guilherme II, aparecia sorridente a dominar o chanceler brasileiro como se fosse uma marionete⁸⁵ [Figuras 37, 38, 39 e 40].

⁸⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 jan. 1906, a. 5, n. 176, p. 14.

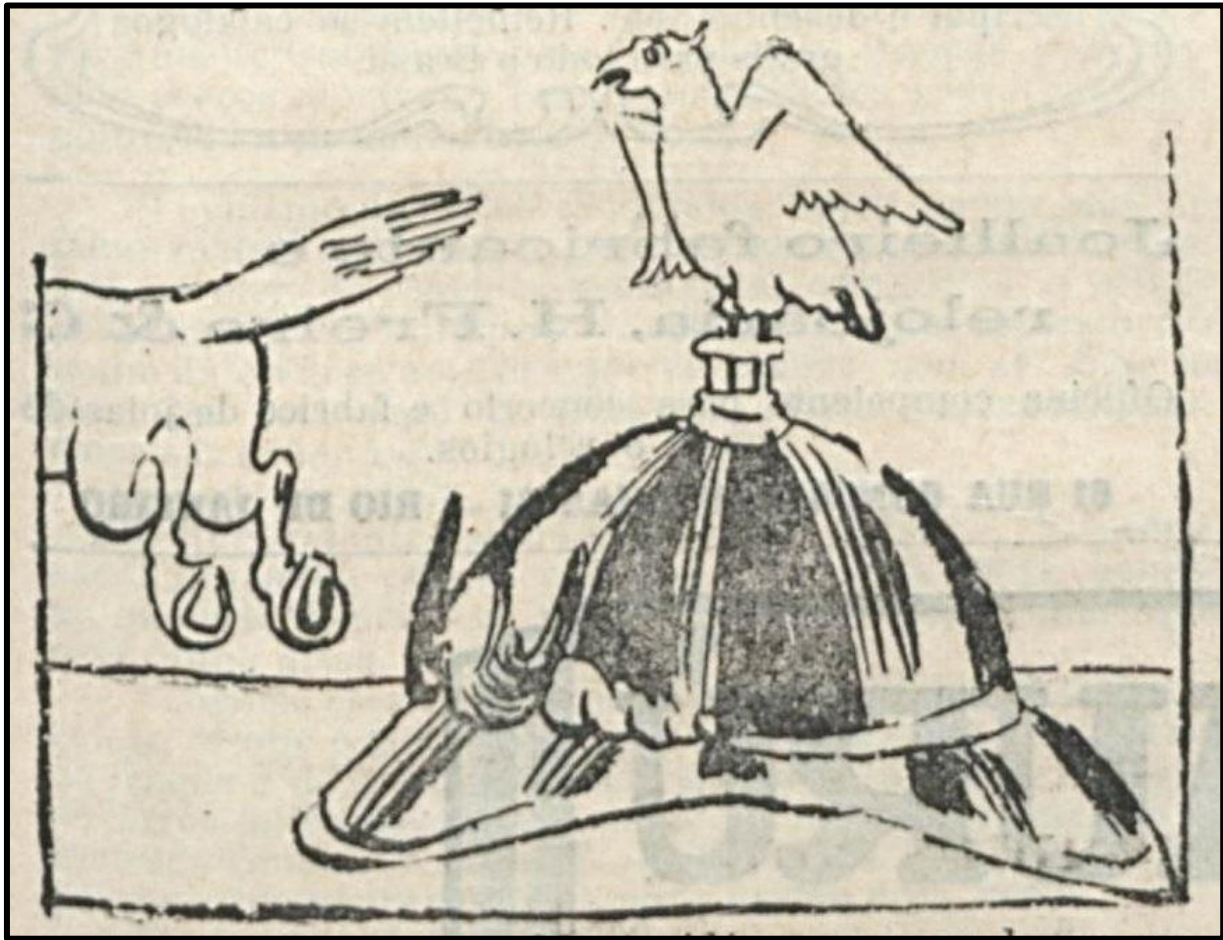
⁸⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 jan. 1906, a. 5, n. 176, p. 36.



- Figura 37 -



- Figura 38 -



- Figura 39 -



- Figura 40 -

A “fábula A pantera e o leão”, ilustrada nas páginas de *O Malho*, tinha a seguinte legenda:

Era uma vez uma pantera alemã que tendo tomado muitos chopes apanhou uma chuva, fez um estrupício em Itajaí e atacou a nossa soberania territorial, fazendo tanto caso de nós como da primeira camisa que vestiu.

Felizmente, saiu-lhe ao encontro o nosso chanceler Barão, que entrou roncando grosso, eriçando a juba, disposto a vingar o ultraje da pantera.

Esta quando viu aquelas entradas de leão... moscou-se para Montevideú, aparecendo em seu lugar, como por encanto ou artes do diabo, um capacete de bigodes, com uma águia espetada no cocuruto.

Não se sabe como foi aquilo. Apenas se viu o nosso leão virar sendeiro, saindo de barriga e aos pinotes, depois de ter feito uma mesura.

A águia vendo aquilo não se conteve e gritou, como se fosse um papagaio:

– Entraste como um leão, saíste como um sendeiro!

MORALIDADE DA FÁBULA:

O Kaiser, que além de bigodes tem habilidade artística, fez do leão e do sendeiro uma figura humana, que é atualmente o seu brinquedo predileto e ao qual denomina Barão Chinelo de Pomada, corruptela evidente de Polichinelo diplomático.

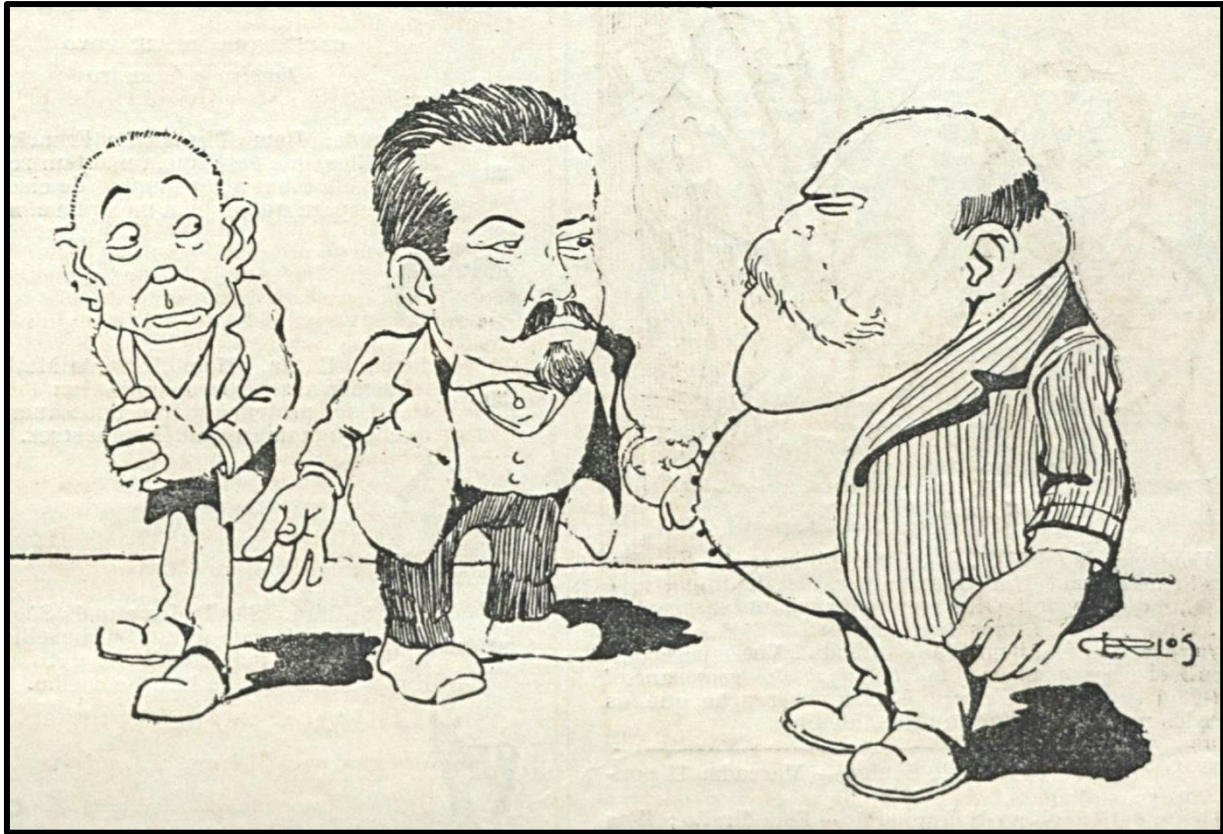
E ponto final na fábula.

O jurisconsulto e político brasileiro, com ação na vida parlamentar e diplomática, inclusive em tribunas arbitrais, Gastão da Cunha era personagem da caricatura “Praga defensora”, na qual ele conversava com Rio Branco, aparecendo também no desenho a representação do povo. Na gravura, Cunha afirmava: “Pelo que vejo, não foi preciso defendê-lo! Pois, olhe, Sr. Barão, estava

prontinho da Silva com a minha pena de *Hamilton* bem afiada...". Perante a declaração, Rio Branco argumentava: "Qual! Tenho defensores a dar com um pau! E com justiça! Não vê que o filho de meu pai, o vencedor das Missões, do Acre e do Amapá, podia lá fazer asneiras?! Não me faz essa nuvem de Magriços espontâneos!". Enquanto isso, ao fundo, o "Zé Povo, à parte", dizia: "Nuvem de gafanhotos, digo eu! O que vale é que eles têm a verba do Congresso Pan-Americano para devorar..."⁸⁶. No desenho "Vitória de Pirro", o hebdomadário mostrava um novo diálogo, desta vez entre o chanceler do Brasil e a figura que representava a população brasileira. Enquanto o Barão dizia: "Viu *seu* Zé! O Kaiser suspendeu agora o comandante da *Panther...*"; o "Zé Povo" comentava ironicamente: "A boas horas... Foi maior o desaforo... É como quem diz: castiguei por que quis, porque você pediu..."⁸⁷ [Figuras 41 e 42].

⁸⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 jan. 1906, a. 5, n. 176, p. 42.

⁸⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1906, a. 5, n. 177, p. 24.



- Figura 41 -



- Figura 42 -

Em meio a outras temáticas, realizando mais um comentário sobre “O caso da *Panther*”, *O Malho* opinava:

Não menos o é o caso da *Pantera*, em matéria cívica.

O fato passado em Itajaí prova à sociedade que não mais vibra a alma nacional, do Brasil que ontem soube integralizar-se como nação, alhear-se de estorvos que lhe impediam os surtos para o futuro; e hoje, envilecida pelos desfalcadores e seus *augustos patronos*, não sabe manter a justa reação que o brio e a dignidade impõem aos indivíduos insultados em seu próprio lar, e muito mais às sociedades fortes, cujas energias e vitalidade não se afirmam, como na nossa, no forjamento de atas eleitorais, no patrocínio dos desfalcadores dos dinheiros públicos e assassinos e nas enxurradas dos batalhões de guarda-nacional!

Mantemos a admiração, o respeito e a veneração pelo nome de Rio Branco e tão somente por isto não afirmamos já a frase amargurada que se nos aflora aos lábios – *Caminhamos para viver num país vendado e vendido*.

A dura lição infligida pelo estrangeiro audacioso não soubemos oferecer repulsa; permitam porém os nossos auspícios que ela não seja o caminho do nosso vaticínio.

E nem se diga que nos faltavam elementos para uma repulsa. Se uno fosse, como em outros tempos, o nosso modo de sentir e agir, não seriam precisas esquadras e exércitos aguerridos – bastava o nosso mercado importador e exportador suspender as suas transações com os heroicos antagonistas dos *herrerros*, que, em plena selvageria, aliás, sabem defender o seu solo e a sua liberdade.

Por mais utopia que pareça e por pouco que significasse este nosso procedimento, importaria em muito, pois, pelos menos lhes faria entender que isto não é uma *res nullius* ao alcance de qualquer tomador de chopes.

Nos Estados Unidos, em diversos outros países, o fato excitou maior animosidade do que entre nós, os ofendidos.

A República Argentina, a vizinha *amiga* em brilhante artigo da *Nacion* profliga o fato, fazendo ver a possibilidade da defesa sul-americana, enquanto

a imprensa indígena anêmica, rica de arreganhos para qualquer Peru ou Bolívia, quando não silencia, não faz sentir bem fundo o insulto soez e gratuito que sofremos, para nos erguer da apatia cívica em que caímos.

O Malho, que não perdoa a ratonice que prolifera espantosamente entre nós, aí está a vingá-los também, com esse navio fantástico, em que as garras desenvolvidas se empilham, formando-lhe o costado e as vergas e onde domina o barril do audacioso chope.

Em meio de tudo nos resta fazer votos para que o nosso homem do exterior não seja tragado pela *Pantera*.

Como justa vindita saibamos incutir nos nossos filhos d'ora em diante desprezo e ódio por homens e coisas alemãs.⁸⁸

A postura diplomática da Venezuela, representada por seu Presidente, Cipriano Castro, ao expulsar o embaixador francês, era elogiada pelo periódico, comparando-a com a posição brasileira na caricatura “França, Venezuela & Cia.”. Na ilustração, o General Castro dizia: “Puxa! Dispensar e desprezo a civilização da Europa!”; ao passo que o Barão do Rio Branco perguntava: “Era assim que tu querias que eu fizesse com a Alemanha?”; questão respondida pelo “Zé Povo”: “Não *seu* Barão! Engula a sua ironia! Entre o pontapé do brutamonte na França generosa e o nosso servilismo no caso da *Panther*, há um abismo... O senhor bem que sabe disso, mas faz-se de Manuel de Souza...”⁸⁹ [Figura 43].

⁸⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1906, a. 5, n. 177, p. 30.

⁸⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1906, a. 5, n. 177, p. 36.



- Figura 43 -

A própria figura escolhida para representar o semanário humorístico carioca, o bobo da corte de crayon à mão, aparecia interpelando o Presidente da República, na caricatura “Alemães na costa!”. *O Malho* questionava: “E que diz V. Ex. a respeito das pretensões da Alemanha sobre o Brasil? os homens da cerveja estão firmes para avançar... Olhe o que disse o jornalista inglês...”; ao que Rodrigues Alves rebatia: “Escute, *seu Malho!* Eu já tenho dito ao Barão que é

preciso abrir o olho, mas o Barão só sabe fazer isso com diplomacia...”. Em tréplica, *O Malho* concluía: “Já sei – abrir o olho diplomaticamente é fechá-los sistematicamente aos avisos prudentes do povo... Não resta dúvida – a nossa desgraça será completa, se o patriotismo seguir o exemplo dorminhoco do caríssimo chanceler...”⁹⁰. Em “A propósito da intervenção”, uma nova conversa aparecia nas páginas do hebdomadário, com a presença do Presidente da República, dos Ministros da Guerra e das Relações Exteriores e do Zé Povo. Rodrigues Alves afirmava: “Isto é um posto de sacrifícios! Vejam os senhores: se os Estados brigam e eu não intervenho, levo pau! Se os Estados brigam e eu intervenho, levo lenha! Ora pílulas”. Diante da fala presidencial, o Barão do Rio Branco confortava: “Console-se comigo: se venço as questões diplomáticas, *Aquí d’El Rei!* – foi porque abri os cordões à bolsa!”, ao passo que, “se faço uma *rata* como no caso da *Panther* – Nossa Senhora! – foi porque não pude comprar o Guilherme, isto é: não corri com os marcos... O diabo que os entenda!”. Diante disso, o Ministro Argolo argumentava: “E eu, então? Limito-me a *cumprir ordens* e levo bordoeira de escacha!”. Ao final, o “Zé Povo” arrematava: “Pior acontece a mim que ando sempre quieto, não intervenho em coisa alguma, tudo aguento e nada reclamo e vivo sempre a pagar para a música desafinada que os senhores fazem...”⁹¹ [Figuras 44 e 45].

⁹⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1906, a. 5, n. 177, p. 38.

⁹¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 fev. 1906, a. 5, n. 178, p. 2.



- Figura 44 -

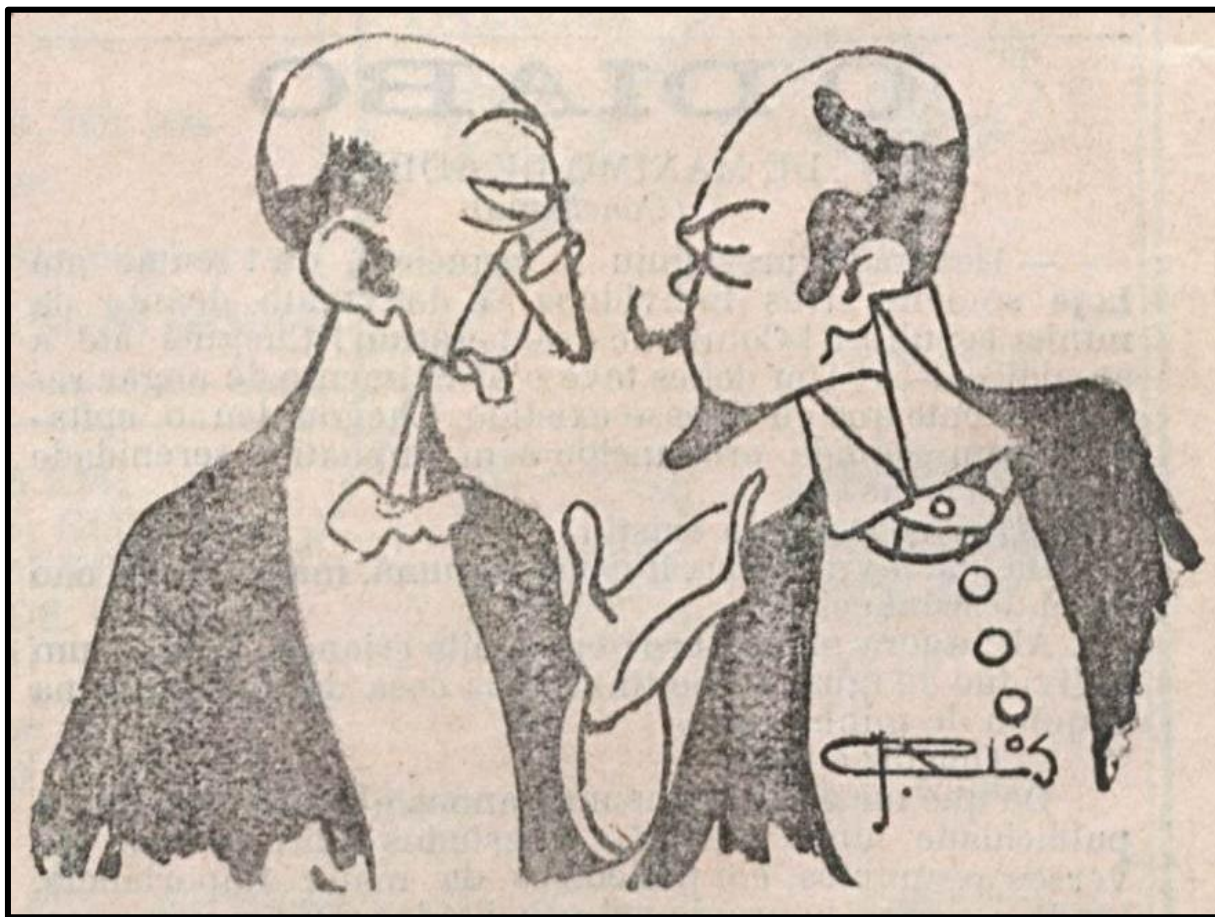


- Figura 45 -

A presença da questão *Panther* permaneceu na qualidade de ponto de pauta do periódico, como foi o caso da ilustração “Entre diplomatas”, na qual dois indivíduos travavam uma conversa. No diálogo, um deles dizia: “V. Ex. já viu que coisa grave: Um navio-escola alemão apreendido pelas autoridades de uma alfândega dos Estados Unidos?!...”; ao que o outro questionava: “Por quê? Teriam descoberto a bordo o pobre do Steinhoff?”. O primeiro apressava-se em responder, afirmando: “Qual! Coisa mais prática: grande quantidade de objetos de contrabando...”; fazendo com que o interlocutor concluísse: “Que está dizendo!... Decididamente a Alemanha quer fazer monopólio de todas as glórias...⁹²”. Já em “Promessa culinária”, o Barão do Rio Branco aparecia agarrando pela cauda um felino abatido. Na sua frase ficava implícito o engodo que a revista lhe imputava perante a querela diplomática germânico-brasileira, estando ele a dizer: “Eis a que ficou reduzido, finalmente, o famoso caso da *Panther*: a um gato morto com que eu farei figura no próximo Congresso Pan-Americano... Sou capaz até de o preparar para ser comido como lebre! E vai mesmo!”⁹³ [Figuras 46 e 47].

⁹² O MALHO. Rio de Janeiro, 10 fev. 1906, a. 5, n. 178, p. 31.

⁹³ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 fev. 1906, a. 5, n. 178, p. 40.



- Figura 46 -



- Figura 47 -

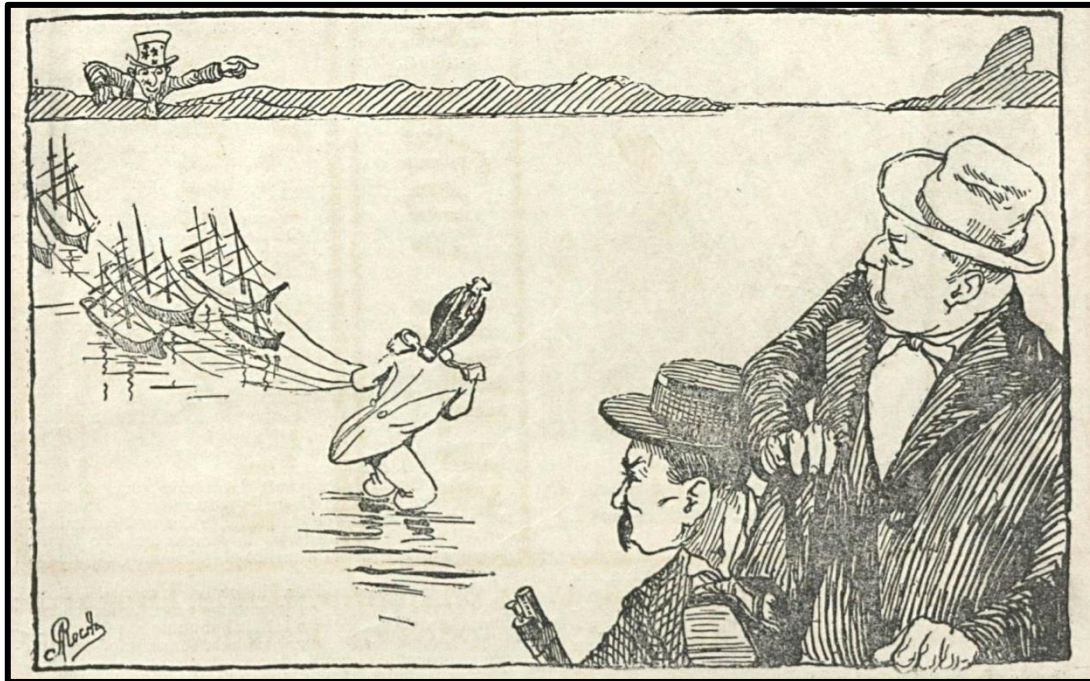
Em segmento bem-humorado da revista, eram descritos aspectos da localidade de Petrópolis, em meio dos quais havia uma referência ao caso brasileiro-alemão, na descrição de uma “barraca boêmia”, na qual estavam contidas “toalhas originais de renda *Kling*, quadro a óleo de flores brancas e a canhoneira *Panther* garridamente enfeitada”, o que valeria o “primeiro prêmio garantido em originalidade da engenharia da terra do Kaiser”⁹⁴. Em outra edição, o semanário saudava a determinação pela qual passaria a se realizar “nas escolas municipais o culto diário à bandeira nacional”. O tom patriótico direcionava-se mais uma vez para a querela diplomática, sendo a determinação considerada como “uma medida cuja urgência se impunha há muito e principalmente agora, depois do caso da *Panther* e dos projetos *avançadores* da Alemanha, no Estado de Santa Catarina”. Ainda a esse respeito, o periódico dizia com ênfase: “Já que a virilidade da nossa geração se mostrou tão apática diante do coice da canhoneira, vamos ver se pelo menos a infância adquire mais vibração patriótica para, a seu tempo cortar as unhas do Kaiser...”⁹⁵.

A presença imperialista alemã perante a política externa norte-americana era debatida em “Administração de Tio Sam”, na qual se faziam presentes este representante da sociedade estadunidense, um plenipotenciário dos Estados Unidos, o Barão do Rio Branco e o Zé Povo. O “Tio Sam” bradava: “Oh! Você vai *representa* Estados *Unidas* *Congresso* *Pan-American!* Carrega *esquadra pra mostra Brasil* e todas repúblicas *nossa* poder!”. Diante da ordem, “o Ministro

⁹⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 fev. 1906, a. 5, n. 178, p. 44.

⁹⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 fev. 1906, a. 5, n. 179, p. 6.

Root afirmava: “*Yes! Mim* puxa navio até cais Pharoux! Povo *Rio Janeira e Mérica do Sul* fica sabendo doutrina *Monröe* é força na verga!”. Aturdido com a cena, o “Zé Povo” estranhava: “*Hom’essa!* Eu pensei que o Congresso Pan-Americano fosse apenas um *tro-lo-ló* pão-duro! Como o científico! Que diz isto Sr. Rio Branco?”; ao que o chanceler respondia: “Nada! (à parte) Qual! Se a Alemanha não se estabelecer depressa aqui no sul, não poderá aguentar depois o repuxo de Tio Sam!...”⁹⁶ [Figura 48].



- Figura 48 -

⁹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 fev. 1906, a. 5, n. 179, p. 30.

A folha caricata ainda teceria críticas à Argentina por razão das homenagens prestadas em tal país para a canhoneira germânica, ato considerado como uma desfeita ao Brasil:

Os nossos *amigos* argentinos ofereceram um lauto banquete à gente da *Panther* e pelo telégrafo mandaram dizer para a nossa imprensa que haviam feito isso como *agradecimento à representação da canhoneira alemã nos funerais de D. Bartolomeu Mitre*.

Se o cadáver ainda quente do grande patriota pudesse falar, os argentinos ouviriam provavelmente algumas verdades e entre elas: que é a primeira vez neste mundo que se retribui com uma festança de comes e bebes o ato de presença à cerimônia fúnebre da inumação de um féretro...

Ouviriam mais, talvez, do *grande amigo del Brasil*, que, perversos e tolos, os argentinos procuraram colocar sobre a provocação desse infeliz banquete a máscara sacrílega e mentirosa de uma calinada sem nome, que merece ser repelida a ponta de pé.

Mas D. Bartolomeu Mitre não fala mais!

Registremos nós este tripúdio argentino sobre o cadáver do seu primeiro homem...⁹⁷

Por ocasião do carnaval, *O Malho* publicou a caricatura “Fantasia real”, na qual um homem procurava uma vestimenta para a festa de Momo. Em plena consonância com a presença das práticas imperialistas, o vendedor oferecia dois produtos respectivamente aludindo aos Estados Unidos e à Alemanha. Nesse sentido, a oferta era: “Aqui têm estes dois objetivos que lhe vendo muito barato – um chapéu de Tio Sam e um capacete alemão...”; ao passo que o

⁹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 fev. 1906, a. 5, n. 179, p. 31.

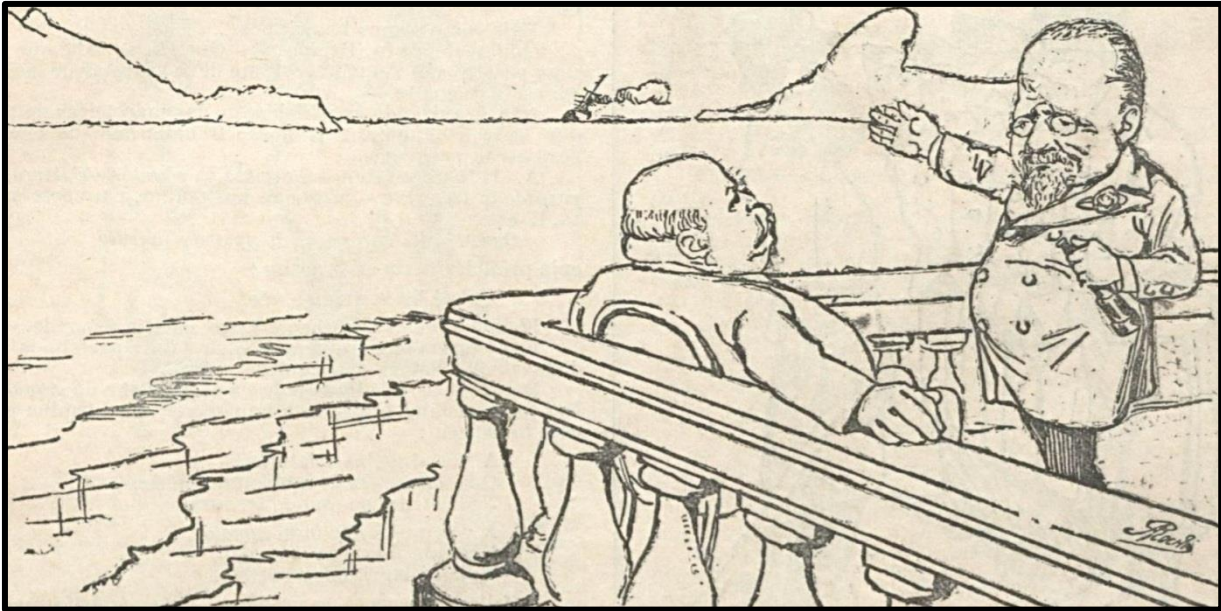
comprador reagia: “Livra! Que esses já me estão muito caros! Além disso, todos que me virem com essas coisas dirão logo – *Lá vai um mascarado nacional... Pega nele!* Fazem-me logo vítima outra vez...”⁹⁸. Uma conversa entre o Presidente da República e seu Ministro das Relações Exteriores voltava a ser retratada, tendo por local a sede presidencial, no desenho denominado “Flauteação no terraço do Catete”. No diálogo, Rodrigues Alves cobrava: “Meu caro chanceler, acusam-no de não promover o incremento do nosso comércio, deixando que o Brasil não concorresse à Exposição Internacional de Milão” e ainda “acusam-no de só prestar atenção e ser ativo nesse negócio de embaixadas... Que diz a isso?”. Perante o questionamento, o diplomata tergiversava: “Digo... que me agrada muito esta paisagem marítima. Vale a pena vir para o Catete, até mesmo como Presidente da República, só para gozar isto...”. Em resposta, o Presidente insistia: “Vejo que o Barão está fazendo espírito... Pois olhe: eu não estou para graças... Aquele vapor do Lloyd vai para o sul e leva uma carta com instruções muito severas para Mato Grosso” Aquilo por lá está um angu de todos os diabos...”. Ao final, Rio Branco comentava: “Sim, já percebi isso... Já reparei que a ajuda que V. Ex. tem dado ao Totó Paes tem produzido desastres”; e concluía com uma analogia: “Aquele sujeito é pior que o comandante da canhoneira alemã, e o caso de Mato Grosso será o caso da *Panther* de V. Ex... Aguarde-se no balanço!”⁹⁹ [Figuras 49 e 50].

⁹⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 fev. 1906, a. 5, n. 180, p. 4.

⁹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 fev. 1906, a. 5, n. 180, p. 20.



- Figura 49 -



- Figura 50 -

Com suas representações caricaturais associadas a textos, cujo conjunto traduzia opiniões incisivas, críticas e chistosas para com os acontecimentos, *O Malho* trouxe a sua interpretação para os fatos que marcaram a presença da *Panther* no sul do Brasil e o incidente diplomático gerado a partir das atitudes de comandos e comandados da belonave germânica em solo brasileiro, considerados atentatórios ao direito internacional e à soberania nacional. Tais construções iconográficas e textuais lançaram seu olhar crítico em relação às ações dos militares alemães, mas, progressivamente, concentram-se em direção às atitudes do governo brasileiro, consideradas pouco eficazes na busca de uma solução que pudesse ser considerada satisfatória para atender aos feridos brios

brasileiros. Nesse quadro, o Barão do Rio Branco desempenhou um protagonismo marcante, tornando-se um dos alvos preferenciais da revista humorística e ilustrada, mas, além dos homens de Estado, o periódico demonstrou também que a querela diplomática atingiu o público em geral e mobilizou a opinião pública, ao apresentar quadros do cotidiano correlacionados com o embate em questão. Como uma das principais revistas publicadas no Rio de Janeiro daquele início de século, com uma repercussão que começava a se ampliar para o contexto nacional, *O Malho* trouxe aos leitores sua versão peculiar para o caso da *Panther*.

LEITURA PARA TODOS

Desde o início do século XX, em processo que se incrementou a partir dos anos 1930, a imprensa brasileira caracterizou-se pelo crescimento quantitativo e qualitativo de um gênero jornalístico representado pelas revistas¹⁰⁰. Muitas dessas publicações foram editadas na capital da República, uma vez que o Rio de Janeiro era o epicentro cultural e verdadeira caixa de ressonância do jornalismo nacional. Em meio a essas revistas surgiu a *Leitura para todos*, editada no âmbito carioca, a partir de novembro de 1905. Na apresentação do novo periódico, ficava demarcado que “a empresa de *O Malho*, o jornal mais popular que já teve o Brasil, com uma tiragem de 35.000 exemplares”, a qual “tende a elevar-se rapidamente, circulando em todo o país e no estrangeiro”, passaria a publicar “mensalmente a *Leitura para todos*, revista que buscará cumprir o vasto programa a que a obriga o seu título, mas que, pelo seu feitio e pelo seu preço, é antes de tudo destinada às nossas classes populares”. Prometia constantes melhoramentos realizados a partir das modernas rotativas voltadas

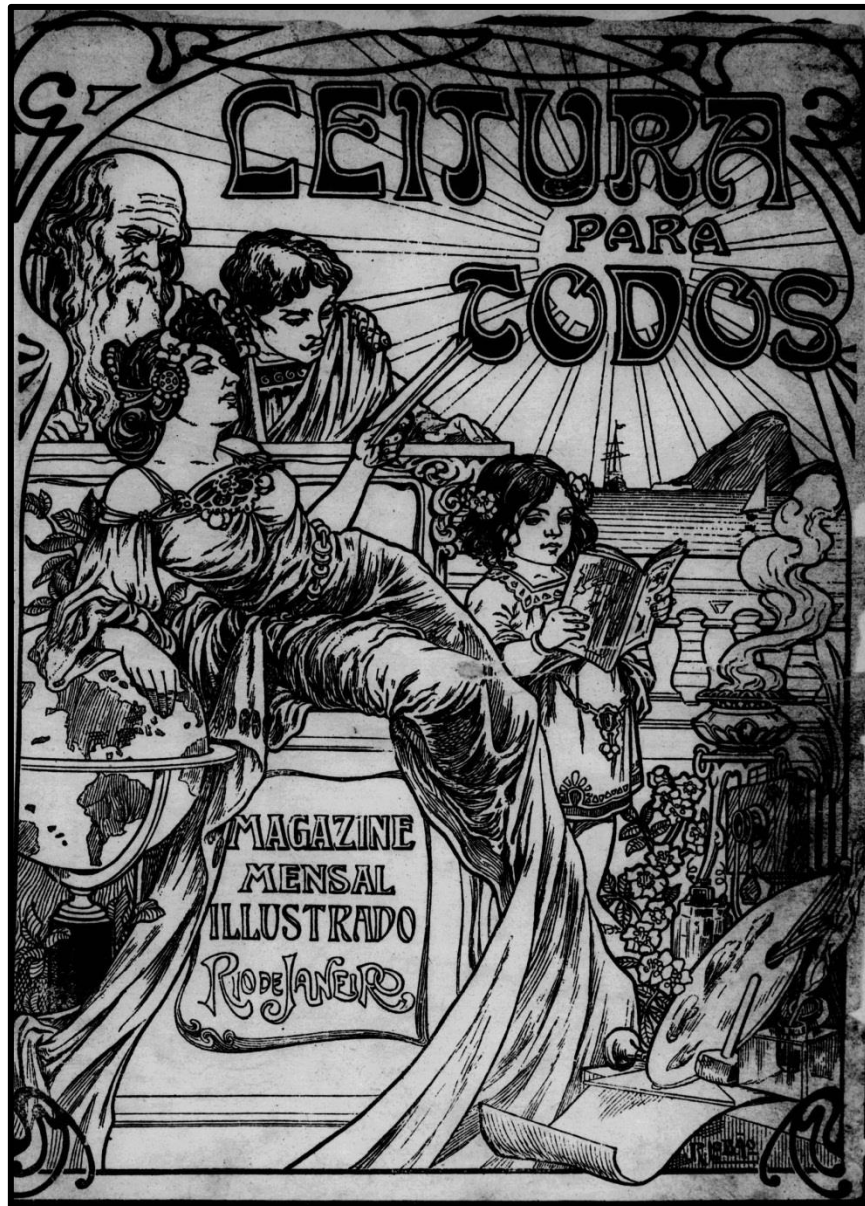
¹⁰⁰ Acerca desse processo, observar COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; e MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

à sua impressão. De acordo com a sua proposta de atingir a popularidade, garantia que ofereceria um preço acessível, para a qualidade gráfica colocada à disposição do público¹⁰¹.

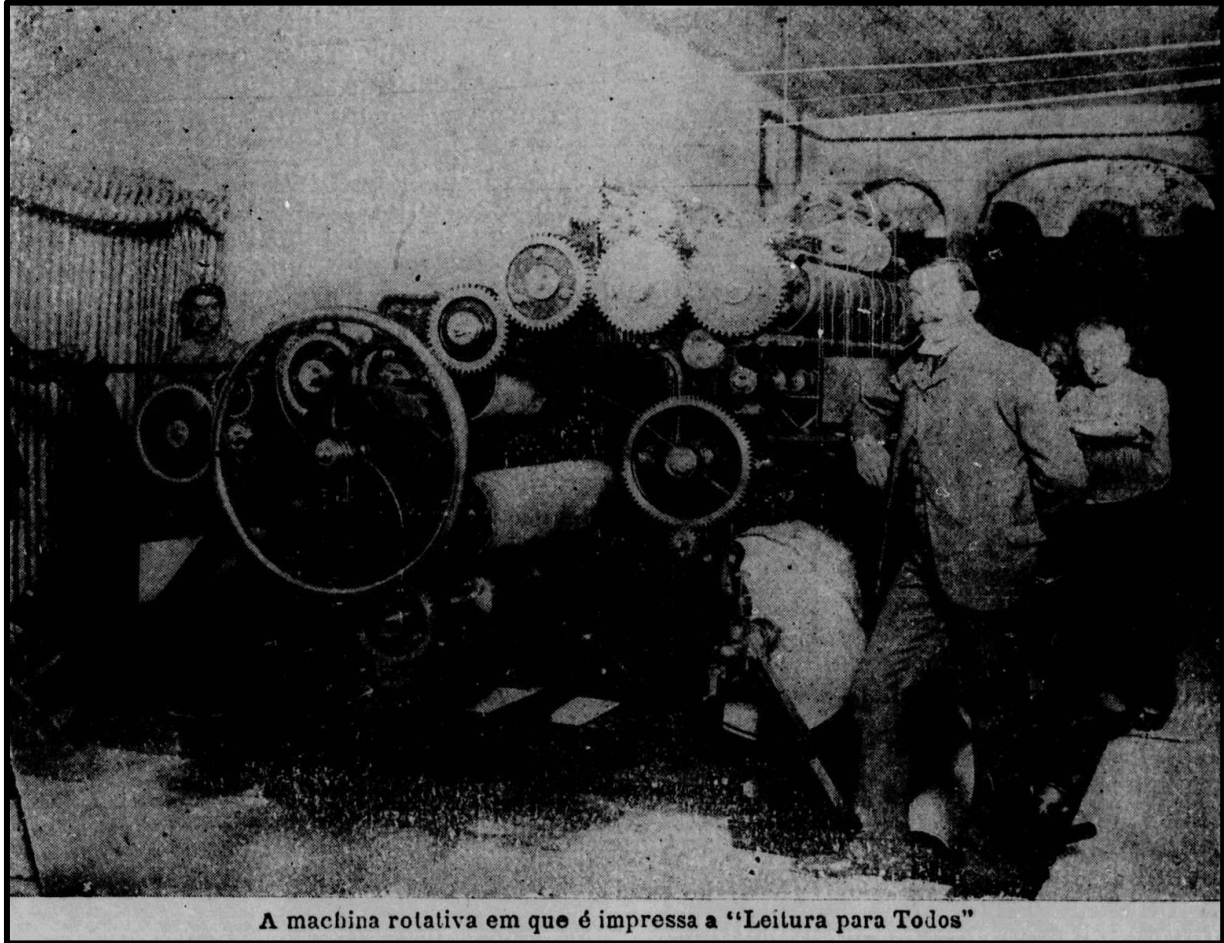
Segundo a redação, a revista estava destinada “a informar, instruir e deleitar a todo mundo, ocupando-se de tudo que a todos interessa”. Pretendia ser uma “revista de informação”, trazendo material iconográfico e um “texto claro e fácil, interessando-lhe “os fenômenos da natureza, os mecanismos industriais, as obras de arte, as noções científicas, os sistemas filosóficos, os sucessos históricos e políticos” e “as crises sociais e econômicas”. Garantia que em suas páginas haveria “rapidez na divulgação, imparcialidade na escolha dos assuntos, grande difusão, facilidade na exposição”, buscando enriquecer “o texto com uma profusão de desenhos e fotografias, que *mostrem* os fatos e expliquem as coisas, antes mesmo de lida a prosa fácil e leve que os acompanha”. Esclarecia ainda que “noutros tempos, as revistas eram para ser *lidas*, hoje são para ser *vistas*”, de modo que a *Leitura para todos* seria “a revista cinematógrafo”, sendo “as suas páginas a tela onde perpassará o mundo moderno, e onde se refletirão os gostos, os sucessos, as ideias, as tradições, os sonhos e os risos da alma brasileira”. Além da capa, as matérias de apresentação eram ilustradas com gravuras inspiradas na ação da leitura e com fotografias de diversas etapas da elaboração do periódico¹⁰².

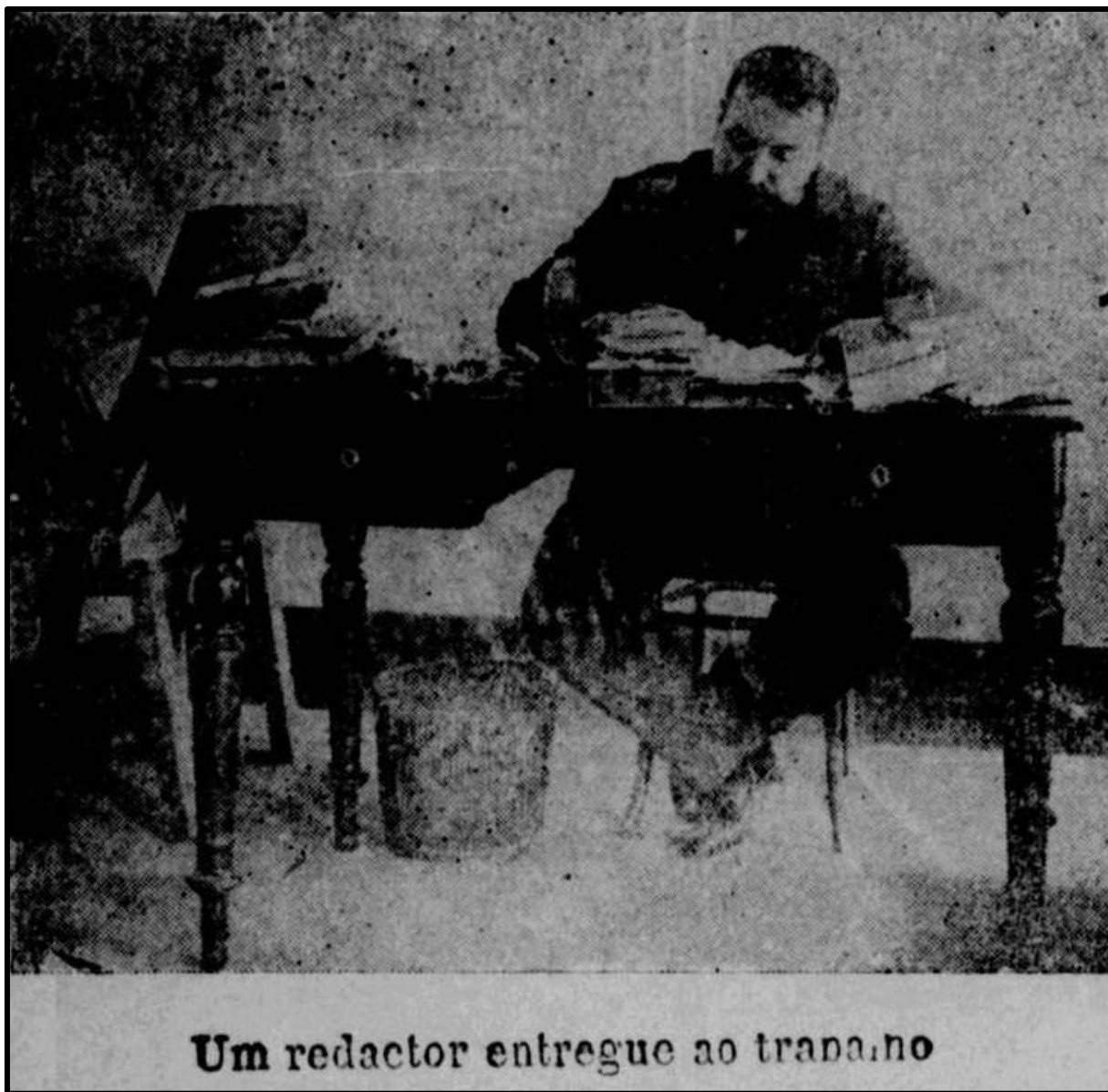
¹⁰¹ LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905, a. 1, n. 1, p. 1.

¹⁰² LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905, a. 1, n. 1, p. capa, 2-8.





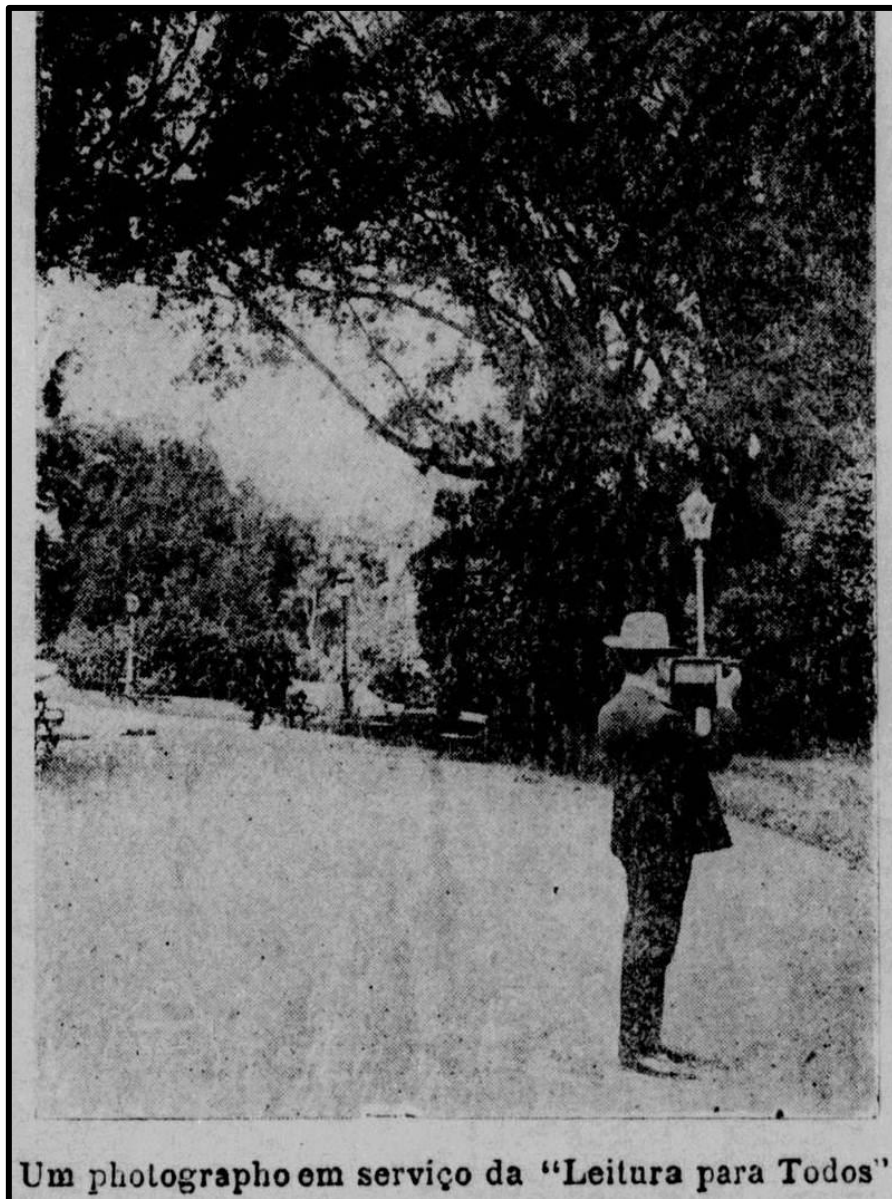
















A questão diplomática brasileiro-alemã contou com a cobertura da *Leitura para todos*, em matéria de sete páginas denominada “A visita da *Panther*”, publicada no segundo número da revista¹⁰³. O conteúdo do texto ficou concentrado na abordagem da ação germânica em torno de possíveis incorporações de contingentes populacionais de origem teutônica. Além disso, ficava implícita/explicita uma incursão ao expansionismo da Alemanha em suas práticas imperialistas, notadamente pela longa permanência em Santa Catarina, região brasileira de notória colonização e influência alemã. Em termos textuais, a ação da *Panther* em si acabava por ficar em segundo plano, entretanto, os registros fotográficos estampados no periódico contemplavam tal aspecto, ao trazer imagens acerca da tripulação, da canhoneira e da localidade de Itajaí.

#####

A *Panther*, cuja passagem em Itajaí se fez célebre, “veio visitar-nos”... Foi a nós, ou foi aos alemães, que ela veio visitar?... Tudo faz acreditar que a fineza não se dirigia a nós propriamente. Pelo menos, é essa a opinião do escritor cujos conceitos se leem aqui.

¹⁰³ LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, dez. 1905, a. 1, n. 1, p. 97-103.

Comentava-se, numa roda, o caso da *Panther*, e um médico que ouvia atento as narrativas e as opiniões, intervém:

– A propósito, vou contar-lhes o que me sucedeu, há tempos, quando andei exilado pelo oeste de S. Paulo, mascateando medicina. Fui chamado, uma tarde de domingo, para acudir a uma criança, filha de colonos italianos, e que fora atingida por uma bala de revólver, que o pai alvejara. Era um menino de quatro para cinco anos.

A bala, já sem força, alcançou-o em pleno peito, e ficou encravada no externo. Procurei extraí-la, mas o pai logo se opôs, se bem que soubesse tratar-se de uma operação sem maiores riscos. Então, pensei de mim para mim: “Ele está com receio que eu lhe vá cobrar mais caro – sosseguemo-lo”. E garanti-lhe que nada levaria pelo tratamento do pequeno. Apesar disto, continuou a oposição do italiano, a quem, é certo, eu tinha dito também que não havia nenhum perigo imediato, em ficar o projétil encravado ali no osso. Passam-se semanas, o pequeno está completamente bom, quando me aparece o pai, pedindo-me um atestado de que o filho foi ferido por um tiro e tem no tórax uma bala. “Para que tal atestado?” O homem hesita, mas, finalmente, confessa:

“É que, com esse atestado, ele fica dispensado de fazer o serviço militar...”. Sem atinar, repliquei-lhe: “Mas nós não temos serviço militar obrigatório!...” “Não; é em Itália...” E contou-me o homem, que, apesar, de estar no Brasil, o seu filho, chegado aqui com dez meses de idade, estava tão bem registrado, como se lá estivera; que havia uma escrituração perfeitamente organizada de todos os indivíduos masculinos de origem italiana, e que, chegado à idade do serviço,

cada um recebia o seu aviso convidando-o a ir entrar para as fileiras. Apontou-me assim dezenas de italianos, que eu supunha brasileiros, e que tinham feito já o seu período de soldado... De posse do meu atestado, ele iria ao consulado, e o filho estava isento...

Os que ouviram a narrativa do médico não viram onde estava o *a propósito* do caso. Foi preciso, então, que ele se explicasse melhor.

Isto que sucede com os italianos sucede – e de um modo muito mais perfeito com os alemães. A Alemanha, com as suas tradições, e ideias, e governo, exerce uma influência muito mais efetiva sobre as populações de origem germânica estabelecidas pelo sul do Brasil, que o próprio Brasil. É um fato, em grande parte natural. Em contraste as duas influências, a primeira deve ser mais poderosa. Mas, em grande parte, isto deriva principalmente do empenho, do esforço silencioso, mas aturado, do Kaiser em manter o prestígio da sua nação e da civilização germânica sobre essas populações. Não há que discutir se vai nisto qualquer pensamento oculto de futura conquista, ou se se trata, apenas, do desejo de influir indiretamente sobre o país, favorecendo assim a expansão comercial e a grandeza total da Alemanha.

O fato é o fato. O Estado germânico tudo faz para manter o seu ascendente sobre os alemães estabelecidos no Brasil.

O mesmo faria, se pudesse, quanto aos que estão nos Estados Unidos; mas, ali, o prestígio, o vigor da nacionalidade são muito mais acentuados, e os imigrantes são muito depressa absorvidos. Demais, aqui, essas populações se

encontram em condições excepcionais favoráveis para que a pátria de origem possa conservá-las assim, filiadas ao grande corpo de nacionalidade teutônica. São populações cujo núcleo foi inteiramente alemão, estabelecidas de chofre, vinculados os indivíduos uns aos outros, por outros laços além dos de nacionalidade; populações estabelecidas (principalmente as de S. Catarina) em zonas quase despovoadas, zonas mesquinhas, cuja grandeza e cuja vida se representam justamente na grandeza e na vida de tais colônias; populações entregues a si mesmas, quase fora do convívio do resto do país. Não há, por ali, grandes centros acentuadamente brasileiros, cujo viver, cuja intensidade, venha absorvendo as adventícias. Em tais condições, nada mais natural do que se conservarem “alemães” os alemães que lá se fixaram; nada mais fácil ao governo alemão do que acompanhar a vida de tais populações, e influir sobre elas, mantendo vivaz o seu prestígio. Um dos meios mais seguros e eficazes é este – trazer o maior número possível dos homens a servir nas fileiras do exército. Por um lado, é esta a confirmação absoluta que faz cada um deles de querer conservar a pátria de origem, fortalecendo-a, engrandecendo-a; por outro lado, passando um ou dois anos, lá na própria Alemanha, sujeito à disciplina militar, o colono refaz a sua mentalidade nos moldes germânicos.

Por isso, neste ponto, o governo alemão é intransigente. O registro da população teutônica do Brasil é rigorosamente feito, não só dos nascidos lá, como dos nascidos aqui, mas cujos países preferiram conservar-lhes a nacionalidade alemã. Têm todos de fazer o seu serviço militar, sem o que são considerados desertores, e perdem todos os benefícios que lhes traz o serem

alemães. Ao mesmo tempo, as autoridades – civis e militares de lá têm condescendências e tratos especiais para os que *reconhecem* o dever, e vão fazer o seu tempo de soldado. Ora, inegavelmente no Brasil, como em todos os países fracos, é uma vantagem preciosa pertencer a uma nacionalidade representada num Estado forte e poderoso, e os imigrantes fazem particular empenho, por isso, em conservar a sua nacionalidade.

“Eu mesmo já fui companheiro de um *alemão*, nascido no Brasil, no Rio Grande do Sul, e que ia fazer o seu serviço militar na Alemanha. É dele que eu tenho muitas destas informações...”.

Assim nos explicava o médico o seu pensar. A viagem da *Panther* foi, a seu ver, uma viagem de inspeção, servindo ao mesmo tempo para acordar no ânimo dos tíbios a ideia do dever para com a pátria distante.

Distante, mas suficiente poderosa para trazer a sua ação até cá. Depois, todas essas festas, com que ela foi recebida, todo esse movimento, despertam, reanimam, reforçam, as ideias e sentimentos germânicos nas almas daquelas populações.

“Não leram, os senhores, as notícias de tais festas e recepções?... Foram festas de família, irmãos que se abraçam, pais e filhos que se beijam e se afagam. Houve um recalcitrante rebelde; algumas palmadas, mas fortes, provaram-lhe que a Alemanha, mesmo aqui, podia *chamá-lo ao cumprimento do dever*. Eis a razão por que Steinhauff foi preso, e foi arrombado o hotel de Itajaí... Depois dessa demonstração, e de outras *amostras* análogas em Santos, os

alemães que traziam o pensamento de não ir fazer o seu tempo de serviço, mudaram talvez de ideia...”.

Havia no nosso médico, porventura, um pouco de exagero – esse modo de ver as coisas apenas por um lado; mas verdade é que, um viajante, havendo percorrido todo o Brasil, por onde o Brasil é brasileiro, se for transportado aos centros de Blumenau ou de Joinville, acreditará estar em outro país. O campo tem aspecto das campanhas alemãs, nos pontos mais florescentes e úberos: as mesmas culturas, o mesmo trato das terras, a mesma gente, a mesma língua, os mesmos costumes. As povoações, com os seus jardins, a disposição das ruas, os hábitos das gentes, lembram as pequenas cidades do Reno, com as suas cervejarias. Em Joinville, por exemplo, $\frac{3}{4}$ da população é de origem alemã ou polaca. A língua corrente, tanto ali como no centro de Blumenau (Itajaí), é alemã. Atas de intendências municipais redigem-se em alemão; escolas públicas há onde a língua vernácula é o alemão.

Nem se compreende que seja de outra forma. Se o indivíduo sabe naturalmente o alemão, se a maioria das pessoas é alemã, e é em alemão que se exprime, cada indivíduo continuará a cultivar essa língua, e fará ensiná-la aos filhos – será a língua usual. Não é por patriotismo que isto se faz, é por comodidade. Não é o patriotismo que leva os alemães de Santa Catarina a ter como vernáculo o alemão; mas este fato – o uso corrente da língua germânica concorre para mantê-los estranhos à nossa nacionalidade. E é por isso que o governo italiano, por exemplo, tanto se esforça por disseminar escolas italianas

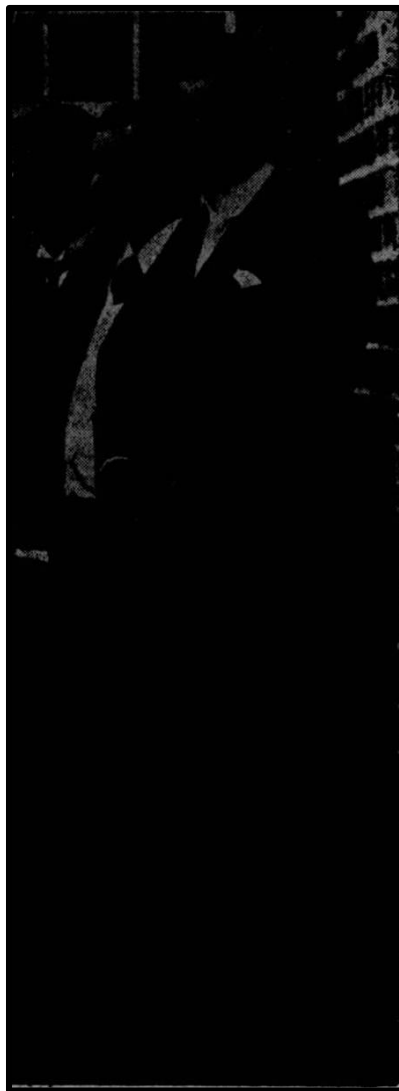
nas zonas do Brasil e de outros países, onde existem colonos italianos. Agora mesmo lá se debate com empenho essa questão.

O homem é um animal intelectual, e a língua é a forma do pensamento. Usar de uma língua é entrar para as ideias correntes e características do povo e da civilização a que ela pertence. Ninguém reconhece melhor essa verdade que o governo alemão; e é por isso que ele, querendo germanizar a Alsácia-Lorena e a Polônia, começou embaraçando, proibindo, quanto possível, o uso do francês e do polaco, e tornando o alemão obrigatório.

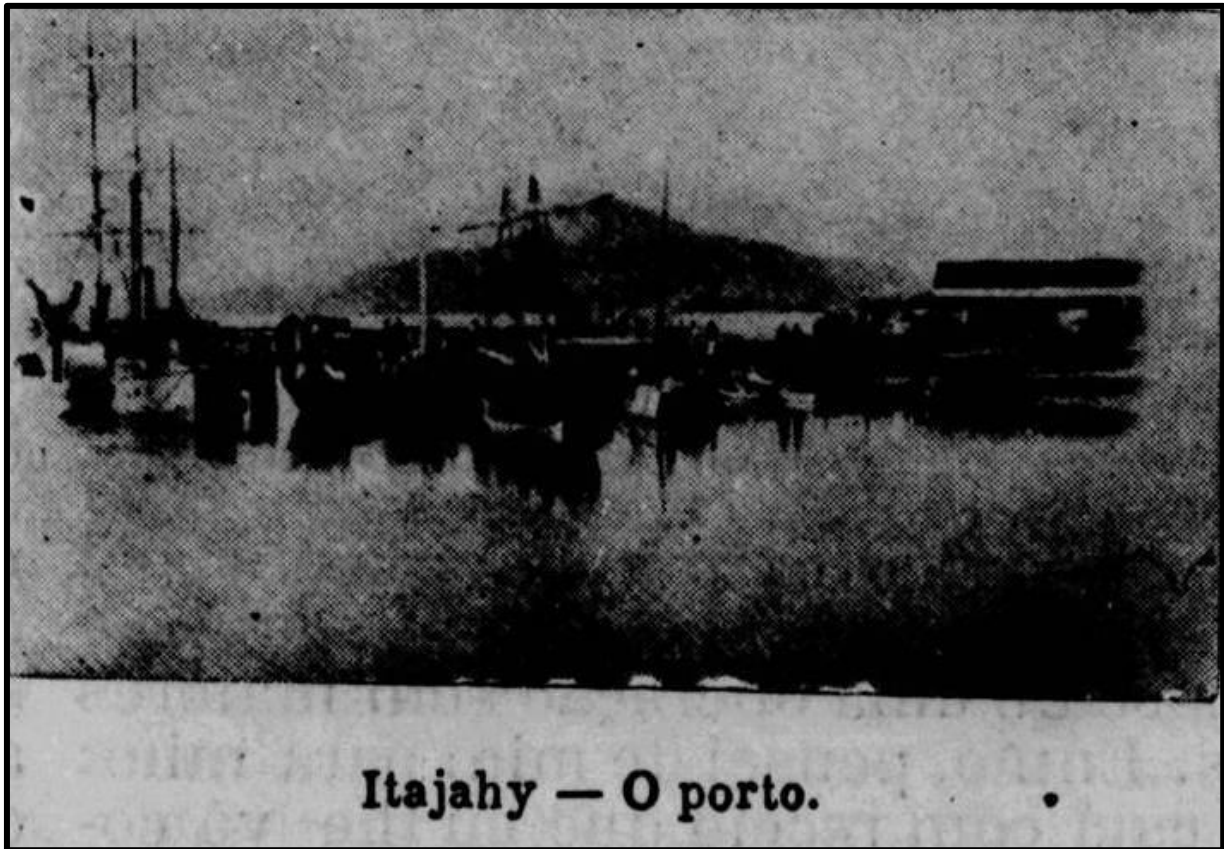
Para tais caso, porém, a violência nem sempre é o melhor processo. As conquistas suasórias são as mais eficazes. Infiltemos o português nas cidades alemãs de Santa Catarina; e, depois, de poderá dizer com razão que os brasileiros dali são tão brasileiros como os do Ceará ou do sertão da Bahia.



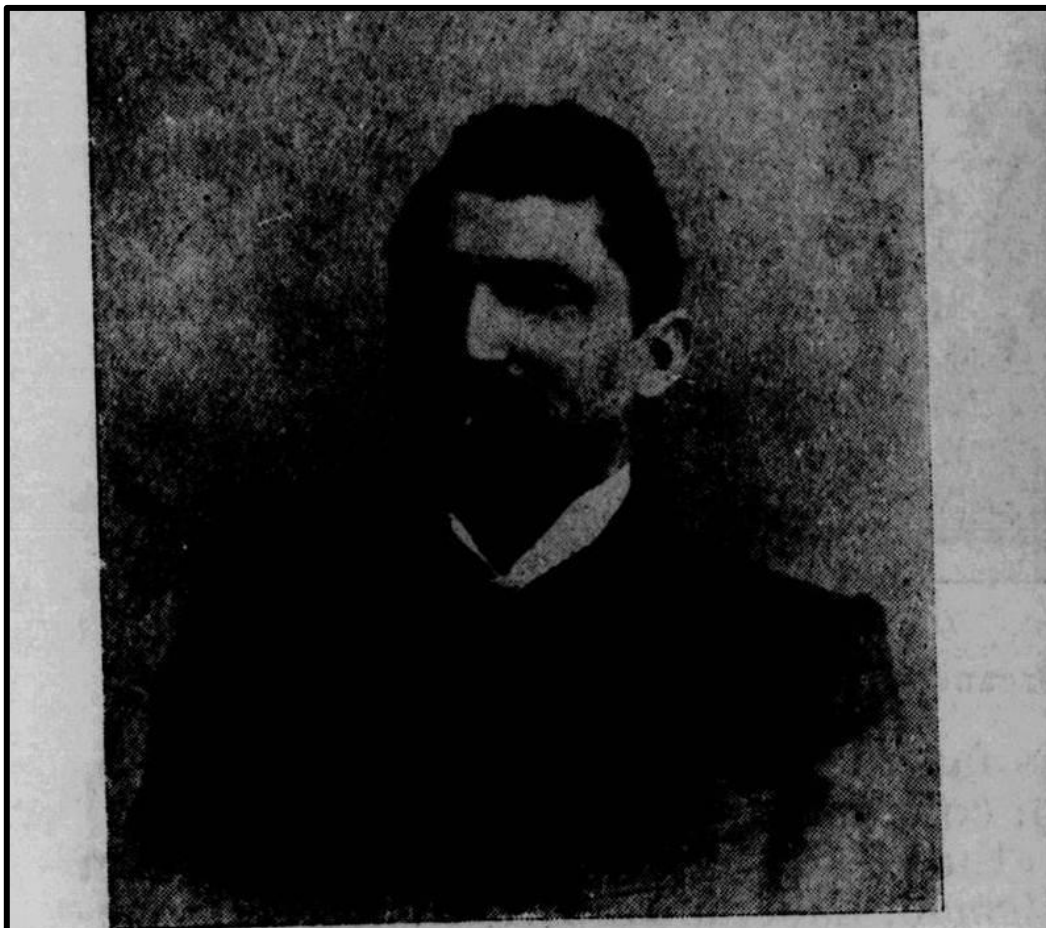




A comissão encarregada das festas para a recepção dos officiaes e inferiores da canhoneira «Panther» em Itajahy. O primeiro á direita é o consul allemão em Itajahy, Max Putter.



Itajahy — O porto.



Dr. Antonio Wanderley Navarro Pereira Lins, juiz de direito da cidade de Itajahy, e que foi quem mandou proceder ao inquerito sobre o caso de desembarque de officiaes e marinheiros da «Panther». alta noite.



o commandante e officiaes da «Panther» desem-
barcados em Itajahy, para assistirem o
banquete que lhes foi offerecido.

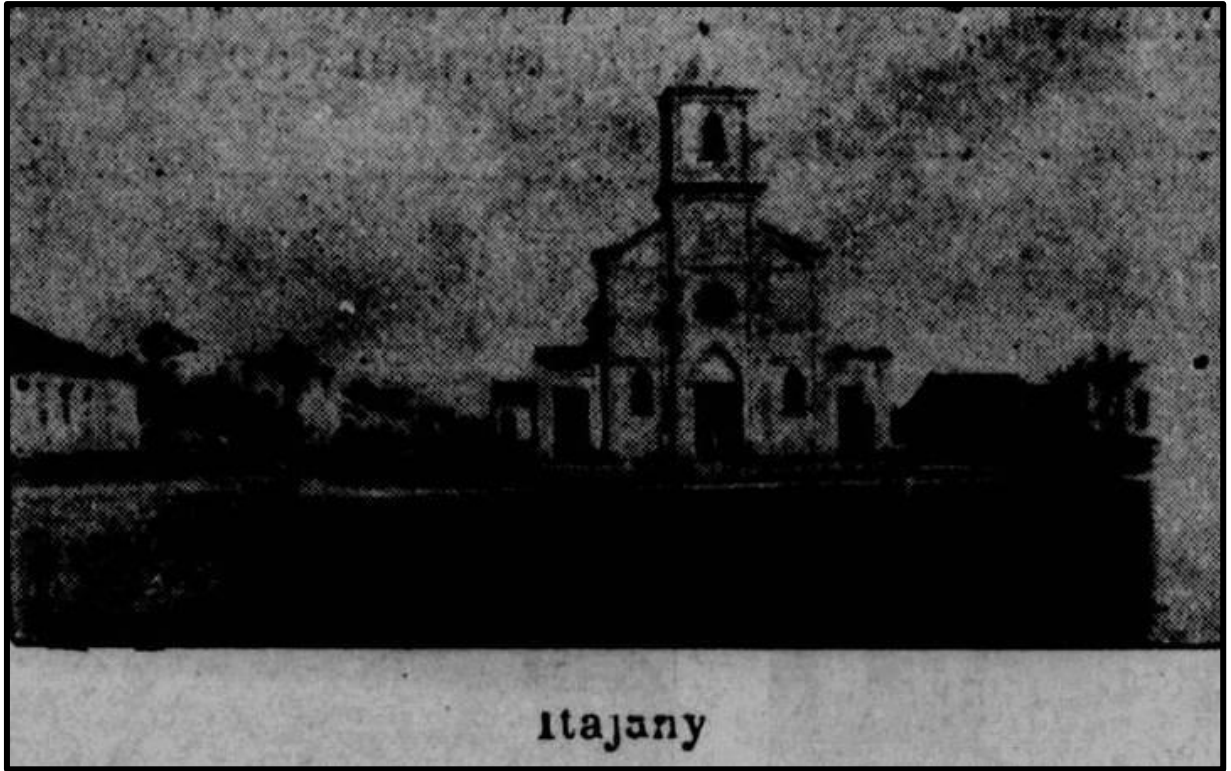


Itajahy—Rua Dr. Hercilio Luz



O consulado allemão em Itajahy







A banda de musica da «Panther» desembarcando para ir tocar no banquete oferecido aos officiaes, em Itajaby





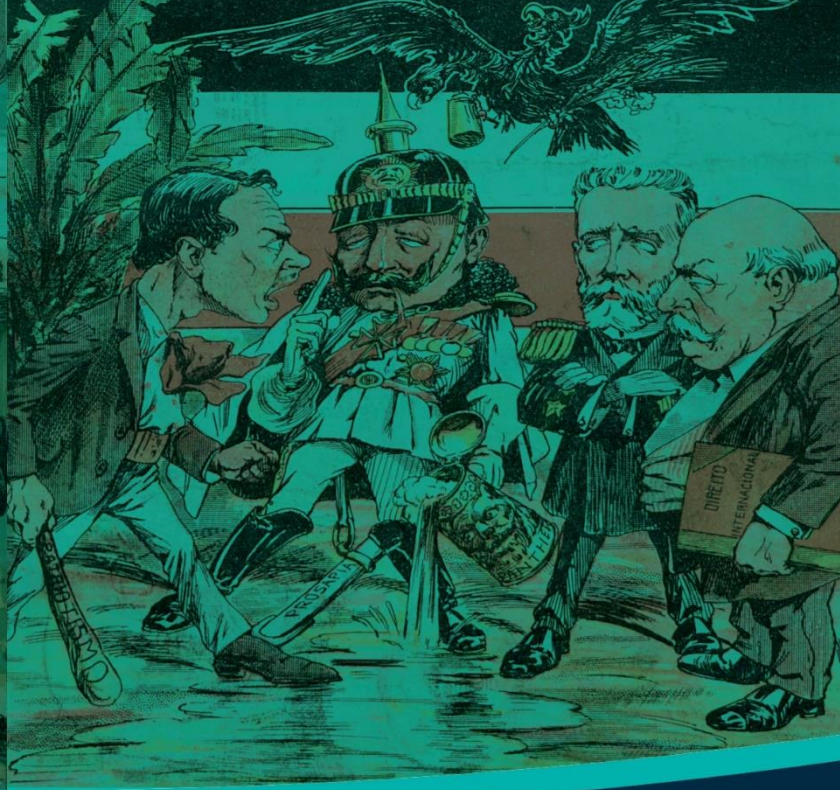
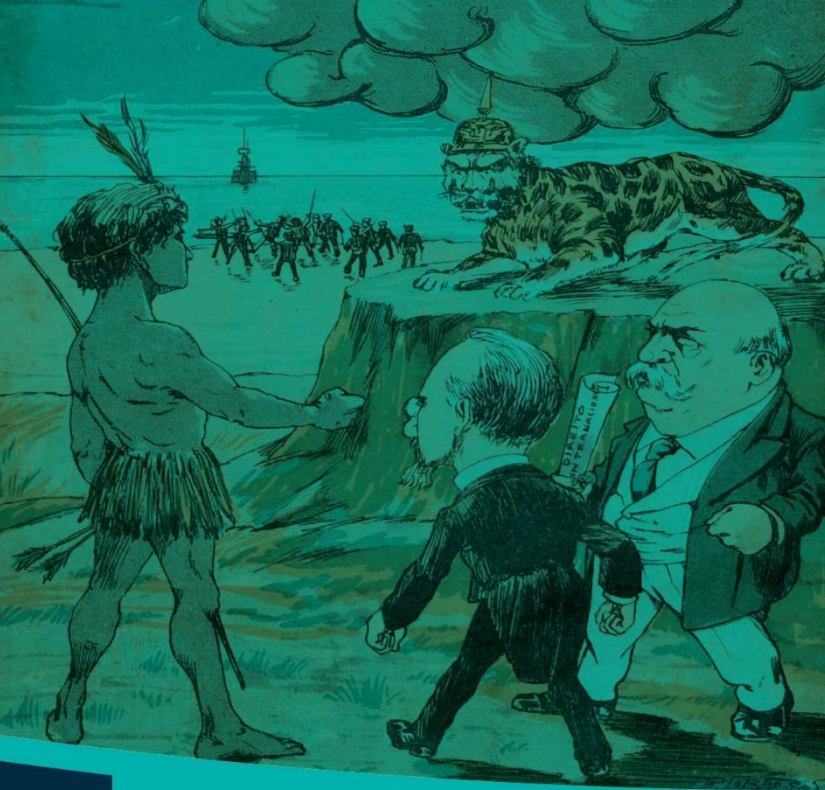


Itajubá - Rua Dr. Lauro Muller





A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção
Documentos
63

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

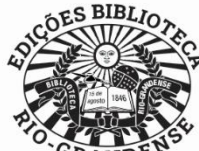
CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



**EDIÇÕES BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



9 786589 557500

edicoesbibliotecariograndense.com

ISBN: 978-65-89557-40-0